

CAMPUS DE FOZ DO IGUAÇU
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E SAÚDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ENSINO - MESTRADO

PAULA MARINA MENDES

**O GÊNERO DISCURSIVO CONVITE DE CASAMENTO: CONFIGURAÇÃO E
PROPOSTA DIDÁTICA PARA AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

FOZ DO IGUAÇU
2022

PAULA MARINA MENDES

**O GÊNERO DISCURSIVO CONVITE DE CASAMENTO: CONFIGURAÇÃO E
PROPOSTA DIDÁTICA PARA AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ensino (PPGEEn) – Nível Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE –Campus de Foz do Iguaçu, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Linha de Pesquisa: Ensino em Linguagens e Tecnologias

Orientadora:

Profa. Dra. Mariangela Garcia Lunardelli

FOZ DO IGUAÇU
2022

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do
Sistema de Bibliotecas da Unioeste

Mendes, Paula Marina

O gênero discursivo convite de casamento: configuração e proposta didática para aulas de língua portuguesa / Paula Marina Mendes; orientadora Mariangela Garcia Lunardelli. -- Foz do Iguaçu, 2022.

164 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Foz do Iguaçu) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino, 2022.

1. Estudos Dialógicos da Linguagem. 2. Ensino de Língua Portuguesa. 3. Gênero Discursivo. 4. Proposta Didática. I. Lunardelli, Mariangela Garcia , orient. II. Título.



Campus Foz do Iguaçu

Centro de Educação, Letras e Saúde-
CELS Programa de Pós-Graduação em
Ensino – Mestrado

PAULA MARINA MENDES

**O GÊNERO DISCURSIVO CONVITE DE CASAMENTO: CONFIGURAÇÃO E
PROPOSTA DIDÁTICA PARA AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Ensino, área de concentração Ciências, Linguagens, Tecnologias e Cultura, linha de pesquisa Ensino em Linguagens e Tecnologias, APROVADA pela seguinte banca examinadora:

Orientadora – Mariangela Garcia Lunardelli

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)

Márcia Adriana Dias Kraemer

Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus de Realeza (UFFS)

Maridelma Laperuta Martins

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)

Foz do Iguaçu, 03 de junho de 2022.

À minha família, meu alicerce que, com amor e carinho, me encorajou nessa nova jornada.

A professoras e professores de Língua Portuguesa que fazem a diferença na sala de aula cotidianamente, que buscam o diálogo com os seus alunos por meio do ensino, com um novo olhar para as práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística.

À defesa dos direitos humanos das mulheres e dos direitos humanos para todos os gêneros.

AGRADECIMENTOS

A conquista do título de mestre sempre foi um dos meus objetivos como professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Por esse motivo, estimo agradecer a todos que, de modo direto ou indireto, contribuíram para a realização de mais um objetivo de vida almejado, principalmente no âmbito de minha carreira profissional na área da educação. Mas de maneira especial, gostaria de agradecer:

A Deus, por tamanha graça e pelo amparo nos momentos mais difíceis. Quando caí, o Senhor me fez levantar concedendo foco, força, coragem e determinação, para que esse sonho de realizar ao Mestrado fosse concretizado até o final da pesquisa. Obrigada, Deus, por me capacitar e me conceder o entendimento necessário, que tudo é no seu tempo e não no meu.

Agradeço à minha querida e sempre presente orientadora, Prof^a. Dr^a. Mariangela Garcia Lunardelli, por ter me orientado nesta pesquisa de forma excepcional e que tem compartilhado a caminhada acadêmica comigo desde os primeiros passos. Professora Mariangela, obrigada por ter aparecido em minha vida com sua paz, luz e sabedoria e me guiado nas escolhas certas, pelo incentivo de agarrar as oportunidades mais proveitosas para a concretização dessa pesquisa. Obrigada por não ser apenas minha orientadora, mas por ser uma pessoa humana imensamente compreensiva, atenciosa, gentil, por toda sua atenção nos meus momentos felizes e infelizes. Como a senhora costuma dizer: *“Nada é por acaso”*, eu tenho certeza que essa minha jornada teria sido muito mais incerta sem sua presença para guiar o meu caminho com a sua luz. Vencemos juntas mais uma etapa, mais um ciclo que se encerra. Nesse momento, novas portas se abrirão rumo a desafios e conquistas. Agradeço de coração, minha querida amiga orientadora. Obrigada por tudo!

À banca de qualificação e de defesa, às respeitáveis professoras Dra. Maridelma Laperuta Martins e a Dra. Márcia Adriana Dias Kraemer, pelas considerações e pelas reflexões valiosas acerca desta pesquisa.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino – UNIOESTE, com os quais tive o prazer de aprender e dividir reflexões em disciplinas cursadas de forma remota e síncrona, por vídeo conferência, devido à pandemia de Covid-19.

Esses profissionais que se desdobraram mais do que nunca e tiveram que se reinventar diariamente no aprimoramento do aprendizado dos acadêmicos nesse formato de ensino. Agradeço aos colegas do mestrado com os quais muito aprendi e que contribuíram com a minha pesquisa.

Agradeço o auxílio de todos os funcionários da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Foz do Iguaçu. O campus se tornou a minha segunda casa não apenas ao longo de minha graduação, mas principalmente ao final do Mestrado.

Agradeço a todas as professoras integrantes do Grupo de Pesquisa ALEF – Análise Linguística, Ensino e Formação (Capes/CNPq), por todas as reuniões, os ensinamentos, as contribuições e as recomendações que fizeram a diferença nesta pesquisa.

A todos os cedentes dos convites de casamento analisados nesta dissertação de Mestrado, as famílias “Diamante”, “Rubi”, “Ônix” e “Papel”, muito obrigada por terem considerado minha pesquisa digna de resgatar a memória afetiva desse dia tão especial para os casais e os familiares.

Agradeço à minha família amada que, mesmo distante, principalmente nesse momento de pandemia, me deram forças para a realização de mais um objetivo de vida. Em especial à minha querida vó Ivone Mendes (*in memoriam*) por todos os ensinamentos de vida e por amar sua família incondicionalmente. Com a senhora, nunca nos faltaram alegrias mesmo em tempos de tristeza; o seu incentivo e a sua fé nos mostravam que haveria luz no fim do túnel, sobretudo mesmo quando a senhora já não podia mais falar, havia diálogo com todos à sua volta por meio de gestos e com o seu olhar. Saudades eternas.

Agradeço à minha mãe Angela, por todo incentivo aos estudos que nortearam a minha vida e, mesmo à distância, por ter me dado forças, determinação e coragem para a realização desse sonho. Ao meu Irmão Glauco, pelo apoio, carinho e incentivo que me mantiveram de pé em momentos difíceis.

Em especial, agradeço ao meu amigo, companheiro e grande amor, o meu esposo Vanderlei, pela força, paciência e compreensão nesse período de árduo estudo e ausência. Pelo

apoio em todos os projetos da minha vida, me dando motivação para realizar projetos grandiosos.

Aos amigos próximos, aos de longa data, em especial às minhas queridas amigas Adriana, Dayane e Mirian por todo apoio nos estudos e por vibrarmos juntas pelas conquistas umas das outras. À minha amiga Yelva, obrigada por abrir as portas de sua casa, pelas conversas, pelo suporte, a mão estendida sempre que precisei nesse momento árduo.

Agradeço à CAPES cujo auxílio financeiro ampliou as possibilidades desta pesquisa, sem o qual ser professora pesquisadora nesse país seria uma tarefa muito mais árdua do que certamente já o é.

Por fim, agradeço aos cidadãos brasileiros que bravamente contribuem em tempos de crise financeira, investindo na educação do país por meio do pagamento de impostos, que auxiliam em verbas com destinos à pesquisa para a manutenção de programas de pós-graduação no país. A todos os cidadãos brasileiros que acreditam na Ciência e na Universidade pública, gratuita e de qualidade, no anseio de um país melhor.

A todas e todos, meu muito obrigada!

UM MESTRADO OCORRIDO NA PANDEMIA DE COVID-19

Ao constatar o meu nome no edital de classificação do programa de Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ensino (PPGEEn) – Nível Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, ocorreu-me um turbilhão de emoções. Eu não via a hora de iniciar o Mestrado, conhecer docentes das disciplinas e colegas do programa. Essa emoção aumentou na primeira reunião presencial que o Programa ofereceu, no início de março de 2020. Pudemos conhecer o regulamento do Programa, docentes e discentes com os/as quais passaríamos a conviver durante o Mestrado nos dois anos seguintes.

Desde a chegada da pandemia de Covid-19 no Brasil, as atividades acadêmicas letivas presenciais na Universidade foram suspensas. Com surtos em vários países e regiões do mundo, a pandemia gerou grandes impactos na vida de todos os seres humanos nos anos de 2020 e 2021. Uso frequente de máscaras, higienização das mãos com álcool em gel, distanciamento entre as pessoas e novas dinâmicas de estudo e trabalho, enfrentadas em um momento de incertezas. Somente em 2022 houve redução dos riscos e do número de casos graves e de mortes causadas pelo vírus, possibilitando a retomada de todas as atividades presenciais.

No primeiro momento, lá em março de 2020, achávamos que iríamos ficar confinados sem aulas no máximo 15 dias, mas infelizmente não foi bem assim. Para não prejudicar ainda mais as pesquisas, as docentes Mariangela Garcia Lunardelli e Maridelma Laperuta Martins encaminhavam para o e-mail dos mestrandos leituras importantes para todas as pesquisas, referentes à disciplina *Seminário de Pesquisa em Leitura, Escrita e Práticas Educativas em Linguagem*. Somente após a deliberação do Colegiado do Programa, que autorizou a adoção das aulas das disciplinas ofertadas, possibilitando a substituição de aulas presenciais por aulas remotas síncronas, é que tiveram início as nossas aulas, a partir do dia 17 de junho de 2020.

Desde então, todas as aulas foram ofertadas via *Google Meet*, *Microsoft Teams* e *Zoom*, conforme a adaptação de cada docente das disciplinas. A minha turma de Mestrado em Ensino na Unioeste foi a primeira (e única desse Programa) a ocorrer integralmente na pandemia. Todos nós, docentes e discentes, nos reinventamos nesse novo formato de ensino e nossas rotinas foram alteradas. O espaço das aulas presenciais, que deveriam ser realizadas no Campus da Unioeste, passou para uma tela de computador, todos aprendendo a lidar com as tecnologias para realização das aulas, apresentação de trabalhos, projetos, eventos, exames de proficiência, bancas de qualificação e de defesa.

Conexões de internet instáveis, computadores ficando lentos e obsoletos com as novas tecnologias. Os colegas passaram a ser fotos do perfil nas plataformas, pois, em muitos momentos, se todos estivessem com as câmeras ligadas, as aulas travavam ou a conexão caía. Algumas vezes, as dúvidas ou os debates eram conduzidos por mensagens no chat. A falta de espaço adequado com silêncio para as atividades remotas: o barulho do vizinho, dos cachorros, das crianças, do cortador de grama, do tal “carro do ovo”. Além disso, o falecimento de entes queridos, a vulnerabilidade socioeconômica e o desemprego de muitas pessoas.

Tudo isso gerou, de forma significativa, muita pressão para docentes e discentes, sintomas de ansiedade, estresse, medo, pois, de uma hora para outra, o que estávamos acostumados mudou de forma drástica, prejudicando o desenvolvimento de muitas pesquisas. Desse modo, novos prazos de qualificação e defesa dos pós-graduandos foram solicitados, pelas mudanças abruptas que impactaram na capacidade de dedicação à pesquisa.

Quando pensamos no projeto desta pesquisa, sabíamos que haveria mudanças ao longo da dissertação, contudo não imaginávamos que estas seriam causadas por uma pandemia. Nosso objetivo inicial era propor, aplicar e avaliar a didatização do gênero discursivo convite de casamento. Entretanto, quando nos deparamos com o cenário mundial totalmente alterado em virtude de um vírus não conhecido e sem tratamento, causando a morte de milhares de pessoas, não tivemos outra alternativa a não ser nos adaptarmos para que a pesquisa não parasse, visto que, com as escolas fechadas, não seria possível a aplicação da proposta didática.

Minha orientadora e eu nos encontramos presencialmente para a primeira orientação, em março de 2020. Logo após, foi decretado o *lockdown* imposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Daquele momento em diante, todas as orientações que culminaram nesta pesquisa foram via *Google Meet*, ligações de vídeo e áudios pelo *Whatsapp*. Com os casos da pandemia diminuindo em 2022, graças ao avanço das vacinas contra a COVID-19 e regras de distanciamento flexibilizadas, tivemos a nossa orientação presencial antes da defesa desta dissertação, acompanhada de um grande abraço caloroso cheio de saudades.

Mesmo com os entraves no caminho, encontramos novas direções para a concretização desta pesquisa, com uma proposta didática para as aulas de Língua Portuguesa do ensino médio. Esperamos que esta dissertação, bem como todas as outras desenvolvidas no contexto pandêmico, fique na memória daqueles que leem esta apresentação, como um tempo-espaço de luta e recomeço. Que todo esse momento por que passamos na pandemia de Covid-19 seja para sermos gratos pela vida e pelos que permanecem ao nosso lado. Que a cada novo dia nossas esperanças sejam renovadas, com uma vida saudável, plena de alegrias e em paz!

Natureza dialógica da consciência, natureza dialógica da própria vida humana. A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal.

Mikhail Bakhtin

MENDES, Paula Marina. **O gênero discursivo convite de casamento**: configuração e proposta didática para aulas de Língua Portuguesa. 2022. 164 p. Dissertação (Mestrado em Ensino). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu.

RESUMO

Esta pesquisa procura analisar as dimensões do convite de casamento pela perspectiva bakhtiniana dos gêneros do discurso e propor sua didatização para as aulas de Língua Portuguesa do ensino médio. Por apresentar contextos de produção, circulação e recepção próprios, interlocutores envolvidos em suas posições ideológicas, conteúdo temático único, estrutura composicional definida e marcas linguístico-enunciativas peculiares, o convite de casamento traz grandes possibilidades de estudo na área dos estudos dialógicos da linguagem. A pesquisa ancora-se em três eixos teóricos: i) o eixo do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2010; 2013; 2016; VOLOCHÍNOV, 2013; VOLOCHINOV, 2018), de base filosófico-linguística, para o estudo dos enunciados concretos pertencentes ao gênero discursivo convite de casamento; ii) o eixo dos estudos sobre o contexto histórico do casamento, tendo em vista a cerimônia de casamento como evento sócio-histórico-discursivo, por Del Priore (2007; 2011), Engels (2012), Gandra (1983) e Prost e Vincent (1992); e iii) o eixo didático, fundamentado na Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 1991; 2013; 2019) e adaptado da proposta didática específica para os gêneros do discurso de Lunardelli (2021). A partir dos três eixos, investigam-se: i) Como seriam as dimensões extraverbal e verbovisual do convite de casamento, à luz da perspectiva bakhtiniana dos gêneros do discurso? E ii) De que modo os estudos dialógicos da linguagem brasileiros, alinhados à Pedagogia Histórico-Crítica, podem propor caminhos didáticos ao ensino do gênero discursivo convite de casamento para as aulas de Língua Portuguesa do ensino médio? Como objetivo geral, a pesquisa intenta investigar a configuração do gênero discursivo convite de casamento pela perspectiva do Círculo de Bakhtin e propor encaminhamentos didático-metodológicos para o ensino do gênero. Como objetivos específicos, elencam-se: i) discutir os conceitos relacionados ao escopo do gênero do discurso pela perspectiva do Círculo de Bakhtin e pelos estudos dialógicos da linguagem brasileiros; ii) contextualizar histórica e socialmente o casamento como cerimônia/evento; iii) identificar as dimensões extraverbal e verbovisual de enunciados do gênero discursivo convite de casamento; e iv) propor caminhos didáticos para o ensino do gênero discursivo convite de casamento nas aulas de Língua Portuguesa do ensino médio. Esta pesquisa teórica caracteriza-se por ser de natureza social, pertencendo à Linguística Aplicada, de abordagem qualitativa, com análise documental por amostragem. A geração de dados se configura a partir dos convites de casamento cedidos pelas famílias, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. No que concerne à análise dos convites de casamento, considera-se que há mudanças significativas de relacionamento afetivo na sociedade, transformações e processos de construção familiar: de uma sociedade com valores mais conservadores para uma sociedade mais criativa e aberta para novos amores. O trabalho com tal gênero discursivo nas aulas de Língua Portuguesa do ensino médio é relevante, a fim de os professores refletirem com os seus alunos a respeito das diversas formas de ensinar e de aprender a língua portuguesa, aliadas à ampliação do repertório dos gêneros discursivos como objetos de ensino-aprendizagem. Por fim, a pesquisa contribui para a inserção do gênero discursivo convite de casamento nas aulas de Língua Portuguesa, promovendo a reflexão sobre o posicionamento social/ideológico dos seres humanos com o casamento.

PALAVRAS-CHAVE:

Estudos Dialógicos da Linguagem; Ensino de Língua Portuguesa; Pedagogia Histórico-Crítica; Gênero Discursivo; Convite de casamento.

MENDES, Paula Marina. **The discursive genre of wedding invitation:** configuration and didactic proposal for Portuguese Language classes. 2022. 164 p. Dissertation (Master's degree in Teaching). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu.

ABSTRACT

This research seeks to analyze the dimensions of the wedding invitation from the Bakhtinian perspective of discourse genres and to propose its didacization for high school Portuguese classes. By presenting its own contexts of production, circulation, and reception, interlocutors involved in their ideological positions, unique thematic content, defined compositional structure, and peculiar linguistic-enunciative marks, the wedding invitation brings great possibilities for study in the area of dialogical language studies. The research is anchored on three theoretical axes: i) the Bakhtin Circle axis (BAKHTIN, 2010; 2013; 2016; VOLOCHÍNOV, 2013; VOLÓCHINOV, 2018), of philosophical-linguistic basis, for the study of concrete utterances belonging to the discursive genre wedding invitation; ii) the axis of studies on the historical context of marriage, taking into account the wedding ceremony as a socio-historical-discursive event, by Del Priore (2007; 2011), Engels (2012), Gandra (1983), and Prost and Vincent (1992); and iii) the didactic axis, grounded in Critical-Historical Pedagogy (SAVIANI, 1991; 2013; 2019) and in specific didactic proposal for genres of discourse, by Lunardelli (2021). From the three axes, we investigate: i) What would the extraverbal and verbal-visual dimensions of the wedding invitation look like, in the light of the Bakhtinian perspective of discourse genres? ii) In what ways can Brazilian dialogical language studies, aligned to Critical-Historical Pedagogy, propose didactic paths to teaching the discursive genre wedding invitation for high school Portuguese classes? As a general objective, the research aims to investigate the configuration of the discourse genre of wedding invitations from the perspective of Bakhtin's Circle and to propose didactic-methodological directions for the teaching of the genre. As specific objectives, they are listed: i) discuss the concepts related to the scope of genre of discourse from the perspective of Bakhtin's Circle and Brazilian dialogical studies of language; ii) historically and socially contextualize marriage as a ceremony/event; iii) identify the extraverbal and verbal-verbal dimensions of utterances of the discursive genre wedding invitation; and iv) propose didactic paths for the teaching of the discourse genre wedding invitation in high school Portuguese classes. This theoretical research is characterized by being of a social nature, belonging to Applied Linguistics, of qualitative approach, with documentary analysis by sampling. The data generation is configured from the wedding invitations given by the families, by means of the Free and Informed Consent Form. Regarding the analysis of the wedding invitations, it is considered that there are significant changes in affective relationships in society, transformations and family building processes: from a society with more conservative values to a more creative and open society for new loves. Working with this discourse genre in high school Portuguese classes is relevant, in order for teachers to reflect with their students about the various ways of teaching and learning the Portuguese language, allied to expanding the repertoire of discourse genres as teaching-learning objects. Finally, the research contributes to the insertion of the discourse genre wedding invitation in Portuguese language classes, promoting reflection on a given social/ideological positioning of man in his world, in this case, the relationship of human beings with marriage.

KEY WORDS:

Dialogic Language Studies; Portuguese Language Teaching; Critical Historical Pedagogy; Discourse Genre; Wedding invitation.

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 - Etapas da pesquisa..... | 27 |
| Quadro 2 - As famílias dos convites de casamento | 29 |
| Quadro 3 – Questionamentos que podem direcionar a análise da dimensão social do gênero | 31 |
| Quadro 4 – Questionamentos que podem direcionar a análise da dimensão verbal (ou verbovisual) do gênero | 32 |
| Quadro 5– Síntese da análise dos convites de casamento | 115 |
| Quadro 6 – Esquema geral de projeto para produção escrita de gêneros discursivos na escola | 123 |
| Quadro 7 – Esquema geral da proposta didática do gênero discursivo convite de casamento para aulas de Língua Portuguesa | 129 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 – Reverso e anverso do convite de casamento – família “Diamante” – pais (1958) . | 88 |
| Figura 2 – Interior do convite de casamento – família “Diamante” – pais (1958)..... | 88 |
| Figura 3 – Nota de jornal sobre o casamento – família “Diamante” – pais (1958)..... | 88 |
| Figura 4 – Frente do convite de casamento – família “Diamante” – filho (1983) | 91 |
| Figura 5 – Interior do convite de casamento – família “Diamante” – filho (1983)..... | 91 |
| Figura 6 – Frente do convite de casamento – família “Diamante” – neto (2009)..... | 93 |
| Figura 7 – Interior do convite de casamento – família “Rubi” – pais (1977)..... | 95 |
| Figura 8 – Frente do convite de casamento – família “Rubi” – filho (2016) | 97 |
| Figura 9 – Interior do convite de casamento – família “Rubi” – filho (2016) | 97 |
| Figura 10 – Interior do convite de casamento – família “Rubi” – filha (2017)..... | 99 |
| Figura 11 – Convite de casamento dentro da garrafa – família “Rubi” – filha (2017) | 99 |
| Figura 12 – Frente do convite de casamento – família “Ônix” – sobrinha (2008)..... | 102 |
| Figura 13 – Interior do convite de casamento – família “Ônix” – 2008 – sobrinha..... | 102 |
| Figura 14 – Reverso e anverso do convite de casamento – família “Ônix” – sobrinho (2010) | 105 |
| Figura 15 – Frase do convite de casamento – família “Ônix” – sobrinho (2010)..... | 106 |
| Figura 16 – Interior do convite de casamento – família “Ônix” – sobrinho (2010)..... | 106 |
| Figura 17 – Interior do convite de casamento – família “Ônix” – tios (2018)..... | 108 |
| Figura 18 – Anverso do convite de casamento – família “Papel” – noivos (2021)..... | 110 |
| Figura 19 – Frente do convite de casamento – família “Papel” – noivos (2021)..... | 110 |
| Figura 20 – Envelope do dinheiro – família “Papel” – noivos (2021) | 111 |
| Figura 21 – Recados de segurança do casamento – família “Papel” – noivos (2021) | 111 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------------------|---|
| AD | Análise de Discurso |
| ADD | Análise Dialógica do Discurso |
| ALD | Análise Linguística de estatuto Dialógico |
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular |
| CREP | Currículo da Rede Estadual Paranaense |
| COVID-19 | Sigla do inglês que significa <i>Coronavirus Disease-19</i> / Doença do Coronavírus-19 |
| EM | Ensino Médio |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional |
| LGBTQIA+ | Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual, + (é utilizado para incluir outros grupos e variações de sexualidade e gênero) |
| LA | Linguística Aplicada |
| PCN | Parâmetros Curriculares Nacionais |
| PCNEM | Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio |
| PHC | Pedagogia Histórico-Crítica |
| PPGEN | Programa de Pós-Graduação em Ensino |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| TDICs | Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação |
| SARS-CoV-2 | Sigla do inglês que significa <i>Coronavirus 2</i> da síndrome respiratória aguda grave |
| UNIOESTE | Universidade Estadual do Oeste do Paraná |
| ZDP | Zona de Desenvolvimento Proximal |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| UM CONVITE À PESQUISA | 18 |
| 1. “ESTABELECENDO ALIANÇAS”: O CAMINHO METODOLÓGICO | 24 |
| 1.1 A Caracterização da Pesquisa..... | 24 |
| 1.2 A Geração de Dados: Famílias e Convites | 28 |
| 1.3 Os Fios Condutores de Análise | 30 |
| 2. “OS CONVIDADOS DA FAMÍLIA”: EM TORNO DOS GÊNEROS DO DISCURSO | 35 |
| 2.1. Os Gêneros do Discurso | 35 |
| 2.1.1 <i>Filiação teórica: o Círculo de Bakhtin</i> | 35 |
| 2.1.2 <i>Enunciado e gênero discursivo</i> | 38 |
| 2.1.3 <i>Os Estudos Dialógicos da Linguagem</i> | 44 |
| 2.2 A Didatização dos Gêneros do Discurso | 50 |
| 2.2.1 <i>Breve percurso dos gêneros na escola brasileira</i> | 51 |
| 2.2.2 <i>A prática de análise linguística de base dialógica</i> | 56 |
| 2.2.3 <i>A opção pelos fundamentos didáticos da Pedagogia Histórico-Crítica</i> | 58 |
| 3. “OS CONVIDADOS DE OUTRAS CASAS”: EM TORNO DOS CONVITES DE CASAMENTO | 64 |
| 3.1 Com os Convites, o Casamento | 64 |
| 3.1.1 <i>O casamento no Ocidente: entre o profano e o religioso</i> | 64 |
| 3.1.2 <i>O casamento no Brasil: entre leis, “bons costumes” e avanços sociais</i> | 71 |
| 3.1.3 <i>O casamento neste século XXI: entre novos casais e outros eventos</i> | 78 |
| 3.2 Com o Casamento, os Convites | 80 |
| 3.2.1 <i>A história do convite de casamento</i> | 82 |
| 3.2.2 <i>Dimensões do gênero convite</i> | 83 |
| 4. “OS NUBENTES”: A CONFIGURAÇÃO DO GÊNERO DISCURSIVO CONVITE DE CASAMENTO | 86 |
| 4.1 Os Convites de Casamento da Família “Diamante” | 87 |
| 4.2 Os Convites de Casamento da Família “Rubi” | 94 |
| 4.3 Os Convites de Casamento da Família “Ônix” | 101 |
| 4.4 O Convite de Casamento da Família “Papel” | 109 |
| 4.5 Considerações sobre os Convites de Casamento | 114 |
| 5. “A CERIMÔNIA”: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O GÊNERO DISCURSIVO CONVITE DE CASAMENTO | 120 |

| | |
|--|------------|
| 5.1 Entre fundamentos e modelos, uma proposição | 120 |
| 5.2 Nas aulas de Língua Portuguesa, o convite de casamento | 131 |
| UM CONVITE DA PESQUISA: “À ESPERA DO GRANDE DIA” | 141 |
| REFERÊNCIAS | 145 |
| APÊNDICE 1 | 153 |
| APÊNDICE 2 | 154 |

UM CONVITE À PESQUISA

A presente pesquisa procura analisar as dimensões do convite de casamento pela perspectiva bakhtiniana dos gêneros do discurso e propor sua didatização para as aulas de Língua Portuguesa do ensino médio. Por apresentar contextos de produção, circulação e recepção próprios, interlocutores envolvidos em suas posições ideológicas, conteúdo temático único, estrutura composicional definida e marcas linguístico-enunciativas peculiares, o convite de casamento traz grandes possibilidades de estudo na área dos estudos dialógicos da linguagem.

Esta Dissertação pertence a um contexto de estudos iniciados na graduação em Letras-Língua Portuguesa e Língua Inglesa e Respectivas Literaturas, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Pude participar, como acadêmica, do projeto de extensão *Grupo de Estudos sobre Gêneros Discursivo e Plano de Trabalho Docente*, coordenado pela profa. Dra. Mariangela Garcia Lunardelli, nos anos de 2014-2015 (primeira fase) e 2016 (segunda fase).

A pesquisa no projeto contribuiu para nossa participação no Programa de Iniciação Científica, na modalidade: ICV/Unioeste/PRPPG, com vigência no período de julho 2015 a julho 2016, como também para a elaboração de monografia (TCC) sobre o convite de casamento. Nessa monografia, a partir das leituras dentro do projeto sobre o gênero discursivo convite de casamento, investigamos a história da instituição do casamento, a qual acompanha o progresso da sociedade. Esse percurso abrange distintos costumes, mitos e ritos transformados ao longo dos tempos.

Seguindo critérios cronológicos, foram observados cinco exemplares de convites de casamento inscritos em décadas diferentes da segunda metade do séc. XX em diante, dentro do território brasileiro e em língua portuguesa; solicitamos a cessão dos convites aos envolvidos (noivos e/ou familiares dos noivos), por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Por meio da história dos convites analisados, identificamos sua origem e o meio social a que pertenciam os nubentes.

Dessa forma, foi possível alcançar com êxito os objetivos específicos da pesquisa: caracterizar, descrever e analisar os enunciados concretos. Nesse sentido, o contexto histórico nos permite observar que a história do casamento, ao longo do tempo, tem passado por diversas transformações, por fatores de classe, gênero, culturais, econômicos e sociais. A dificuldade em encontrar fontes sobre o gênero se fez presente, contudo, não impossibilitou a realização da pesquisa, pelo contrário, motivou a concretização da monografia.

A partir de todas essas minhas investigações sobre o casamento e o gênero discursivo convite de casamento, urge, neste momento, o propósito de aprofundar, em nível de Mestrado, a configuração do gênero, por meio de outros convites de casamento, assim como realizar uma possível didatização do gênero discursivo convite de casamento para as aulas de Língua Portuguesa no ensino médio.

No Programa de Pós-Graduação em Ensino – Mestrado, na linha de Linguagens e Tecnologias, na qual esta pesquisa se insere, intentamos atender a um de seus objetivos: promover a formação de recursos humanos qualificados com vistas ao ensino, ao desenvolvimento da pesquisa e do conhecimento científico e tecnológico no campo interdisciplinar.

Uma vez que assumimos a perspectiva do Círculo de Bakhtin, entendemos que o enunciado apresenta (e é, dessa forma, definido) todo um contexto espaço-temporal (cronotopo) relacionado às dimensões sociais/ideológicas. O enunciado é ideológico, como constata os estudos bakhtinianos e do Círculo, e sua permanência em dada esfera de atividade humana determina o seu cronotopo, os seus interlocutores, os seus propósitos comunicativos.

Procuramos destacar a importância de trabalhar, nas aulas de Língua Portuguesa, com os gêneros discursivos da teoria de ancoragem bakhtiniana, por meio dos estudos dialógicos da linguagem brasileiros. O trabalho com os gêneros discursivos possibilita um ensino relacionado às reais práticas sociais de uso, uma vez que compreende a linguagem como interação dentro de um contexto de produção. Os gêneros discursivos possibilitam a prática social, visto que abrange a organização de sentidos, a estrutura para a construção da ação social; são instrumentos da interação humana. Na perspectiva bakhtiniana,

todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. [...] O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. (BAKHTIN, 2016, p. 11)

Bakhtin (2016) propôs três dimensões para os gêneros do discurso: i) os temas: conteúdos ideologicamente marcados; ii) a forma composicional: elementos comunicativos e semióticos de organização, disposição e acabamento da totalidade discursiva pertencentes ao gênero; e iii) marcas linguístico-enunciativas ou estilo: recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais da língua.

Para propor caminhos didáticos para o ensino do gênero discursivo convite de casamento, esta pesquisa está também fundamentada na Análise Linguística de base Dialógica,

doravante (ALD), inserida nos estudos dialógicos da linguagem. Trata-se de uma perspectiva pedagógica desenvolvida por autores brasileiros, a qual aborda a análise sobre os aspectos linguístico-enunciativos e discursivos em textos que abrangem os gêneros discursivos, na compreensão do discurso a partir de uma abordagem valorativa da língua(gem).

A pesquisa visa a contribuir para as aulas de Língua Portuguesa, especificamente no ensino médio, pois nessa faixa etária é apropriado discutir com os alunos sobre assuntos que envolvam o tema família e sociedade de maneira muito mais crítica, indo além das ideias preconcebidas sobre as relações entre homens, mulheres, em suas diversas orientações sexuais¹. Assim, poder trabalhar o gênero discursivo convite de casamento social e discursivamente.

A pesquisa sobre os gêneros discursivos, em termos de configuração e proposta didática, procura demonstrar a relação de uma teoria da linguagem a uma teoria de ensino. Como professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, vejo a necessidade de os professores prepararem suas atividades voltadas às práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística dos textos-enunciados² pertencentes a gêneros.

À elaboração de uma proposta didática soma-se a colaboração da Pedagogia Histórico-Crítica, a qual nos permite refletir sobre o papel crítico e emancipador da educação, por meio de enunciados da vida real. Caracteriza-se por ser uma teoria pedagógica que direciona o trabalho educativo de conteúdos científicos por parte da escola e objetiva o ensino como promotor da aprendizagem e do desenvolvimento humano sem ser conteudista. Sua defesa é levar aos indivíduos o conhecimento que ele não tem acesso em seu cotidiano e realidade.

Para a configuração do convite de casamento como gênero discursivo na perspectiva do Círculo de Bakhtin, perguntamos: **i)** Como seriam as dimensões extraverbal e verbovisual do convite de casamento, à luz da perspectiva bakhtiniana dos gêneros do discurso? E, em relação ao seu ensino, questionamos: **ii)** De que modo os estudos dialógicos da linguagem brasileiros, alinhados à Pedagogia Histórico-Crítica, podem propor caminhos didáticos para o ensino do gênero discursivo convite de casamento para as aulas de Língua Portuguesa do ensino médio?

¹ O site Educa mais Brasil (2020) explica que a orientação sexual é o interesse sexual/romântico por outras pessoas. Aqui estão incluídos quem é atraído por pessoas do mesmo gênero (homoafetivo/homossexual), do gênero oposto (heterossexual), por ambos os gêneros (bissexual) ou por pessoas de ambos os gêneros e não binárias (pansexual). Além disso, a orientação sexual inclui a assexualidade, a ausência de atração sexual por pessoas de ambos os gêneros. Também é possível ser transgênero heterossexual, bissexual ou homossexual. A expressão de gênero não está relacionada apenas aos fatores biológicos, mas envolve diversos outros fatores. Por isso, uma pessoa categorizada como menina em seu nascimento pode não assumir essa identidade por não se sentir confortável com ela.

² Optamos pelo termo texto-enunciado, o qual será caracterizado no capítulo 2, subtítulo 2.1.3.

Desse modo, a dissertação tem como **objetivo geral**: Investigar a configuração do gênero discursivo convite de casamento pela perspectiva do Círculo de Bakhtin e propor encaminhamentos didático-metodológicos para o ensino do gênero.

Como **objetivos específicos**, elencam-se: i) discutir os conceitos relacionados ao escopo do gênero do discurso pela perspectiva do Círculo de Bakhtin e pelos estudos dialógicos da linguagem brasileiros; ii) contextualizar histórica e socialmente o casamento como cerimônia/evento; iii) identificar as dimensões extraverbal e verbovisual de enunciados do gênero discursivo convite de casamento; e iv) propor caminhos didáticos para o ensino do gênero discursivo convite de casamento nas aulas de Língua Portuguesa do ensino médio.

A escolha por trabalhar o gênero discursivo convite de casamento nas aulas de Língua Portuguesa, especificamente no ensino médio, justifica-se pelo fato de esse gênero ser adequado à faixa etária dos alunos e condizente com o nível de maturidade, grau de autonomia, pensamento crítico, abstração e reflexão, ampliando os conhecimentos de análise linguística adquiridos no ensino fundamental.

Esta pesquisa teórica se caracteriza por ser de natureza social, pertencendo à Linguística Aplicada, de abordagem qualitativa, com análise documental por amostragem. A geração de dados se configura a partir dos convites de casamento cedidos pelas famílias, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Quanto ao caminho metodológico e aos instrumentos de geração de dados, seguem-se os seguintes passos, de acordo com os objetivos específicos: revisão bibliográfica, análise documental, proposta didático-metodológica.

Para atender aos dois primeiros objetivos da pesquisa, realizamos uma revisão bibliográfica. Quanto ao primeiro objetivo específico – discutir os conceitos relacionados ao escopo do gênero do discurso pela perspectiva do Círculo de Bakhtin e dos estudos dialógicos da linguagem brasileiros –, a revisão bibliográfica contribui para entender o percurso do dialogismo ao gênero discursivo com conceitos e noções bakhtinianas. Para tanto, foram utilizadas, sobretudo, as seguintes referências: Bakhtin (2010; 2013; 2016), Volochínov (2013), Volóchinov (2017), Brait (2007), Costa-Hübes (2017; 2020), Faraco (2009), Faria e Silva (2013), Fenilli (2020), Franco, Acosta-Pereira e Costa-Hübes (2020), Lunardelli (2012; 2020), Polato (2017), Rojo e Barbosa (2015), Sobral (2009) e Sobral e Giacomelli (2016).

Em relação ao segundo objetivo específico – contextualizar histórica e socialmente o casamento como cerimônia/evento e os convites de casamento –, foram utilizados para discussão os autores: Arruda (2011), Del Priore (2007; 2011), Duby (1989), Engels (2012), Fontoura (2011), Gandra (1983), Jardim (2010), Mendes (2017), Prost & Vicente (1992), Russell (2015), Saraiva (2014) e Vainfas (1986).

Quanto ao terceiro objetivo específico – identificar as dimensões extraverbal e verbovisual de enunciados do gênero convite de casamento – à luz da perspectiva bakhtiniana, a fim de verificarmos como as relações dialógicas se mostram presentes nos enunciados concretos de convite de casamento, foram utilizados para o embasamento teórico os mesmos autores do primeiro objetivo.

A realização da pesquisa resultou na escolha de dez convites de casamento. Os convites pertencem a quatro famílias, em épocas/gerações distintas (décadas de 1950, 1970, 1980 e anos 2000). Denominamos os convites das famílias de convites da família “Diamante”, convites da família “Rubi”, convites da família “Ônix” e convites da família “Papel”. Os convites de casamento da família “Diamante” pertencem aos pais, da década de 1950, ao convite do filho, da década de 1980, e o convite do neto, no ano de 2009. Os convites de casamento da família “Rubi” pertencem aos pais, da década de 1970, ao convite do filho, no ano de 2016, e o convite da filha, no ano de 2017. Já os convites de casamento da família “Ônix” pertencem à sobrinha, no ano de 2008, ao convite do sobrinho, no ano de 2010, e o convite dos tios, no ano de 2018. Os convites de casamento da família “Papel” pertencem aos noivos, no ano de 2021.

Esta pesquisa se organiza da seguinte forma, refletindo uma analogia com o próprio convite de casamento: nesta introdução, “convidamos” o leitor a esta pesquisa. No primeiro capítulo, “estabelecemos as alianças”: apresentamos o caminho metodológico, com a caracterização da pesquisa, das famílias e dos convites de casamento – os contatos, a geração de dados, os critérios usados na seleção dos convites, os fios condutores de análise.

O segundo capítulo diz respeito ao primeiro caminho teórico: “os convidados da família”, referindo-se aos estudos da área de língua/linguagem/ensino. Abordamos os gêneros do discurso, a didatização dos gêneros do discurso, considerando como fontes indiretas de estudo os autores do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2010; 2013; 2016; VOLOCHÍNOV, 2013; VOLÓCHINOV, 2017), autores dos estudos dialógicos da linguagem brasileiros (ALVES, 2016; BELOTI, HILA, RITTER, FERRAGINI, 2020; COSTA-HÜBES, 2017, 2020; FRANCO, ACOSTA-PEREIRA, COSTA-HÜBES, 2020; KRAEMER, LUNARDELLI, COSTA-HÜBES, 2020; PEREIRA, COSTA-HÜBES, 2021) e os estudiosos da Pedagogia Histórico-Crítica (GALVÃO, LAVOURA, MARTINS, 2019; GASPARIN, 2012; SAVIANI, 1991; 2013; 2019).

O terceiro capítulo, por sua vez, discorre sobre o segundo caminho teórico: “os convidados de outras casas”, remetendo aos estudos das áreas de história e sociologia, em torno dos convites de casamento: o estudo sobre o próprio convite – o ato de convidar e as dimensões do gênero convite; o casamento – a história do casamento, em nível mundial e, especificamente,

no escopo brasileiro; o casamento do séc. XXI – os casais, o “evento social”; e a configuração dos convites de casamento, em suas primeiras proposições. Para tanto, reportamo-nos aos autores referentes ao segundo objetivo específico.

O quarto capítulo apresenta “os nubentes”: a análise de dez convites de casamento que pertencem a quatro famílias, em épocas/gerações distintas, seguindo os pressupostos bakhtinianos, no intuito de configurar o gênero a partir dos elementos analisados, em consonância com o objetivo específico 3: “identificar as dimensões extraverbal e verbovisual de enunciados do gênero convite de casamento”.

O quinto e último capítulo apresenta possibilidades didáticas para o gênero discursivo convite de casamento, fundamentadas na Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 1991; 2013; 2019) e adaptadas da proposta didática específica para os gêneros do discurso de Lunardelli (2021), entre outras. Trata-se da “cerimônia”, em que os nubentes e todos os convidados estão presentes e dela participam.

Posterior ao texto que compõe os cinco capítulos do desenvolvimento desta pesquisa, são realizadas as considerações finais, com reflexões acerca dos objetivos e das perguntas de pesquisa, além das contribuições deste estudo. A pesquisa convida, “à espera do grande dia”, para a concretização da proposta didática nas aulas de Língua Portuguesa e a ampliação teórica, por outras pesquisas na área.

Por fim, pretendemos contribuir para a inserção do gênero discursivo convite de casamento nas aulas de Língua Portuguesa, promovendo a reflexão, pela perspectiva do Círculo de Bakhtin, sobre dado posicionamento social/ideológico do homem em seu mundo, no caso, a relação dos seres humanos com o casamento. Convidamos o leitor...

1. “ESTABELECENDO ALIANÇAS”: O CAMINHO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentamos o caminho metodológico da pesquisa, “estabelecendo alianças”. Na primeira seção, discorremos sobre a caracterização da pesquisa, sendo de natureza social, pertencendo à Linguística Aplicada, dentro da abordagem qualitativa de base interpretativista, com análise documental por amostragem. A segunda seção trata da geração de dados: famílias e convites, estes cedidos por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Na terceira e última seção, trazemos os fios condutores de análise inspirados nos textos do Círculo de Bakhtin e seus estudiosos brasileiros.

1.1 A Caracterização da Pesquisa

Esta pesquisa se caracteriza por ser de natureza social, pertencendo à Linguística Aplicada, com análise documental por amostragem. A pesquisa tem cunho qualitativo de base interpretativista, pois se preocupa em estudar aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano, por meio do aprofundamento da compreensão do convite de casamento como gênero discursivo. Quanto aos procedimentos, realizamos uma análise documental, pois os objetos analisados são os convites de casamento empíricos que pertencem a quatro famílias de gerações distintas.

Em relação à pesquisa social, Gil (1999) define como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social. O autor ressalta que a realidade social é entendida aqui em sentido bastante amplo, envolvendo todos os aspectos relativos ao homem em seus múltiplos relacionamentos com outros homens e instituições sociais.

No que se refere a Linguística Aplicada doravante (LA), Signorini (1998, p. 101), em suas investigações sobre o objeto de estudo da LA, destaca sua especificidade “o estudo de práticas específicas de uso da linguagem em contextos específicos -, objeto esse que a constitui como campo de estudo outro, distinto, não transparente e muito menos neutro”. No campo da LA, ancorada numa lógica de multiplicidades, o imprevisível e o novo devem ser resgatados para a construção dos sentidos, como elementos constituintes das práticas reais de linguagem, como afirma a autora, percursos de investigação atuando de base interpretativista que não obscurecem a participação do pesquisador na construção do campo de referência.

Calcada em uma lógica das multiplicidades, essa orientação da LA contribui “para a não reprodução, no âmbito específico da disciplina, de uma certa ordem institucionalizada de posições, crenças e valores hierarquizados” (SIGNORINI, 1998, p. 108).

Do mesmo modo, Moita Lopes (2006) aponta pesquisas calcadas em um novo modo de compreender a vida social com fundamento em críticas à modernidade: em teorias pós-modernas críticas, teorias *queer*, feministas, anti-racistas e em teorias pós-coloniais, por exemplo, o ponto central tem sido o sujeito inscrito na produção do conhecimento. O autor enfatiza o desgaste dos modos tradicionais de pesquisas em LA, refere-se à crítica à episteme ocidentalista. Tal episteme, segundo o autor, “criou outridades com base em um olhar ocidentalista”, do qual o sujeito era detentor de “conhecimentos entendidos como senso comum pela ciência positivista e moderna” (MOITA-LOPES, 2006, p. 87-88).

Conforme aponta Moita-Lopes (2006), o campo da LA está localizado nas ciências sociais, a LA avança como uma (in)disciplina, sem limites rígidos, híbrida e heterogênea. O autor, ao mencionar “Linguística Aplicada Indisciplinar”, refere-se a uma ciência que não se institui como disciplina, difere-se no modo de pensar dos padrões pré-estabelecidos que buscam compreender o mundo atual, que envolve uma LA contemporânea que o autor defende:

Se quisermos saber sobre linguagem e vida social nos dias de hoje, é preciso sair do campo da linguagem propriamente dito: ler sociologia, geografia, história, antropologia, psicologia cultural e social etc. A chamada “virada discursiva” tem possibilitado a pesquisadores de vários outros campos estudar linguagem com intravisiões muito reveladoras para nós. Parece essencial que a LA se aproxime de áreas que focalizam o social, o político e a história. Essa é, aliás, uma condição para que a LA possa falar à vida contemporânea. (MOITA-LOPES, 2006, p. 96)

O linguista partilha o ideal de reinventar a emancipação social: “essa visão parece crucial em áreas como a LA, que têm como objetivo fundamental a problematização da vida social, na intenção de compreender as práticas sociais nas quais a linguagem tem papel crucial” (MOITA-LOPES, 2006, p. 102). Nesse mesmo sentido, Oliveira (2016) defende uma LA como área de produção do conhecimento no campo dos estudos aplicados, a natureza de seu objeto de estudo sendo as práticas discursivas situadas produzidas e circulantes na sociedade, propagando-se suas fronteiras e temáticas para as múltiplas esferas da atividade humana. Assim é que percebemos a necessidade de uma postura crítica do pesquisador da LA diante do objeto de estudo e da produção de conhecimento.

Quanto ao percurso metodológico e aos instrumentos de geração de dados, seguem-se os seguintes passos, de acordo com os objetivos específicos: revisão bibliográfica, análise documental, proposta didático-metodológica.

Como já expusemos na introdução, o primeiro objetivo específico – discutir os conceitos relacionados ao escopo do gênero do discurso pela perspectiva do Círculo de Bakhtin e dos estudos dialógicos da linguagem brasileiros –, e também o segundo objetivo específico – contextualizar histórica e socialmente o casamento como cerimônia/evento e os convites de casamento – remete-nos à fase da revisão bibliográfica, acrescentada de discussão acerca das referências já mencionadas anteriormente.

Quanto ao terceiro objetivo específico – identificar as dimensões extraverbal e verbovisual de enunciados do gênero convite de casamento, à luz da perspectiva bakhtiniana – a fim de verificarmos como as relações dialógicas se mostram presentes, analisamos os enunciados concretos de convite de casamento cedidos pelas famílias. Para o uso desses enunciados, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (APÊNDICE 1). As famílias cederam seus convites, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE 2). Foram, deste modo, asseguradas a privacidade e a confiabilidade dos dados fornecidos nos convites de casamento.

No que tange à pesquisa documental, Gil (1999) ressalta que:

O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Apenas há que se considerar que o primeiro passo consiste na exploração das fontes documentais, que são em grande número. Existem, de um lado, os documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. De outro lado, existem os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc. (GIL, 1999, p. 66)

A respeito da pesquisa documental, Lakatos e Marconi (2003, p. 174) ressaltam: “[...] a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias”. Em relação aos tipos de documentos, podemos relacionar os convites de casamento – objetos de nossa pesquisa – sendo como documentos particulares. Lakatos e Marconi (2003, p. 181) especificam quais seriam esses documentos particulares:

[...] consistindo principalmente de cartas, diários, memórias e autobiografias, os documentos particulares são importantes sobretudo por seu conteúdo não oferecer apenas fatos, mas o significado que estes tiveram para aqueles que os viveram, descritos em sua própria linguagem.

Por meio da análise dos convites de casamento, buscamos os fatos ocorridos no decorrer das décadas apresentadas nos convites e o significado dos convites expostos pelos noivos. Assim, podemos observar a configuração social de quatro famílias, por meio de seus convites de casamento.

De acordo com Flick (2009), a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida. Na caracterização desta pesquisa dentro da Linguística Aplicada, o estudo qualitativo aqui presente se preocupa em descrever, interpretar e analisar os convites de casamento por meio dos estudos dialógicos da linguagem, caracterizados mais adiante. Sobre a pesquisa qualitativa, Richardson (2012, p. 80) ressalta:

[...] as investigações que se voltam para uma análise qualitativa têm como objeto situações complexas ou estritamente particulares. Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

No quarto e último objetivo específico – propor caminhos didático-metodológicos para o ensino do gênero discursivo convite de casamento nas aulas de Língua Portuguesa no ensino médio –, a proposta didática foi articulada às práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística, seguindo os fundamentos e modelos didáticos citados na introdução. A seguir, apresentamos um quadro explicativo das etapas da pesquisa:

Quadro 1 - Etapas da pesquisa

| ETAPA | PROCEDIMENTO | OBJETIVOS |
|--------------|-----------------------|--|
| Etapa 1 | Revisão bibliográfica | Objetivos específicos 1 e 2: 1. Discutir os conceitos relacionados ao escopo do gênero do discurso pela perspectiva do Círculo de Bakhtin e dos estudos dialógicos da linguagem brasileiros; 2. Contextualizar histórica e socialmente o casamento como cerimônia/evento e os convites de casamento. |
| Etapa 2 | Análise documental | Objetivo específico 3: 3. Identificar as dimensões extraverbal e verbovisual de enunciados do gênero convite de casamento. |

| | | |
|---------|-------------------|--|
| Etapa 3 | Proposta didática | Objetivo específico 4: 4. Propor caminhos didáticos para o ensino do gênero discursivo convite de casamento nas aulas de Língua Portuguesa no ensino médio. |
|---------|-------------------|--|

Fonte: Produção da autora.

Passemos à seção seguinte, a qual trata da geração de dados, configurada a partir dos convites de casamento cedidos pelas famílias.

1.2 A Geração de Dados: Famílias e Convites

Como mencionamos, esta pesquisa se caracteriza por ser de natureza social, seguindo a metodologia da abordagem qualitativa, em uma visão interpretativista dos dados, cujas fontes primárias são 10 convites de casamento selecionados, os quais pertencem a quatro famílias, em épocas/gerações distintas (décadas de 1950, 1970, 1980 e anos 2000).

A cerimônia do casamento, realizada de modelos diferentes em cada corpo social, é o meio pelo qual o sujeito adquire, de modo formal, um compromisso de fidelidade com o outro. Dessa forma, a celebração do casamento é a manifestação social que significa compromisso.

Além de diferentes cerimônias de casamento: casamentos religiosos, civis, casamentos não religiosos – em locais diferenciados das igrejas, existem diversos rituais cumpridos durante a cerimônia do casamento, entre eles alguns símbolos se destacam, pelo fato de estarem há décadas, ou mesmo há séculos, configurando o próprio evento.

Tradicionalmente, o convite de casamento possui um formato convencional e um estilo cerimonial. Entretanto, certas transformações podem ser identificadas ao longo do tempo, sobretudo nestas duas primeiras décadas do séc. XXI. Novos conceitos de padrões sociais de vida, com estruturas familiares diferentes e mudanças de relacionamento afetivo na sociedade.

Atualmente cada vez mais os convites de casamento ganham importância para os noivos e familiares, se tornaram formas notáveis para transmitir a personalidade dos noivos, por meio de design, imagens, caligrafia, palavras usadas, significados e sentimentos que despertam e tocam o coração de quem os recebe. Além de comunicar o grande evento aos convidados, os convites de casamento tentam reunir todas as informações possíveis sobre o dia do matrimônio, de modo que a utilidade é a sua principal função informativa: data do enlace, a hora e o lugar da celebração.

Estudar – descrever/analisar – o convite de casamento pela perspectiva bakhtiniana dos gêneros do discurso implica observar os posicionamentos sociais/ideológicos das pessoas em seu cotidiano. Nesse sentido, observamos, no convite, o contexto de produção, os conteúdos temáticos, a estrutura composicional e as marcas linguístico-enunciativas.

Os textos-enunciados – os convites – pertencem a quatro famílias distintas, famílias localizadas no interior de São Paulo e do Paraná, de classe média a baixa. Para preservar os nomes de todas as pessoas escritas nos convites, além do TCLE, suprimimos os nomes e usamos o léxico: Pai da Noiva, Mãe da Noiva, Noiva, Pai do Noivo, Mãe do Noivo, Noivo.

A interação discursiva decorrente da cessão dos convites de casamento gerou as informações de dados do contexto de produção. No momento da entrega, as pessoas acabavam contando sobre a personalidade dos noivos, o cuidado com a escolha dos convidados, as motivações e os detalhes do convite e do próprio casamento. Não foi nossa intenção realizarmos uma entrevista, as conversas foram espontâneas, informais. Mas registramos aqui para complementar a dimensão extraverbal dos convites analisados.

Denominamos os convites por famílias, cujos nomes se referem às bodas do primeiro convite da família analisado. Por exemplo, a família “Diamante”, em que o convite mais antigo remete a um casamento de 60 anos. E, assim, temos os convites da família “Rubi”, convites da família “Ônix” e convites da família “Papel”. Para melhor visualização, elaboramos o quadro 2, referente aos convites e nubentes:

Quadro 2 - As famílias dos convites de casamento

| FAMÍLIA | GERAÇÃO | DÉCADA/ ANOS |
|------------|------------------------------|---|
| “Diamante” | Pais Filho Neto | Década de 1950 Década de 1980 Ano de 2009 |
| “Rubi” | Pais Filho Filha | Década de 1970 Ano de 2016 Ano de 2017 |
| “Ônix” | Sobrinha Sobrinho Tios | Ano de 2008 Ano de 2010 Ano de 2018 |
| “Papel” | Noivos | Ano de 2021 |

Fonte: Produção da autora.

Por meio da história dos convites analisados, identificamos sua origem e o meio social a que pertencem os nubentes. Procuramos analisar não apenas convites de casamento de famílias ditas tradicionais, mas também buscamos convites de casamento de outras famílias, como o do casal homoafetivo, na família “Ônix”. É importante salientar que o reconhecimento

do casamento homoafetivo se deu por meio de muita luta social e foi uma grande conquista para a comunidade LGBTQIA+³.

Do mesmo modo, procuramos convites de casamento de noivos no contexto atual, neste cenário da pandemia da Cov-Sars-2 ou Covid-19⁴. Tal contexto fez vários casais cancelarem, adiarem ou adaptarem festas e cerimônias de casamento. No caso da família “Papel”, registramos que os noivos moram juntos há algum tempo e resolveram concretizar o enlace matrimonial. Desde 2019, os nubentes estavam se preparando para o “tão sonhado” dia; a cerimônia deveria ser realizada em 2020, mas devido às questões sanitárias, aos decretos estaduais e municipais, a cerimônia estava sendo adiada desde então⁵.

Nessa seção, abordamos a geração de dados das quatro famílias e os convites, a denominação dos nomes das famílias e as épocas dos convites de casamento analisados. A seguir, a terceira seção trata dos fios condutores de análise da pesquisa.

1.3 Os Fios Condutores de Análise

Para a realização desta pesquisa, selecionaram-se os textos-enunciados pertencentes ao gênero discursivo convite de casamento, dentro de uma sequência cronológica estabelecida.

³ O site Educa Mais Brasil (2020) explica que a sigla LGBTQIA+ é o movimento político e social que defende a diversidade e busca mais representatividade e direitos para a comunidade. O seu nome demonstra a luta por mais igualdade e respeito à diversidade. As siglas indicam: L= Lésbicas: são mulheres que sentem atração afetiva/sexual pelo mesmo gênero, ou seja, outras mulheres. G = Gays: são homens que sentem atração afetiva/sexual pelo mesmo gênero, ou seja, outros homens. B = Bissexuais: diz respeito aos homens e mulheres que sentem atração afetivo/sexual pelos gêneros masculino e feminino. T = Transexuais: a transexualidade não se relaciona com a orientação sexual, mas se refere à identidade de gênero. Dessa forma, corresponde às pessoas que não se identificam com o gênero atribuído em seu nascimento. As travestis também são incluídas neste grupo. Porém, apesar de se identificarem com a identidade feminina, constituem um terceiro gênero. Q = Queer: pessoas com o gênero ‘*Queer*’ são aquelas que transitam entre as noções de gênero, como é o caso das drag queens. A teoria *queer* defende que a orientação sexual e identidade de gênero não são resultado da funcionalidade biológica, mas de uma construção social. I = Intersexo: a pessoa intersexo está entre o feminino e o masculino. As suas combinações biológicas e desenvolvimento corporal – cromossomos, genitais, hormônios, etc. – não se enquadram na norma binária (masculino ou feminino). Assexual: assexuais não sentem atração sexual por outras pessoas, independente do gênero. Existem diferentes níveis de assexualidade e é comum que estas pessoas não veem as relações sexuais humanas como prioridade. +: o + é utilizado para incluir outros grupos e variações de sexualidade e gênero. Aqui são incluídos os pansexuais, por exemplo, que sentem atração por outras pessoas, independente do gênero.

⁴ Corazza e Andreatta (2021) explicam que, em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o surto da doença causada por um novo tipo de Coronavírus (COVID-19) como uma pandemia. Diante desse cenário e do aumento de números de casos de pessoas infectadas e de óbitos confirmados, constituiu-se um estado de Emergência de Saúde Pública em que a medida restritiva urgente tomada para conter a contaminação, além das medidas sanitárias, foi o isolamento social, muito fortemente iniciado pela Educação.

⁵ A “tão sonhada” cerimônia religiosa de casamento se realizou no dia 20 de novembro de 2021, porém a cerimônia civil foi realizada no dia 08 de maio de 2021. Devido aos decretos municipais para evitar aglomerações e disseminação da Covid-19, foram adiadas as cerimônias, que deveriam ocorrer no mesmo dia do mês de maio. O convite foi o mesmo, apenas os noivos encaminharam pelo whats a mudança na data da cerimônia religiosa.

Nesta proposta, valemo-nos da perspectiva do Círculo de Bakhtin sobre os gêneros discursivos para estudarmos os convites de casamento.

De acordo com Bakhtin (2016), só falamos e escrevemos por meio de enunciados em suas formas relativamente estáveis – os gêneros do discurso. Assimilamos a língua pelos enunciados e gêneros, que organizam tanto o nosso discurso como suas formas linguísticas. A comunicação seria impossível se tivéssemos de criar cada gênero e cada enunciado em cada processo de discurso. Os gêneros são tão diversos quanto as situações de produção, de posição social dos interlocutores e de relações de reciprocidade entre eles. Nesse sentido, afirmamos que o convite de casamento também se configura como gênero discursivo.

A teoria sobre gênero discursivo de Bakhtin e seu Círculo representa a valorização do verdadeiro significado de utilização da língua. Baseando-se nos estudos do Círculo de Bakhtin, entende-se a ideia de que a natureza real da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem por uma enunciação isolada, mas pelo fenômeno social da interação discursiva (VOLÓCHINOV, 2018). Considera-se ainda o conceito de dialogismo, no qual a compreensão de um enunciado acontece nos sentidos renovados e inovados na relação tempo-espaço, e na alternância entre os interlocutores, os sujeitos do discurso.

Para a configuração do gênero discursivo convite de casamento, no capítulo 4 especificamente, analisamos 10 convites de casamento, pertencentes a 4 famílias, envolvendo gerações distintas, da década de 1950 até o ano de 2021. Nesse sentido, reportamo-nos às dimensões do convite de casamento pela perspectiva bakhtiniana dos gêneros do discurso: o cronotopo (tempo/lugar), a dimensão extraverbal (esfera de atividade humana, relações sociais, ideologia, modalidade da linguagem); e a dimensão verbovisual (conteúdo temático, construção composicional e estilo). Para melhor visualização dos elementos, usamos para nossa análise alguns questionamentos elaborados por Costa-Hübes (2017), para o estudo do texto-enunciado.

Ao considerar a teoria bakhtiniana como base teórico-metodológica para a pesquisa qualitativa em Ciências Humanas, Costa-Hübes (2017) propõe um possível caminho para a análise de um texto-enunciado que seja tomado como objeto de estudo na perspectiva de compreender o sujeito “expressivo e falante”.

No quadro 3, a autora expõe orientações para análise da dimensão extraverbal (social):

Quadro 3 – Questionamentos que podem direcionar a análise da dimensão social do gênero

| Contexto de produção do gênero e texto-enunciado em estudo | |
|---|--|
| Elementos do contexto de produção | Perguntas que podem ser feitas para orientar um estudo sobre o contexto de produção de um texto-enunciado |
| Horizonte espacial e temporal | Onde é produzido? |

| | | |
|-----------------------------|-----------------------|--|
| | | Qual é a esfera social de produção? |
| | | Quando é produzido/ publicado? (momento histórico de produção) |
| | | Qual é o veículo de circulação |
| | | Qual é o suporte de circulação? |
| Horizonte temático | | Qual é o seu tema ou conteúdo temático? |
| | | Com que finalidade foi produzido? |
| Horizonte axiológico | Interlocutores | Quem é que produz esse texto-enunciado? |
| | | Qual é o papel social do autor? |
| | | Para quem é produzido? |
| | | Que imagem o autor faz de seu interlocutor? |
| | | Qual é a atitude valorativa dos participantes? |

Fonte: Costa-Hübes (2017).

E, no quadro 4, verificamos questionamentos que podem direcionar a análise da dimensão verbal (ou verbovisual) do gênero:

Quadro 4 – Questionamentos que podem direcionar a análise da dimensão verbal (ou verbovisual) do gênero

| Dimensão verbal | |
|------------------------------------|--|
| Conteúdo Temático | Qual é o conteúdo temático presente no texto-enunciado? |
| | Como a autora se coloca diante do tema abordado? |
| | Que discursos são possíveis de identificar? Como eles se revelam no texto-enunciado? |
| | Como os discursos se colocam diante do tema? |
| Construção Composicional | Qual o plano textual global ou a organização geral do texto-enunciado? |
| | Esse plano textual corresponde a que gênero discursivo? |
| | Qual a sequência discursiva predominante? Por que ela predomina? |
| Estilo do gênero e do autor | Há pronomes empregados na primeira ou segunda pessoa do discurso? Qual a relação desses pronomes com o conteúdo temático e a construção composicional do texto-enunciado? |
| | Há presença de dêiticos? Quais? Em que eles incidem sobre o conteúdo do texto-enunciado? |
| | Qual o tempo verbal predominante? Qual a relação desse tempo verbal com a construção composicional do gênero e com o conteúdo do texto-enunciado? |
| | Há, no texto-enunciado, modalizadores? Quais? Por que foram empregados? |
| | Que elementos da coesão referencial se destacam? Esses elementos são importantes para a organização do conteúdo temático e da construção composicional do texto-enunciado? Por quê? |
| | Que elementos da coesão sequencial se destacam? Esses elementos são importantes para a organização do conteúdo temático e da construção composicional do texto-enunciado? Por quê? |
| | Como se organizam os períodos e frases do texto-enunciado em estudo? Essa organização tem relação com a construção composicional do gênero? E com o conteúdo temático do texto-enunciado? Por quê? |

| | |
|--|---|
| | Como se classificam as palavras: predominam os adjetivos, substantivos, advérbios ou verbos? Ou que outra classe de palavras? Como pode ser justificada essa seleção lexical quando as relacionamos com o conteúdo temático do texto-enunciado em estudo? |
| | No texto-enunciado, há o emprego de diferentes linguagens? Quais? Essas diferentes linguagens correspondem ao gênero em análise? |
| | Que sinais de pontuação predominam? De que maneira os sinais de pontuação contribuem para a construção do sentido do texto-enunciado? |

Fonte: Costa-Hübes (2017).

Nesse sentido, conforme Costa-Hübes (2017), quando se trata de um texto-enunciado verbovisual (que contempla diferentes linguagens como cores, imagens, escrita etc.), é importante atentarmos para o predomínio das cores, o tamanho das letras, as imagens em destaque, o posicionamento das imagens no texto etc. Ao analisarmos todos esses elementos nos convites de casamento, podemos compreender os convites como uma visão de mundo de uma sociedade.

Para propor caminhos didáticos para o ensino do gênero discursivo convite de casamento nas aulas de Língua Portuguesa do ensino médio, no capítulo 5, o eixo didático se fundamenta na Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 1991; 2013; 2019) e na proposta didática específica para os gêneros do discurso de Lunardelli (2021), entre outros modelos inspiradores (LOPES-ROSSI, 2006; 2015; ROJO; BARBOSA, 2015).

Na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, Saviani (2013) defende um planejamento coerente, organizado e intencional a partir de conteúdos sistematizados/clássicos. O ato educativo em sua essencialidade precisa considerar os conhecimentos historicamente sistematizados pela humanidade:

[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANI, 2013, p. 13)

Esse trabalho educativo com os conteúdos clássicos pode e deve ser explorado com metodologias que desvelem as questões políticas dos mesmos. A defesa da PHC é levar aos indivíduos o conhecimento que ele não tem acesso em seu cotidiano/realidade. Desse modo, ancorada na PHC, intentamos trabalhar com o gênero discursivo convite de casamento, nas

aulas de Língua Portuguesa no ensino médio, uma vez que esse gênero é carregado de ritos e ideologias que podem e devem ser trabalhados em sala de aula.

No que concerne à proposta de encaminhamentos didático-metodológicos para o ensino do gênero convite de casamento, a sua organização baseou-se em Lunardelli (2021). A proposta didática da autora abarca 5 grandes encontros – pequenas unidades ou conjuntos de aulas: i) Revisitação do gênero; ii) Reconhecimento do gênero; iii) Dimensão histórica do gênero; iv) Práticas de leitura, análise linguística e escrita; e v) Atividades de escrita e reescrita. Adaptamos tal proposta para nossa proposição didática. Inspiramo-nos também em Lopes-Rossi (2006, 2015), que apresenta uma sequência didática fundamentada em projetos de leitura e produção textual, com três módulos didáticos: leitura, produção escrita e divulgação ao público. E em Rojo e Barbosa (2015), as quais trazem discussões sobre os gêneros do discurso na atualidade, com exemplos e atividades baseadas nas contribuições bakhtinianas. No capítulo 5, aprofundaremos esses encaminhamentos.

Na seção a seguir, apresentamos os gêneros do discurso em duas vias, como objeto de estudo e como objeto de ensino.

2. “OS CONVIDADOS DA FAMÍLIA”: EM TORNO DOS GÊNEROS DO DISCURSO

O presente capítulo discorre sobre os “convidados da família” da linguagem: os gêneros do discurso em duas vias, como objeto de estudo e como objeto de ensino. Na primeira parte, os gêneros são objetos de estudo/análise: consideramos o conceito e as características dos gêneros discursivos, além de outros postulados bakhtinianos. Em destaque, a filiação teórica: o Círculo de Bakhtin, as discussões dos seus membros, iniciadas na Rússia no início do século XX; as dimensões extraverbal e verbovisual dos enunciados; e os estudos dialógicos da linguagem brasileiros, nos quais se estuda a linguagem na concepção dialógica do Círculo.

Na segunda parte, os gêneros são objetos de ensino: apresentamos a didatização dos gêneros do discurso, em especial na escola brasileira, alinhando à prática de análise linguística de base dialógica e, por fim, a opção pelos fundamentos didáticos da Pedagogia Histórico-Crítica.

2.1. Os Gêneros do Discurso

2.1.1 *Filiação teórica: o Círculo de Bakhtin*

Se consideramos a perspectiva sócio-histórica para nosso estudo, é fundamental fazer-se conhecer os pensadores de nossos pressupostos teóricos. O Círculo de Bakhtin refere-se a um grupo de intelectuais, que se reuniram entre 1919 a 1929, em Nevel e Vitebsk, posteriormente em São Petersburgo. Esses intelectuais possuíam diferentes formações e se reuniam para debater assuntos em relação à literatura, biologia, música, linguística, cultura e filosofia.

Na área da linguística e literatura, destacamos Mikhail M. Bakhtin (1895-1975), filósofo e pensador; Pavel N. Medvedev (1892-1938), do campo do Direito e com fascínio em jornalismo cultural; e Valentin N. Voloshinov⁶ (1895-1975), formado em Estudos Linguísticos, que trabalhava como professor e interessava-se em história da música. Segundo Faraco (2009,

⁶ Valentin Nikoláievich Volóshinov: de acordo com Faria e Silva (2013), na edição brasileira, temos como autor Volóshinov, escrito com “c”. A grafia com “s” seria a mais aceita entre os pesquisadores, atualmente (FARIA-SILVA, 2013). Manteremos as grafias originais de cada livro/ edição.

p. 14), os membros do Círculo tinham em comum uma paixão pela filosofia e pelo debate de ideias. Mergulhavam fundo nas discussões de filósofos do passado, sem deixar de se envolver criticamente com autores de seu tempo.

Conforme os estudos realizados por Lunardelli (2012; 2020), os encontros do Círculo de Bakhtin aconteceram na União Soviética, em meio aos desdobramentos da revolução socialista, responsável pelas prisões de integrantes, ocorrências daquele período tumultuado pós-revolução e expurgo político, acarretando o fim do grupo, mas não o fim de suas obras.

Quando se aborda o Círculo de Bakhtin, há certa incógnita em torno da autoria de determinadas obras como *Freudismo, Marxismo e filosofia da linguagem* e *O método formal nos estudos literários*, sendo os dois primeiros publicados por Voloshinov e o último por Medvedev. Faraco (2009) descreve que, a partir de 1970, apesar de não possuir argumentos eficazes, o linguista Viatcheslav V. Ivanov⁷ afirmou que o livro *Marxismo e Filosofia da linguagem* havia sido escrito por Bakhtin e não por Voloshinov. Hoje, já há argumentos para afirmar que o livro em questão realmente pertenceria a Voloshinov.

Segundo Faria e Silva (2013), Bakhtin acreditava que o discurso é resultado da interação e produziu sua obra em diálogo com outros intelectuais. As questões de disputa de autoria não importam tanto quanto o fato de que a autoria para esses intelectuais pressupõe mais de uma voz, um diálogo entre diferentes autores.

A partir de 1970, as obras dos autores mais conhecidos do Círculo – Bakhtin, Medvedev e Voloshinov – chegaram ao Ocidente. Em relação a esse aspecto, Faraco ressalta que:

[...] não houve nenhuma ordem cronológica na sua divulgação, que, por sua vez, levou perto de vinte e cinco anos para se completar, desde as primeiras traduções em 1968 (ano em que apareceram a edição em italiano da obra sobre Dostoievski e a edição em inglês da obra sobre Rabelais) até a tradução para o inglês de *Para uma filosofia do ato* em 1993. Além disso, é preciso registrar que nem sempre as traduções foram feitas com o devido cuidado. (FARACO, 2009, p. 15, grifos do autor)

Cabe acentuar o fato de que a maior parte dos textos do próprio Bakhtin é composta de manuscritos inacabados, alguns apenas rascunhados, o que nos deixa em uma circunstância de não poucas dificuldades quanto à compreensão de seu pensamento (FARACO, 2009). Ainda segundo Faraco,

⁷ Vyacheslav Vsevolodovich Ivanov (1929-2017) foi um proeminente filólogo soviético, provavelmente mais conhecido por sua teoria glotática do consonantismo indo-europeu e pela colocação do indo-europeu urheimat na área das Terras Altas da Armênia e do Lago Urmia. Dados da Wikipédia, a enciclopédia livre (2021).

No Brasil, a recepção das ideias do Círculo teve também suas peculiaridades. Além de não poucos problemas de tradução, o pensamento do Círculo, com bastante frequência e durante muitos anos, foi identificado quase exclusivamente ao livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, o primeiro a ser publicado em português (em 1979). (FARACO, 2009, p. 15, grifos do autor)

De acordo com os estudos de Lunardelli (2012; 2020), nas obras do Círculo de Bakhtin, há dois grandes projetos, o primeiro seria a elaboração de uma filosofia focada ao sujeito em seu contexto sócio-histórico, e o segundo refere-se ao desenvolvimento de uma teoria da criação ideológica, a qual procurava combater o marxismo vulgar e ressaltava o papel da linguagem. A partir desses dois projetos propostos pelo Círculo, levantaram-se em suas obras debates a respeito do dever ético, como resultado da característica do ser e do ato, além da relação desse ser com o mundo, em uma dinâmica de diálogo-resposta. Além disso, Faraco (2009) destaca que, nesse período:

As contribuições de Voloshinov e de Medvedev nessa direção têm duas marcas bem distintas. Primeiro, a crítica sistemática que ambos fizeram ao chamado marxismo vulgar, aquele que tenta dar conta dos processos e produtos da criação ideológica por meio de uma lógica determinista e mecanicista, segundo a qual uma relação de causalidade simples, direta, unilinear e unidirecional entre a base econômica e as manifestações superestruturais resolveria tudo, simplória e dogmaticamente. Segundo, e certamente a mais importante, o papel central que eles deram à linguagem em suas formulações e as próprias peculiaridades da filosofia da linguagem que elaboraram. Nesse sentido específico, pode-se dizer que o Círculo de Bakhtin trouxe uma contribuição original para debates, cujas implicações heurísticas não foram ainda de todo exploradas. (FARACO, 2009, p. 17)

Consoante Faria e Silva (2013), entendia-se que a identidade soviética deveria se construir pelo diálogo entre culturas e línguas de todas as repúblicas. O espírito da filosofia da linguagem de Bakhtin é esse, embora muito de sua produção tenha se dado depois de 1924, ano em que Lênin morre e Stalin assume o poder, difundindo uma política de criação de identidade baseada na ideia de unificar os estados soviéticos e de criar uma unidade da língua, sem respeitar as particularidades das línguas de cada república.

Bakhtin e seu Círculo pensaram a linguagem como prática social, em que a identidade se constrói pela convivência com a diversidade, na interação com o outro. Além disso, é de suma importância considerar o momento e o lugar em que aconteciam os encontros do Círculo de Bakhtin. Os intelectuais viviam em um país em que se pregava a unificação de um idioma e de uma cultura; falar de diferenças, portanto, estava proibido.

À luz dessa breve contextualização inicial sobre os estudiosos contemporâneos do Círculo, na subseção seguinte, são expostos os conceitos de enunciado e gênero discursivo, discutidos nas obras do Círculo de Bakhtin em sua concepção dialógica da linguagem.

2.1.2 Enunciado e gênero discursivo

O termo enunciado pode receber distintas designações, de acordo com a teoria que o aplica. Segundo Brait (2007), as noções enunciado/enunciação têm o papel central na concepção de linguagem. O pensamento bakhtiniano se pauta na concepção de linguagem como fenômeno histórico, cultural, social e ideológico; a linguagem se daria por meio da comunicação entre sujeitos sócio-historicamente contextualizados. Para Faraco,

Os discursos constituem um emaranhado de interseções enunciativas e estão dispersos por diferentes formações. Os enunciados emergem desse oceano heterogêneo e estão mais ou menos explicitamente marcados pela heterogeneidade que os constitui. (FARACO, 2009, p. 118)

De acordo com Bakhtin (2011), os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos “pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes. O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2011, p. 275, grifos do autor). Conforme Volóchinov (2018), o enunciado se constitui entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. O autor enfatiza que “a *situação social mais próxima e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 206, grifos do autor).

Segundo Bakhtin (2011), o enunciado caracteriza-se como uma unidade discursiva real precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro. O objeto da interação, do diálogo entre locutor e interlocutor, se concretiza na palavra, no discurso e no enunciado. Nesse sentido, destaca-se a importância do interlocutor para pronunciar sua resposta, não designando distinção e/ou supremacia do locutor diante do interlocutor, sendo os dois essenciais e fundamentais para desenvolver a interação discursiva. Consoante Volóchinov,

O problema da totalidade se encontra na primeira e na última palavra, no início e no fim do enunciado cotidiano. O processo do discurso, compreendido de modo amplo como um processo da vida discursiva exterior e interior, é ininterrupto e não conhece nem início nem fim. O enunciado exterior atualizado é uma ilha que se ergue do oceano infinito do discurso interior; o tamanho e as formas dessa ilha são determinados pela *situação* do enunciado e pelo seu *auditório*. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 221, grifos do autor)

De acordo com Lunardelli (2020), o enunciado abarca a estrutura tanto de uma situação social imediata, como também a estrutura de um meio social mais amplo, ou seja, o enunciado pertence à imensidão de eventualidades possíveis da vida. Nas palavras de Bakhtin, “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2016, p. 12, grifos do autor). Ainda conforme o teórico russo: “[...] a língua passa a interagir a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2016, p. 16-17). Os enunciados manifestam-se por meio de gêneros discursivos e abrangem três elementos essenciais: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Nesse sentido, conforme Bakhtin (2016),

O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam os enunciados por seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, eles têm como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo *limites* absolutamente precisos. Esses limites, de natureza especialmente substantiva e *principal*, precisam ser examinados minuciosamente (BAKHTIN, 2016, p.28-29, grifos do autor)

Nesse sentido, com base em Bakhtin, Rojo e Barbosa (2015) destacam o sujeito em várias esferas da atividade humana gerando, constituindo os gêneros:

Diferentes modos de vida e circunstâncias ligados às diversas esferas/campos de comunicação, por sua vez relacionados com os vários tipos de atividade humana e determinadas, em última instância, pela organização econômica da sociedade, gerariam tipos temáticos, composicionais e estilísticos de enunciados/textos relativamente estáveis – os **gêneros**. (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 64, grifos das autoras)

As autoras afirmam que “as esferas estão, pois, relacionadas aos tipos de atividade humana nelas desempenhadas e estas, por sua vez, aos gêneros discursivos que nelas circulam em forma de textos/enunciados concretos” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 68).

De acordo com Faraco (2009), como os sujeitos são pluriativos (envolvem-se em múltiplas dessas esferas da atividade humana), são também seres que transitam por múltiplos gêneros correlacionados às diferentes esferas da atividade. Como explica Bakhtin (2011):

Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. (BAKHTIN, 2011, p. 266)

De acordo com Bakhtin (2016), o enunciado está ligado pela identidade da esfera de comunicação:

Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo. Os próprios limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos do discurso. Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecemos outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subtende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição *definida* em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. (BAKHTIN, 2016, p. 57, grifos do autor)

Toda palavra, portanto, é eco do passado e projeção do futuro, que comporta outros enunciados; todo dizer vem do passado e vai para o presente, assim o significado da palavra não é dado pela própria palavra e sim pelo sujeito que fala e usa aquela palavra, carregada de outros ecos. A linguagem se funde nas relações entre o eu/outro, na interação dos sujeitos.

Em síntese, conforme as postulações bakhtinianas definem, é por meio dos gêneros do discurso que o sujeito organiza seus enunciados, como unidade real e concreta da língua. Os enunciados estão correlacionados a campos/esferas da atividade humana nos quais foram produzidos e estes também irão influenciar de forma direta a elaboração dos enunciados.

Acerca especificamente da noção de gênero/ gênero do discurso, de acordo com Rojo e Barbosa (2015), a reflexão sobre o conceito de “gêneros” iniciou-se na Grécia Antiga, com Platão e Aristóteles. Pensando sobre poética e retórica, esses filósofos começaram a distinguir

e a tipificar os gêneros. Faraco (2009) também indica que Platão foi o primeiro a tratar de gêneros:

no livro III da *República*, divide a mimese (isto é, a representação literária da vida) em três modalidades: a lírica, a épica e a dramática. Aristóteles elaborou, na sequência, dois trabalhos importantes de sistematização dos gêneros: na *Arte retórica*, propôs e estudou três gêneros retóricos (o deliberativo, o judiciário e o epidítico); e, na *Arte poética*, buscou tratar da produção poética em si mesma e de seus diversos gêneros, explorando extensamente as propriedades da tragédia e da epopeia (e, segundo se acredita, da comédia no livro II, totalmente perdido). Esses dois trabalhos de Aristóteles foram referências durante séculos na discussão dos gêneros. (FARACO, 2009, p. 123, grifos do autor)

Nesse sentido, Rojo e Barbosa esclarecem que “o primeiro autor a estender a reflexão sobre os gêneros a todos os textos e discursos sem distinção ou divisão, tanto na vida cotidiana como da arte, foi Mikhail **Bakhtin e seu círculo** de discussões, que era integrado por Valentin Volochinov e Pavel Medvédev” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 38, grifos das autoras). Conforme discutem Rojo e Barbosa, “é em 1929, na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, que o Círculo de Bakhtin estende o conceito de gênero – ainda hesitando em nomeá-lo como tal – a todas as produções discursivas humanas e não somente ao campo da arte literária ou da oratória pública” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 40, grifos das autoras). De acordo com o estudo de Rodrigues (2004), a discussão sobre os gêneros aparece nas três partes da obra:

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, a discussão sobre os gêneros pode ser identificada nas três partes de que a obra é composta: na discussão da importância dos problemas da filosofia da linguagem para o marxismo em seu conjunto; na discussão do problema da natureza real dos fenômenos linguísticos; e no estudo do discurso citado como lugar para se observar o processo de apreensão ativa do discurso do outro. (RODRIGUES, 2004, p. 418)

Consoante o estudo de Lunardelli (2020), é possível acreditar que o conceito de gênero tenha sido construído ao longo dos estudos e das obras do Círculo, sobretudo por Bakhtin, que o aprimora no texto “Os gêneros do discurso”. Nessa perspectiva, Bakhtin (2016) chama a atenção para o fato de que:

Da Antiguidade até hoje, estudaram-se os gêneros retóricos (demais, as épocas subsequentes pouco acrescentaram à teoria antiga); aí já se deu mais atenção à natureza verbal desses gêneros como enunciados, a tais momentos, por exemplo, como a relação com o ouvinte e sua influência sobre o enunciado, sobre a conclusibilidade verbal específica do enunciado (à diferença da

conclusibilidade do pensamento), etc. Ainda assim, também aí a especificidade dos gêneros retóricos (jurídicos, políticos) encobria a sua natureza linguística geral. Por último, estudaram-se também os gêneros discursivos do cotidiano (predominantemente as réplicas do diálogo cotidiano) e, ademais, precisamente do ponto de vista da linguística geral (na escola de Saussure, em seus adeptos modernos – os estruturalistas, nos behavioristas americanos e, em bases linguísticas totalmente distintas, nos seguidores de Vossler). (BAKHTIN, 2016, p. 13-14)

Nesse processo de formação histórica de estudo dos gêneros retóricos, os gêneros discursivos do cotidiano – as réplicas do diálogo cotidiano –, lançam luz em relação à natureza do enunciado e à diversidade de formas de gênero existentes.

Bakhtin (2016), ao defender o estudo da natureza do enunciado, chama a atenção para a variedade de gêneros do discurso na representativa diversidade da linguagem humana:

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da linguística e da filologia. Porque todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto – seja da língua, de gramática normativa, de confecção de toda espécie de dicionários ou de estilística da língua, etc. – opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação. [...] O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação indiferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. (BAKHTIN, 2016, p. 16).

Tudo o que escrevemos e falamos é, desse modo, ideológico. Os enunciados concretos (escritos e orais) estão relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação, com suas ideologias. Sobre a diversidade de gêneros do discurso, o autor afirma:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade. (BAKHTIN, 2016, p.12)

Bakhtin (2016) propôs três elementos constituintes para os gêneros do discurso, como já mencionamos nesta dissertação: i) os temas: conteúdos ideologicamente marcados; ii) a forma composicional: elementos comunicativos e semióticos de organização, disposição e acabamento da totalidade discursiva pertencentes ao gênero; e iii) marcas linguístico-enunciativas ou estilo: recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais da língua. Conforme o

autor, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional estão relacionados à totalidade do enunciado e à especificidade de um determinado campo da comunicação.

O conteúdo temático não se refere apenas ao assunto, mas também abrange distintas finalidades de sentidos para um determinado gênero do discurso. De acordo com Volóchinov (2018, p. 228), “o tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual ele pertence”. Desse modo, entendemos que o conteúdo temático é específico do gênero conforme o seu contexto de produção e circulação. Assim, o tema pode ter um significado diferente, de acordo com momento e as condições de produção do enunciado. E, desta forma, o tema está relacionado ao estilo. Para Bakhtin,

O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva-com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. (BAKHTIN, 2016, p. 18)

Desse modo, cada gênero discursivo apresenta um tema, o que determina sua forma composicional e seu estilo. As marcas linguístico-enunciativas ou estilo são constituídas pelos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais da língua. Assim, o estilo e o tema atendem às imposições do gênero, mas o estilo não se reduz ao gênero, também manifesta as peculiaridades próprias de cada enunciadador.

De acordo com Bakhtin, “falamos apenas através de certos gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do conjunto*” (BAKHTIN, 2016, p. 38, grifos do autor). Sobre a forma/construção/estrutura composicional, está se difere da forma linguística pela sua flexibilidade e plasticidade e também “no sentido da sua estabilidade e da sua coerção (normatividade) para o falante” (BAKHTIN, 2016, p. 39). Portanto, flexível e estável ao mesmo tempo. No texto “Os gêneros do discurso”, Bakhtin traz a seguinte afirmação:

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. (BAKHTIN, 2016, p. 20)

Comprendemos, dessa forma, que todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. É na própria história dos gêneros discursivos que se pode registrar

a história da língua. Para finalizar esta seção, Bakhtin (2016) acrescenta que é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos):

Os gêneros discursivos secundários (complexos - romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicitários, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – ficcional, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, ao integrarem os complexos, nestes se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios. (BAKHTIN, 2016, p. 15)

Desse modo, Bakhtin (2016) salienta que, quanto melhor dominamos os gêneros, maior é a desenvoltura com que empregamos e mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade, refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação - em suma, tanto mais plena é a forma com que realizamos o nosso livre projeto de discurso.

2.1.3 Os Estudos Dialógicos da Linguagem

O conceito de “dialogismo” refere-se a uma designação elaborada pelos membros do Círculo de Bakhtin, para fazerem menção a uma concepção de linguagem constituinte dos postulados teóricos elaborados pelo grupo. Esse conceito esclarece a ideia principal dos estudos do Círculo a respeito da interação discursiva, lugar em que os sujeitos se constituem como tal, mediante as relações dialógicas, ao produzirem seus enunciados concretos.

No que diz respeito ao dialogismo, Sobral (2009) enfatiza que dialogismo não se confunde com diálogo, quer se trate das réplicas de um diálogo face a face ou de sua representação em discursos, estéticos ou outros. O diálogo é um fenômeno textual e um procedimento discursivo englobado pelo dialogismo, sendo apenas um de seus níveis mais evidentes no nível da materialidade discursiva. Para o autor:

Podemos, portanto, afirmar que dialogismo é um conceito que busca dar conta do elemento constitutivo não apenas dos discursos como da própria linguagem e mesmo do ser e do agir humano. Para o Círculo, a recepção presumida dos discursos é tão parte da criação do sentido quanto o são sua produção e sua circulação: não há sentido fora da diferença, da arena, do confronto, da

interação dialógica, e assim como não há um discurso sem outros discursos, não há eu sem outro, nem outro sem eu. (SOBRAL, 2009, p. 39)

Nessa direção, Faraco (2009) afirma que existe uma grande identificação do pensamento do Círculo de Bakhtin com a metáfora do diálogo: “a palavra *diálogo*, contudo, tem várias significações sociais, o que pode afetar a recepção do pensamento do Círculo” (FARACO, 2009, p. 60, grifos do autor). O autor afirma que, no caso específico da interação face a face, o Círculo se refere não com o diálogo em si, mas com o que ocorre nele, com o complexo de forças que nele atua e condiciona a forma e as significações do que é dito ali:

[...] o evento do diálogo face a face só interessa como um dos muitos eventos em que se manifestam as relações dialógicas – que são mais amplas, mais variadas e mais complexas do que a relação existente entre as réplicas de uma conversa face a face. O objeto efetivo do dialogismo é constituído, portanto, pelas *relações dialógicas* nesse sentido lato (“mais amplas, mais variadas e mais complexas”). (FARACO, 2009, p. 62, grifos do autor)

Fiorin (2008) ressalta que o dialogismo é o princípio unificador da obra de Bakhtin. Todos os enunciados no processo de comunicação, independentes de sua dimensão, são dialógicos, ou seja, nessa relação não se reduz ao quadro estreito do diálogo face a face, o diálogo perpassa sempre pela voz do outro, feita também de palavras do outro. Para construir um discurso, o enunciador leva em conta o discurso do outro, que está presente no seu, uma vez que “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio” (FIORIN, 2008, p. 18). No discurso, ouvem-se sempre, ao menos, duas vozes presentes, mesmo não se manifestando no discurso, pois “um enunciado é sempre heterogêneo”. Diante disso, “o sujeito vai constituindo-se discursivamente, aprendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas” (FIORIN, 2008, p. 19).

Costa-Hübes (2017) considera dialogismo o encontro de vozes, discursos, enunciados que ancoram um projeto discursivo; são as reenunciações dos já-ditos que se (re)organizam e se projetam na construção arquitetônica de um texto-enunciado; bem como as relações que se estabelecem entre o eu e o outro na produção de um texto-enunciado.

De acordo com Bakhtin, “as relações dialógicas são relações (de sentidos) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados no plano do sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica” (BAKHTIN, 2016, p. 92). Volóchinov (2018) destaca a importância da orientação da palavra para o interlocutor:

Em sua essência, *a palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente *o produto das inter-relações do falante com o ouvinte*. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 205, grifos do autor)

É nesse sentido que a palavra se sustenta como o signo primário da consciência humana e da comunicação discursiva com o falante, inserindo-se por meio das distintas esferas ideológicas da atividade humana. Bakhtin (2016) pondera que, na palavra do falante, há sempre um elemento de apelo ao ouvinte, uma diretriz voltada para a sua resposta:

Isto se manifesta com maior clareza no discurso dialógico. A relação entre as réplicas do diálogo difere da relação entre duas orações de um contexto monológico ou entre dois enunciados centrados no mesmo tema e não relacionados dialogicamente. (BAKHTIN, 2016, p. 113)

Dessa maneira que a palavra se orienta para um destinatário que pressupõe ouvintes, assim como esse destinatário existe em uma conexão social com o sujeito falante, interligados por relações dialógicas que respondem um ao outro.

Como afirma Volochínov, “*a essência efetiva da linguagem está representada pelo fato social da interação verbal, que é realizada por uma ou mais enunciações*” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 158, grifos do autor). Nesse sentido, o enunciado não apenas é engendrado pela forma linguística que gera forma à comunicação, mas também pelas singularidades dos sujeitos que interagem e dos contextos sociais nos quais vivem. Dessa forma, o enunciado, como uma unidade da comunicação discursiva, engloba uma parte verbal e uma parte não-verbal, nas quais são representados o que é declarado pela língua/linguagem e o que não pode ser declarado pela língua/linguagem de modo recíproco.

Na perspectiva do Círculo, compreendemos a comunicação como realização concreta da interação discursiva, visto que entende que toda palavra procede de alguém e se dirige para alguém. Destarte, os estudiosos do Círculo de Bakhtin definem uma ordem metodologicamente fundamentada para o estudo dos enunciados, segundo Volóchinov (2018):

- 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas;
- 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica;

3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 220)

Ao referir-se às “formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas”, o autor ressalta que o contexto extraverbal do enunciado deve ser a base no estudo de um enunciado. A partir dessa proposição, destaca que os enunciados são as unidades reais do fluxo da linguagem: “O enunciado em sua totalidade se realiza apenas no fluxo da comunicação discursiva. A totalidade é determinada pelas fronteiras que se encontram na linha de contato desse enunciado com o meio extraverbal e verbal (isto é, com outros enunciados)” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 221). A esse respeito, o autor assevera ainda que:

Uma pergunta acabada, uma exclamação, uma ordem, um pedido são as totalidades típicas dos enunciados cotidianos. Todas elas (principalmente a ordem e o pedido) exigem um complemento extraverbal, assim como um início extraverbal. O próprio tipo de acabamento desses pequenos *gêneros* cotidianos é determinado pelo atrito da palavra com o meio extraverbal e pelo atrito da palavra com a palavra alheia (das outras pessoas). (VOLÓCHINOV, 2018, p. 221)

Desse modo, cada circunstância do meio cotidiano elabora formas específicas da palavra, que possuem um determinado repertório que faz parte dos gêneros do cotidiano. Conforme Kraemer, Lunardelli e Costa-Hübes (2020, p. 81), [...] “os enunciados construídos a partir da interação verbal exprimem e realimentam a ideologia do cotidiano – o domínio da palavra interior e exterior desordenado e ainda não fixado em um sistema.”

Bakhtin (2016) aponta que o contexto da oração é o contexto da fala do mesmo sujeito do discurso (falante). A oração não se correlaciona de forma imediata nem pessoal com o contexto extraverbal da realidade (a situação, o ambiente, a pré-história) nem com os enunciados de outros falantes, mas tão somente através de todo o contexto que a rodeia, isto é, através do enunciado em seu conjunto. Trata-se da dimensão extraverbal do enunciado.

Voloshinov e Bakhtin compreendem essa dimensão extraverbal composta por três fatores: “1) *o horizonte espacial comum* dos falantes [...], 2) *o conhecimento e a compreensão da situação comum* [...], e finalmente 3) *a avaliação comum* dessa situação” (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p. 118-119, grifos do autor). No que tange à avaliação comum, ela é orientada pela imagem que o autor gera do seu interlocutor, pelo tema da interação e por meio do campo de circulação do gênero discursivo:

A particularidade dos enunciados da vida consiste justamente no fato de que eles estão entrelaçados por mil fios ao contexto extraverbal da vida e, ao serem

isolados dele, perdem praticamente por completo o seu sentido: quem não conhece o seu contexto da vida mais próximo não irá entendê-los. (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p. 121)

Nessa perspectiva, todo enunciado é social e as formas de comunicação são ideológicas. Sobral e Giacomelli (2016) enfatizam que o cerne da concepção dialógica é o intercâmbio social, a interação, o contato concreto entre os sujeitos; é a base da comunicação, compreendida como ação concreta de tornar algo comum aos elementos do diálogo. Segundo os autores, “a linguagem é um processo sócio-histórico *contínuo* de produção de sentidos, é o espaço privilegiado de manifestação e confronto das diversas “vozes” que constituem a sociedade” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 144).

A Análise Dialógica do Discurso, doravante ADD, refere-se a uma vertente brasileira, pesquisadores brasileiros do Círculo de Bakhtin que utilizam o termo para situar o campo de estudos do/ sobre o/ a partir do Círculo, diferenciando-o de outras abordagens. Assim, as obras do Círculo tornam-se ancoragem epistemológica da ADD. Para esta pesquisa, alinhamo-nos à perspectiva dos Estudos Dialógicos da Linguagem, embasando-nos na obra *Estudos dialógicos da linguagem*, organizado por Franco, Acosta-Pereira e Costa-Hübes (2020), trazendo contribuições para pesquisas em Linguística Aplicada nos contextos escolares e não-escolares.

De acordo com os autores, nos Estudos Dialógicos da Linguagem, “destacam-se, assim, na contemporaneidade, pesquisadores preocupados com a práxis docente, compreendida nesse âmbito como ação transformadora da realidade, motivada por atos responsivos de sujeitos comprometidos com a formação humana” (FRANCO; ACOSTA-PEREIRA; COSTA-HÜBES, 2020, p. 8).

Conforme Costa-Hübes (2017), ao considerarmos um texto-enunciado como ponto de partida para uma pesquisa em ciências humanas, devemos olhar com atenção para sujeito(s), em determinado momento sócio-histórico e ideológico, e o contexto que envolve a ele e a seu discurso. Assim sendo, é por meio do texto-enunciado que a realidade do sujeito e da linguagem se mostra em sua totalidade. Nesse sentido, complementam Pereira e Costa-Hübes:

Na análise de um texto-enunciado é preciso, antes de tudo, recuperar o contexto no qual foi produzido para situá-lo em relação ao seu espaço-tempo de produção (quem o produziu, quando e onde foi produzido, para quem), em que situação/objeto do discurso/conteúdo temático se insere; e que posicionamentos axiológicos/valorativos são partilhados. (PEREIRA; COSTA-HÜBES, 2021, p. 396)

Segundo ainda pontua Costa-Hübes (2017), na análise da dimensão verbal dos enunciados, [...] “o olhar do pesquisador deve voltar-se para o estudo dos elementos constituintes do gênero discursivo (no qual o texto-enunciado se organiza)” (COSTA-HÜBES, 2017, p. 560), conforme Bakhtin (2016) propõe: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Considerando o texto-enunciado verbovisual, Costa-Hübes destaca a importância de nos atentarmos para “o predomínio das cores, o tamanho das letras, as imagens em destaque, o posicionamento das imagens no texto etc.” (COSTA-HÜBES, 2017, p. 566). Conforme os estudos realizados por Beloti *et al* (2020), as autoras esclarecem que a dimensão verbovisual é compreendida pela análise de quatro aspectos:

enunciativo-discursivos, textuais, linguísticos e visuais. Nos aspectos enunciativo-discursivos, interessa analisar o tema, as estratégias estilísticas para dizer (estilo) e a estrutura composicional. Os aspectos textuais incidem sobre os recursos textuais balizados pelo gênero, enquanto os aspectos linguísticos dizem respeito aos recursos da língua agenciados pelo gênero; e os aspectos visuais correspondem à análise dos elementos visuais em relação aos verbais para a construção dos sentidos. (BELOTI *et al.*, 2020, p. 116-117)

Conforme nos aponta Volóchinov, “o enunciado concreto (e não a abstração linguística) nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes do enunciado” (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p. 128). Portanto, o enunciado precisa estar inserido em condições específicas de interação. Nas palavras do autor:

Seu significado e sua forma são determinados principalmente pela forma e pelo caráter dessa interação. Ao separar o enunciado do solo real que o nutre, perdemos a chave tanto da forma quanto do sentido, restando nas nossas mãos ou o invólucro linguístico abstrato, ou o esquema do sentido, também abstrato [...]: duas abstrações que não podem ser unidas entre si, pois não há terreno concreto para uma síntese viva delas. (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p. 128)

Os textos do Círculo de Bakhtin apontam que o conceito de dialogismo está associado à própria concepção de língua como interação discursiva. A esse respeito, Bakhtin declara que “[...] a unidade do discurso é o enunciado. Todo enunciado é por natureza uma réplica do diálogo (comunicação e luta). O discurso é dialógico por natureza” (BAKHTIN, 2016, p. 116). Conforme Alves (2016), o enunciado é repleto de tonalidades dialógicas: tonalidade de expressão, de sentido, de estilo, de composição. Sem dar a devida importância a essas tonalidades dialógicas é impossível compreender o estilo de um enunciado. O signo pode ser o mesmo, mas o significado é diverso por diferentes axiologias, sendo o signo a realidade da ideologia, e essa realidade do signo estabelece o seu dado tema. Consoante Volóchinov, “[...] a

existência não apenas é refletida no signo, mas também é *refratada* nele. O que determina a refração da existência no signo ideológico? – O cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade sígnica, isto é, a *luta de classes*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 112, grifos do autor). Nesse sentido, para Kraemer, Lunardelli e Costa-Hübes:

A identificação do ideológico com o sígnico é que vai alicerçar os estudos do Círculo na construção de uma teoria materialista para a análise dos processos e dos produtos da cultura imaterial. Nessa perspectiva, é considerado pelos membros desse grupo que um produto da criação ideológica é sempre um signo, o qual é produzido e entendido nos processos das relações sociais. (KRAEMER; LUNARDELLI; COSTA-HÜBES, 2020, p. 81)

As autoras afirmam que, de acordo com a perspectiva do Círculo, entende-se que a língua(gem) e a ideologia são inerentemente intrínsecas, uma vez que o ideológico se concretiza por meio dos sujeitos sociais, por entre eles e para eles, mediados pelo signo. Desse modo, todo signo ideológico é determinado pelo *horizonte social*, conforme nos aponta Volóchinov (2018):

Ao realizar-se no processo da comunicação social, todo signo ideológico, inclusive o signo verbal, é determinado pelo *horizonte social* de uma época e de um grupo social. [...]uma vez que o signo é criado entre os indivíduos e no âmbito social, é necessário que o objeto também obtenha uma significação interindividual, pois apenas assim ele poderá adquirir uma forma sígnica. Em outras palavras, *somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se.* (VOLÓCHINOV, 2018, p. 110-111, grifos do autor)

Em suma, na perspectiva do Círculo de Bakhtin, o dialogismo está associado à própria concepção de língua como interação discursiva, o enunciado concreto (ou texto-enunciado) se constitui pelas dimensões extraverbal e verbovisual, designadas por estabelecerem unidades de sentidos que se correspondem axiologicamente e criadas no processo de interação.

Na seção seguinte, tratamos da didatização dos gêneros do discurso, no que se refere aos postulados do Círculo de Bakhtin e à análise linguística de base dialógica.

2.2 A Didatização dos Gêneros do Discurso

O estudo dos gêneros discursivos permite refletir sobre um ensino relacionado às práticas sociais reais de uso, uma vez que compreende a linguagem como interação, abrange a

organização de sentidos, a estrutura para a construção da ação social; os gêneros são, portanto, instrumentos da interação humana.

Conforme os estudos de Lunardelli (2020), a didatização do gênero caracteriza-se pelo momento em que este, como objeto de estudo, descrito e analisado em seus enunciados concretos, se torna objeto de ensino, conduzido para o contexto específico da escola, de acordo com a autora, “didatizado”.

A título de ilustração, uma das primeiras propostas de didatização dos gêneros foi denominada “sequência didática”, procedimento elaborado pelos pesquisadores da Universidade de Genebra, que permitiu planejar o ensino e a aprendizagem de um gênero textual/discursivo. Dolz e Schneuwly (2004) formularam um modelo didático com o objetivo de entender as particularidades de cada gênero e possibilitar aos alunos colocar em prática os aspectos da linguagem já internalizados, e os que eles ainda não teriam domínio. Os autores assinalam que o objetivo principal em utilizar uma sequência didática no ensino de um gênero é oportunizar aos alunos a utilização da língua, com competência, em várias situações comunicativas do cotidiano. Desse modo, para que eles dominem os mais diversos gêneros, os pesquisadores defendem a necessidade de o professor construir caminhos com seus alunos, com o objetivo de levá-los ao desenvolvimento das capacidades necessárias para aprender e fazer uso dos gêneros trabalhados.

Nesta pesquisa, optamos por outros modelos didáticos, haja vista nosso compromisso com a escola brasileira e o ensino dos gêneros discursivos. Dessa maneira, o processo de didatização do gênero convite de casamento está fundamentado na Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 1991; 2013; 2019) e na proposta didática de Lunardelli (2021), específica para os gêneros do discurso, considerando também a análise linguística de base dialógica. Além disso, inspiramo-nos em outras propostas, como a de Lopes-Rossi (2006; 2015) e a de Rojo e Barbosa (2015).

Nessa direção, a seguir, apresentaremos o breve percurso dos gêneros na escola brasileira, a prática de análise linguística de base dialógica e a opção pelos fundamentos didáticos da Pedagogia Histórico-Crítica.

2.2.1 Breve percurso dos gêneros na escola brasileira

De acordo com Lunardelli (2020), os gêneros estavam presentes na esfera escolar desde os séculos XIX e XX abordados pelas antologias poéticas, tornavam-se como pretexto para um

ensino normativo-gramatical de redação, o qual constituía-se de repletos exercícios estruturalistas de repetição. Considerou-se, durante séculos, a concepção de linguagem como expressão do pensamento, a ação individual do sujeito, pensada, articulada e transformada em linguagem, como tradução do pensamento.

A concepção de linguagem como expressão do pensamento baseou a primeira LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – nº 4.024, de 1961, visto que o professor era detentor do conhecimento e o aluno o recipiente que iria receber esse conhecimento. Dessa forma, conhecer a língua significava dominar a organização do pensamento em linguagem (LUNARDELLI, 2020).

A segunda LDB – a Lei 5.692, de 1971, tratou a linguagem como instrumento de comunicação e expressão, cuja formulação surge no final do séc. XIX e início do séc. XX, na qual passou a conceber a língua como sistema e não apenas atividade individual do sujeito. Em meio à implantação da ditadura militar no Brasil, o ensino de língua materna, assim como o de outras disciplinas, predominava a proposta pedagógica tecnicista, da qual buscou-se ensinar em sala de aula, com exercícios gramaticais exaustivos de memorização e repetição. Ao mesmo tempo em que a redação conquistava o destaque da disciplina, a leitura passou a ganhar relevância.

O final dos anos 1970 e os anos 1980 marcaram a virada no conceito de linguagem, assim como a entrada dos livros didáticos no lugar das antologias poéticas e das gramáticas. Nas palavras de Lunardelli:

O momento de transição no contexto político brasileiro, nos anos 1980, pode ser também compreendido como momento de transição para a disciplina de Língua Portuguesa e seus objetos/conteúdos de ensino. O momento atenta para a questão do compromisso social e político da escola. Além do surgimento de propostas pedagógicas consistentes, como a Pedagogia Histórico-crítica, [...] novas concepções de aquisição da língua materna, novas teorias sobre o processo de ensino-aprendizagem ganham relevo, devido em parte às pesquisas desenvolvidas nos cursos de pós-graduação no país, que focam, em sua maioria, estudos linguísticos sobre texto/contexto e práticas discursivas, e estudos que colocam em xeque o ensino de gramática nas aulas de língua portuguesa. Estudos esses pautados em uma nova/outra concepção de linguagem – a linguagem como forma de interação. (LUNARDELLI, 2020, p. 188-189)

Em relação ao trabalho com os gêneros na escola brasileira, de acordo com a autora, “com o aprofundamento dos estudos da teoria enunciativo-discursiva do Círculo de Bakhtin, já nos anos 1990, os gêneros discursivos chegam às escolas brasileiras oficialmente pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)” (LUNARDELLI, 2020, p. 190). Trata-se, segundo

a autora, da concretização do gênero como objeto de ensino e do texto como unidade de trabalho. Conforme Faria e Silva:

a noção de gêneros do discurso popularizou-se enormemente no Brasil com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e Médio, que teve início no final da década de 1990 e desdobrou-se em atualizações e ampliações na primeira década de nosso século, como as Diretrizes Nacionais dos Cursos Superiores das áreas de humanas, de 2001. (FARIA-SILVA, 2013, p. 57)

Faraco (2009, p. 122), sobre essa questão, declara que: “o atual uso inflacionado no Brasil – em especial no discurso pedagógico posterior à reforma do ensino de 1996 – da expressão gêneros do discurso, [teve] o texto de Bakhtin como referência.” Por fim, de acordo com Rojo (2005, p. 184):

No Brasil dos anos recentes, a partir de 1995, especialmente no campo da linguística aplicada (doravante, LA) ao ensino de línguas (estrangeiras/materna), grande atenção tem sido dada às teorias de gênero (de textos/do discurso). Pelo menos em parte, isso se deve aos novos referenciais nacionais de ensino de línguas (PCNs de língua portuguesa, de línguas estrangeiras) que fazem indicação explícita dos gêneros como objeto de ensino ou destacam a importância de considerar as características dos gêneros, na leitura e na produção dos textos.

Nesta perspectiva, é fundamental estabelecer uma diferença entre gêneros discursivos e textuais. Rojo (2005) fixa uma distinção entre pesquisas voltadas aos gêneros do discurso ou discursivos e gêneros de texto ou textuais. De acordo com a autora:

Ambas as vertentes encontravam-se enraizadas em diferentes releituras da herança bakhtiniana, sendo que a primeira – *teoria dos gêneros do discurso* – centrava-se sobretudo no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos e a segunda – *teoria dos gêneros de textos* -, na descrição da materialidade textual. No primeiro caso, os autores de referência eram, em geral, o próprio Bakhtin e seu círculo, além de comentadores como Holquist, Silvestre e Blank, Brait, Faraco, Tezza, Castro etc. No segundo, os autores de referência eram, em geral, Bronckart e Adam. Entretanto, como aparato teórico para a descrição específica de exemplares nos gêneros, ambas as vertentes muitas vezes recorriam a um conjunto de autores comuns, tais como Charaudeau, Maingueneau, Kerbrat-Orecchioni, Authier-Revuz, Ducrot, Bronckart *et al.* (ROJO, 2005, p. 185, grifos da autora)

Os PCN (BRASIL, 1998) de Língua Portuguesa propõem a utilização dos gêneros textuais/discursivos como objeto de ensino da língua. O aporte que os PCN oferecem aos

docentes de Língua Portuguesa em sala de aula são inúmeras naquele tempo-espaço. O documento parte do pressuposto de que um trabalho pedagógico de Língua Portuguesa precisa abandonar o método tradicional das estruturas textuais narração, descrição e dissertação, a fim de que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem. Assim, priorizar os gêneros que merecerão uma análise mais aprofundada. O documento dos PCN (1998, p.23-24), argumenta que:

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõe o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social.

Posteriormente, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) (BRASIL, 2000) delimitam a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, dentro da proposta para o ensino médio, cuja diretriz está registrada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 e no Parecer do Conselho Nacional da Educação/Câmara de Educação Básica nº15/98. O documento aponta que o estudo dos gêneros discursivos e dos modos como se articulam proporciona uma visão ampla das possibilidades de usos da língua:

Os gêneros discursivos cada vez mais flexíveis no mundo moderno nos dizem sobre a natureza social da língua. Por exemplo, o texto literário se desdobra em inúmeras formas; o texto jornalístico e a propaganda manifestam variedades, inclusive visuais; os textos orais coloquiais e formais se aproximam da escrita; as variantes linguísticas são marcadas pelo gênero, pela profissão, camada social, idade, região. [...] toda e qualquer análise gramatical, estilística, textual deve considerar a dimensão dialógica da linguagem como ponto de partida. O contexto, os interlocutores, gêneros discursivos, recursos utilizados pelos interlocutores para afirmar o dito/escrito, os significados sociais, a função social, os valores e o ponto de vista determinam formas de dizer/escrever. As paixões escondidas nas palavras, as relações de autoridade, o dialogismo entre textos e o diálogo fazem o cenário no qual a língua assume o papel principal. (BRASIL, 2000, p.21)

De acordo com Faria e Silva (2013), nos próprios PCN, há referência explícita à interação discursiva proposta por Bakhtin/Voloshinov e à noção de gêneros segundo Bakhtin:

“[...] assim, a ideia de gêneros do discurso acabou se espalhando e sendo recebida de acordo com diferentes concepções de texto e de linguagem” (FARIA-SILVA, 2013, p. 57-58). Podemos perceber que, com a publicação dos PCN, a discussão em relação aos gêneros textuais/discursivos no ensino de Língua Portuguesa acabou aumentando e se disseminando com tamanha intensidade tanto na área da Linguística Aplicada assim como na da educação.

Para trabalhar o gênero discursivo convite de casamento nas aulas de Língua Portuguesa especificamente no ensino médio, buscamos verificar o que o documento educacional da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) – pontua em relação ao ensino de gêneros discursivos.

A BNCC (2018) é um documento normativo que orienta os currículos estaduais e municipais nos conteúdos considerados como aprendizagens essenciais que os alunos devem desenvolver ao longo da educação básica em todas as escolas do país. Ou seja, o documento é uma norma obrigatória de abrangência nacional tanto na rede pública como na privada. Desse modo, as instituições de ensino nível de educação básica, nas etapas da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, devem observar obrigatoriamente tal documento. A BNCC estabelece conhecimentos, habilidades e competências, que se configuram com a mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas do dia-a-dia com vistas ao exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2018).

Em comparação com o Ensino Fundamental, a BNCC de Língua Portuguesa para o Ensino Médio define a progressão das aprendizagens e habilidades, prevê o trabalho com os gêneros discursivos/textuais, que se configuram nos campos de atuação e em um sistema de competências e habilidades. Os campos de atuação social propostos seriam: Campo da vida pessoal, Campo artístico-literário, Campo das práticas de estudo e pesquisa, Campo jornalístico-midiático, Campo de atuação na vida pública.

Pela ótica da BNCC (BRASIL, 2018), compete ao ensino médio aprofundar a análise sobre as linguagens e seus funcionamentos, intensificando a perspectiva analítica e crítica da leitura, escuta e produção de textos verbais e multissemióticos. No que concerne aos gêneros discursivos, define a progressão das aprendizagens e habilidades levando em conta: “[...] a consolidação do domínio de gêneros do discurso/gêneros textuais já contemplados anteriormente e a ampliação do repertório de gêneros, sobretudo dos que supõem um grau maior de análise, síntese e reflexão” (BRASIL, 2018, p. 499).

Após as devidas reflexões, na subseção seguinte, trataremos a respeito da prática de análise linguística de base dialógica.

2.2.2 A prática de análise linguística de base dialógica

Para propor caminhos didáticos para o ensino do gênero discursivo convite de casamento no ensino médio, esta pesquisa se alinha à Análise Linguística de base Dialógica. Conforme os estudos de Polato (2017), a Análise Linguística de estatuto dialógico, doravante ALD, é uma perspectiva pedagógica de abordagem de aspectos linguístico-enunciativos e discursivos em textos mobilizados em gêneros discursivos, que mira, em primeiro plano, a compreensão do discurso e, portanto, as relações sociais representadas, a partir de uma abordagem valorativa da língua/linguagem. Nesse contexto, Polato esclarece:

A ALD se ancora no princípio de que a qualidade e a velocidade das respostas ativas elaboradas na cadeia do discurso, as quais passam pela compreensão das representações de relações sociais materializadas em textos e mobilizadas por meio dos gêneros do discurso, são delineadas a partir de níveis de consciência socioideológica acerca do funcionamento da interação verbo-social. Por isso, seus objetivos tanto são pragmático-pedagógicos como sociais, pois a Análise Linguística de estatuto dialógico visa que os sujeitos-alunos participantes da organização social alcancem a compreensão da configuração axiológica das situações sócio-históricas e ideológicas amplas e imediatas de interação, em uma abordagem especialmente interessada no evento de interlocução demarcada, lugar onde o uso da língua ultrapassa domínios cognitivos, por estar circunscrito à especificidade das relações sociais constituídas, nas quais se funda a enunciação. (POLATO, 2017, p. 198)

Ao relacionar o conceito de gêneros com as práticas de ensino, Polato nos explica:

A perspectiva dialógica de trabalho com a análise linguística é centrífuga e centrípeta. Não está fechada na orientação interna do gênero. Ela empurra você para fora dele, para os valores, para as relações sociais representadas no texto de X gênero, mas o traz de volta para saber como esses valores e relações funcionam ali dentro. Gênero, assim, é lugar socialmente semiótico de mobilização do discurso e não, necessariamente, morada ou caminho para os métodos e nem simulacro para abordagens cognitivas de aspectos linguísticos. De todo modo, essa tensão entre as forças, entre a orientação interna e externa, ajuda a expandir o horizonte de compreensão dos coprodutores do discurso. (POLATO, 2017, p. 160-161)

Portanto, a perspectiva dialógica de trabalho com a Análise Linguística refere-se à prática pedagógica de linguagem, com foco na abordagem de aspectos linguístico-enunciativos e discursivos em enunciados dos gêneros do discurso.

Nesse sentido, Fenilli (2020), ao estudar a ALD, afirma que se busca promover a consciência linguística de que na língua/linguagem não existe só um discurso, ou alguns

discursos certos/bons/positivos, mas que existem diversos discursos sócio-valorados de forma positiva ou negativa em relação à avaliação comum da comunidade/grupo social em que os interlocutores se inserem. Destarte, Polato declara que:

Mesmo sabendo que os horizontes sociais e econômicos a que estão submetidos os sujeitos os integra fortemente, a escola e os professores de língua devem ter a consciência de que a direção das aulas, no sentido de contribuir para este país ser melhor, é fazer muita Análise Linguística de estatuto dialógico na leitura/escuta, na escrita/oralidade, se houver interesse em contribuir para que os meninos e meninas possam expandir sua capacidade de resposta ativa, para reconhecer o aqui agora dos interlocutores, os lugares sociais que ocupam, os contextos sociais e culturais que os constituem, o horizonte social e histórico mais amplo que permite o reconhecimento desses interactantes em dada sociedade, em dada cultura. (POLATO, 2017, p. 198-199)

Com base no entendimento dessas questões é que os sujeitos-alunos serão capazes de adquirirem conhecimentos para atuarem sobre o material linguístico na direção do tema social e dos interlocutores com o propósito de chegarem à compreensão e à produção.

Polato (2017) assinala que, na ALD, é de fundamental relevância explorar as axiologias sociais inerentes aos enunciados, inseridos na materialidade linguística da dimensão verbovisual. A autora complementa:

A ALD atenta para os aspectos entoacionais nos textos mobilizados em gêneros, que podem envolver amplos níveis de análise, incluindo a expressividade fônica, as escolhas vocabulares, o uso de pontuação, o uso de conectivos, e a escolha de determinadas estruturas e relações sintáticas, além de outros advindos da vida social da língua em uso, servindo de ponte interacional. (POLATO, 2017, p. 201)

Assim sendo, o enunciado é mobilizado em um gênero discursivo, cada gênero discursivo tendo suas finalidades discursivas, fazendo parte do ambiente social. Ainda conforme a autora, a ALD procura formar coautores-criadores, por meio das interações discursivas, plurais, sociais e conscientes. Podemos, portanto, compreender que as análises devem se voltar “a todos os aspectos que dizem respeito a sua realização ética e estético-valorativa e não apenas cognitiva, o que inclui a abordagem de seus elementos a partir de uma dissolução que converge ao todo de seu acabamento e desfecho na compreensão/produção social discursiva aberta à participação socioconsciente do autor, participante vivo da interação” (POLATO, 2017, p. 202).

Fenilli (2020), em consonância com Polato (2017), assevera que a Análise Linguística de estatuto dialógico deve ser um meio para que os sujeitos saibam interagir com os enunciados, de forma a mobilizar os discursos presentes neles e de compreender o que esses discursos representam na sociedade (quais valores os permeiam).

Procuramos destacar aqui a importância de trabalhar, nas aulas de Língua Portuguesa, com os gêneros discursivos da teoria de ancoragem bakhtiniana, a partir dos estudos dialógicos da linguagem brasileiros e da Análise Linguística de base dialógica. À elaboração de uma proposta didática, soma-se a colaboração da Pedagogia Histórico-Crítica, a qual nos permite refletir sobre o papel crítico e emancipador da educação, por meio de enunciados da vida real. Nesse sentido, na subseção seguinte, passemos a expor sobre o movimento pedagógico conhecido como Pedagogia Histórico-Crítica.

2.2.3 A opção pelos fundamentos didáticos da Pedagogia Histórico-Crítica

Por se fundamentar no pensamento teórico e nas contribuições das obras de Marx, em uma dialética do movimento real, tratar-se de uma dialética histórica, e sua linguagem se alinhar à perspectiva bakhtiniana, optamos pela Pedagogia Histórico-Crítica para a elaboração da proposta didática para o ensino do gênero discursivo convite de casamento para as aulas de Língua Portuguesa no ensino médio.

Quanto ao surgimento da Pedagogia Histórico-Crítica, doravante PHC, o professor e pesquisador Dermeval Saviani vem a ser o fundador e principal disseminador de suas ideias. Saviani (2013) ressalta que é preciso distinguir: de um lado, o movimento pedagógico; e, de outro, a escolha da nomenclatura. Cabe enfatizar que a PHC tem como objetivo transformar o saber produzido e criar meios para transformá-los. De acordo com Saviani, o termo “histórico-crítica” pode ser compreendido como sinônimo de *pedagogia dialética*, ou seja:

A passagem da visão crítico-mecanicista, crítico-a-histórica para uma visão crítico-dialética, portanto histórico-crítica, da educação, é o que quero traduzir com a expressão pedagogia histórico-crítica. Essa formulação envolve a necessidade de se compreender a educação no seu desenvolvimento histórico-objetivo e, por consequência, a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, a sua perpetuação. Esse é o sentido básico da expressão *pedagogia histórico-crítica*. (SAVIANI, 2013, p. 80, grifos do autor)

Portanto, na concepção de uma pedagogia dialética, o autor busca desenvolver uma reflexão inspirada no marxismo: surge a Pedagogia Histórico-Crítica. Segundo os pressupostos da PHC, o ensino deve primar pela interação entre aluno, professor e conhecimento sócio-historicamente acumulado, como também viabilizar a relação entre educação e sociedade (SAVIANI, 2013):

A fundamentação teórica da pedagogia histórico-crítica nos aspectos filosóficos, históricos, econômicos e político-sociais propõe-se explicitamente a seguir as trilhas abertas pelas agudas investigações desenvolvidas por Marx sobre as condições históricas de produção da existência humana que resultaram na forma da sociedade atual dominada pelo capital. (SAVIANI, 2019, p. 422)

É por meio das relações sociais que se estabelecem de forma categórica que o indivíduo se apropria das produções histórico-sociais das gerações precedentes, ao ponto que devemos questionar a ordem social instituída pelo capital.

Consoante Saviani (2013), a proposta da PHC é resultado das discussões travadas em 1979, com a primeira turma de Doutorado em Educação da PUC-SP. Tais discussões vieram a fazer parte do livro *Escola e Democracia*, com sua primeira edição em setembro de 1983. Nesse livro, Saviani esclarece e define conceitos de educação e suas concepções de ensino, apontando de maneira crítica e reflexiva seus objetivos. Esclarece que, dentro da Pedagogia Tradicional, o objetivo é apenas ensinar; dentro da Pedagogia Nova, o objetivo é ensinar a aprender, enquanto a Pedagogia Tecnicista busca formar sujeitos eficientes para a sociedade, ou seja, aprender a fazer. O livro pode ser considerado o manifesto de lançamento da PHC. De acordo com Lunardelli (2020, p. 60):

A PHC nasce como contrapalavra a dois quadros pedagógicos estabelecidos no contexto brasileiro: i) a pedagogia tecnicista, impulsionada pela Lei de Diretrizes da Educação – LDB – n. 5692, de 1971, em consonância com o regime militar brasileiro; e ii) as teorias crítico-reprodutivas, baseadas no fracasso da mobilização francesa de 1968 e com o surgimento de obras, como as de Althusser, Bourdieu, Baudelot e Establet, sobre a sociedade, a violência simbólica, a escola e sua inculcação ideológica.

Esse contexto histórico nos mostra o quanto as demandas pedagógicas de hoje se ampliaram e requerem uma formação e atuação continuada dos docentes, na qual a opinião política esteja presente no meio escolar e acadêmico. Em relação a esse aspecto, Saviani (2013) ressalta que a PHC surgiu em decorrência de necessidades postas pela prática dos educadores nas condições atuais. É, pois, na realidade presente que se enraíza esta proposta pedagógica:

A educação é entendida como o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Em outros termos, isso significa que a educação é entendida como mediação no seio da prática social global. A prática social põe-se, portanto, como o ponto de partida e o ponto de chegada da prática educativa. (SAVIANI, 2019, p.421-422).

Consoante o autor, há desafios teóricos, os quais poderíamos sumariar em duas grandes direções:

uma implicaria desenvolver aspectos da teoria que ainda requerem maior elaboração; a outra direção seria sistematizar, explicitar aspectos que a teoria já contém, até mesmo já elaborou, mas ainda não deu a eles uma forma sistematizada, articulada em termos de uma formulação orgânica, ampla totalizante e coerente. (SAVIANI, 2013, p.89)

Um ponto relevante da PHC diz respeito à questão didático-pedagógica, que abarcaria os procedimentos metodológicos referentes à prática de ensino em sala de aula. Uma das contribuições, nesse sentido, foi o livro de João Luiz Gasparin, *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica* (GASPARIN, 2002). No modelo didático proposto, denominado Plano de Trabalho Docente – PTD, segue-se a teoria vigotskiana, a psicologia histórico-cultural, iniciando do nível de desenvolvimento atual do aluno buscando levá-lo ao nível de desenvolvimento potencial, atuando na chamada Zona de Desenvolvimento Proximal – ZDP⁸, que também caracteriza o processo prática-teoria-prática.

A proposta abrange três grandes fases: parte-se da prática que gira em torno do conhecimento de mundo do aluno; em seguida, problematiza com novas leituras e olhares o que os alunos vivenciam, a fim de chegar a uma nova concepção ou compreensão de mundo. Essas três grandes fases se encontram divididas em cinco passos pedagógicos, a partir da proposta de Saviani (2013, 2018), em sua orientação metodológica para a PHC: i) Prática Social Inicial; ii) Problematização; iii) Instrumentalização; iv) Catarse; e v) Prática Social Final.

O primeiro passo do método é a Prática Social Inicial: trata-se do contato inicial com o conteúdo a ser trabalhado, nesse momento o professor tem uma compreensão sintética precária, os alunos têm uma visão de caráter sincrético do todo do conhecimento que será aprendido. O segundo passo do método refere-se à Problematização: “a identificação dos principais

⁸ Prestes (2012, p. 204-205), em seu estudo sobre as traduções das obras vigotskianas, defende a tradução de *zona blijaichego razvitia* por “zona de desenvolvimento iminente”, pois “sua característica essencial é a das possibilidades de desenvolvimento, mais do que do imediatismo e da obrigatoriedade de ocorrência”.

problemas postos pela prática social. Trata-se de detectar que questões precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e, em consequência, que conhecimento é necessário dominar” (SAVIANI, 2018, p. 57). Assim, a prática social será analisada discutindo o conteúdo o qual será trabalhado e suas condições de aplicação social, realizando a seleção de quais abordagens do conteúdo são fundamentais e que façam sentido para o aluno.

O terceiro passo, denominado Instrumentalização, é o momento no qual ocorre a apropriação dos instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento dos problemas da prática social, já detectados e problematizados. O quarto passo do método é a Catarse, a qual configurará na expressão da aprendizagem do conteúdo pelo aluno, é nesse momento que a assimilação do conhecimento pelo aluno fica evidenciada, é a síntese a que se almejava desde o início do trabalho. O quinto passo a Prática Social Final, dividida em intenções e ações; é a maneira de compreender a realidade e de posicionar-se nela, a manifestação da nova atitude prática do educando em relação ao conteúdo aprendido: “Neste ponto, ao mesmo tempo que os alunos ascendem ao nível sintético em que, por suposto, já se encontrava o professor no ponto de partida, reduz-se a precariedade da síntese do professor, cuja compreensão se torna mais e mais orgânica” (SAVIANI, 2018, p. 58). Na Prática Social Final, o que se pretende é que os alunos assumam uma nova postura prática ante a realidade que acabam de conhecer no processo de ensino.

Na orientação metodológica de Saviani fica evidente o materialismo histórico-dialético como base filosófica da PHC, tendo a concepção dialética marxista de ciência como referencial para o método. O método de ensino de Saviani e as reflexões desenvolvidas consideram que o movimento de assimilação dos conhecimentos “vai da síncrese (“visão caótica do todo”) à síntese (“uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas”) pela mediação da análise (“as abstrações e determinações mais simples”)” (SAVIANI, 2018, p. 59, grifos do autor).

Por essa razão, o modelo didático elaborado por Gasparin (2012) fundamenta-se na teoria dialética do conhecimento, posto que parte da realidade social mais ampla, a síncrese, o concreto parcial, o saber ainda não sistematizado, que será analisado via mediação do professor, até atingir a síntese, o concreto pensado e sistematizado, caracterizando o processo prática-teoria-prática. Gasparin (2012) defende que o contexto educacional deve adaptar-se, em cada período histórico, às necessidades sociais:

Nesse sentido, [a escola] nunca é neutra, mas sempre ideológica e politicamente comprometida. Por isso, cumpre uma função específica. Pode

ser que a escola, hoje, não esteja acompanhando as mudanças da sociedade atual e por isso deva ser questionada, criticada e modificada para enfrentar os novos desafios. (GASPARIN, 2012, p. 02)

Recentemente, Galvão, Lavoura e Martins (2019, p. 6) apresentam “as bases históricas, teóricas e metodológicas com as quais podemos avançar em direção à análise e explicitação dos fundamentos didáticos da pedagogia histórico-crítica”, em que procedem a uma análise crítica da proposta didática elaborada por Gasparin:

mesmo sem ser sua intenção, Gasparin acaba por tornar a didática da pedagogia histórico-crítica muito mais próxima da propalada formulação metodológica da ação-reflexão-ação, esta que é pertencente ao ideário pedagógico da formação do professor reflexivo e que tem raízes no próprio movimento escolanovista. (GALVÃO; LAVOURA; MARTINS, 2019, p. 125)

Em relação à proposta didática elaborada por Gasparin, os autores manifestam que é permeada por um pragmatismo atribuindo a lógica formal ao método de uma teoria pedagógica pensada dialeticamente. De acordo com os autores, “para a pedagogia histórico-crítica, na escola, o professor é quem dirige o processo educativo, cabendo-lhe criar os motivos da aprendizagem, gerar novas necessidades de compreensão acerca do real, para além da imediaticidade da vida e da prática cotidiana” (GALVÃO; LAVOURA; MARTINS, 2019, p. 131). Portanto, nas palavras de Lunardelli (2020, p. 72):

Compreendemos que os 5 passos da PHC – prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse, prática social final – não se traduzem em sequência linear, posto que se trata de sequência dialética: os passos vão e vêm, no embate de forças centrípetas e centrífugas, utilizando o conceito do Círculo de Bakhtin. Não saímos da prática social para outros passos, estamos sempre em práticas sociais. Variadas problematizações ocorrem, possibilitadas pelo movimento próprio da aprendizagem. A catarse não se configura como momento pontual, mas em processo contínuo e gradual.

Em suma, nesta pesquisa, tratamos os 5 passos da PHC de forma não categórica, alinhando-nos aos fundamentos didáticos propostos por Galvão, Lavoura e Martins (2019), quais sejam: i) a consideração da dimensão ontológica da atividade didática; ii) a transmissão de conhecimentos como núcleo essencial do método pedagógico; iii) o pleno domínio do objeto de ensino pelo professor; iv) a lógica dialética como condutora da dinâmica do ensino; e v) o

reconhecimento do ensino e da aprendizagem como percursos lógico-metodológicos contraditórios e inversos, no interior de um único movimento⁹.

Nos tempos atuais, a escola cada vez mais passa por desafios, principalmente no contexto da pandemia da Covid-19, em que precisou ser fechada. Professores e alunos viveram na instabilidade e incertezas no formato e qualidade das aulas, sejam elas *online* ou na forma híbrida, pois nem todos possuíam acesso e estrutura para essas aulas, fazendo com que escolas, professores e alunos precisassem cada vez mais se adaptarem a esse período histórico.

Nas palavras de Saviani (2013, p. 88), “ora, na sociedade atual, pode-se perceber que já não é possível compreender a educação sem escola, porque a escola é a forma dominante e principal de educação”. A PHC propõe refletir a escola, em especial, a pública, como espaço de luta da classe trabalhadora. Defende a escola como espaço da educação formal em sua especificidade, mediante a prática do ensino dos produtos do saber científico em suas formas mais desenvolvidas, dos conhecimentos historicamente sistematizados, por meio dos quais ocorrerá a humanização dos indivíduos.

Por fim, conforme Saviani (2013), para a PHC, a escola é, pois, compreendida como base no desenvolvimento histórico da sociedade; assim compreendida, torna-se possível a sua articulação com a superação da sociedade vigente em direção a uma sociedade sem classes, a uma sociedade socialista.

Encerramos este capítulo do qual usaremos as bases teóricas tanto para a análise do gênero discursivo convite de casamento como para a sua didatização. No capítulo seguinte, abordaremos os convites de casamento, em duas vias: os próprios convites e os casamentos, a partir de uma perspectiva sócio-histórica.

⁹ Abordaremos tais fundamentos de forma ampliada no capítulo 5.

3. “OS CONVIDADOS DE OUTRAS CASAS”: EM TORNO DOS CONVITES DE CASAMENTO

Neste capítulo, nossa discussão pauta-se sobre “os convidados de outras casas”, referindo-nos a outras áreas de estudo – história, sociologia. Abordamos a história do casamento, primeiramente, um breve percurso em nível mundial, e depois no contexto brasileiro. Em seguida, os casamentos neste séc. XXI, com seus novos formatos de “evento”. Por fim, tratamos dos conceitos de convite e seu percurso histórico. O ato de convidar, para muitas pessoas, vai além de apenas enviar um convite, pois nele pode expressar o carinho, a consideração do momento especial para quem convida. Pretendemos aqui refletir sobre como o casamento assumiu diversas concepções a depender do seu posicionamento social e cultural em diferentes sociedades, na trajetória dos seres humanos e suas relações de poder mediante o casamento.

3.1 Com os Convites, o Casamento

Esta seção se desenvolve no sentido de apresentar, ainda que brevemente, o percurso histórico do casamento: como, ao longo dos tempos, a instituição casamento tem sido moldada pelas diversas transformações por fatores culturais, econômicos e sociais envolvidos nesses processos/rituais.

3.1.1 O casamento no Ocidente: entre o profano e o religioso

De acordo com Gandra (1983), o casamento é um evento coletivo, antes que pessoal. Ele estabelece o modo como as sociedades constituem a vida coletiva. No momento em que se casam, as pessoas estão ao mesmo tempo realizando os seus objetivos pessoais, como respondendo aos “objetivos” de uma sociedade. Assim sendo, o casamento é a instituição que estabelece o modo como a sociedade entende e legitima determinadas relações entre homens e mulheres, definindo um modelo individual de relacionamento entre eles. De acordo com os estudos de Engels (2012, p. 100), há dissociação entre o sentimento amoroso e o casamento:

Em toda a antiguidade, são os pais que combinam os casamentos, em vez dos interessados; e estes acedem, tranquilamente. O pouco amor conjugal que a antiguidade conhece não é uma inclinação subjetiva, e sim, mais concretamente, um dever objetivo; não é a base, e sim o complemento do matrimônio. O amor, no sentido moderno da palavra, somente se apresenta na antiguidade fora da sociedade oficial.

Russell (2015) define que o amor é muito mais que o desejo de ter relações sexuais; é a principal forma de escapar da solidão que aflige a maioria dos homens e mulheres durante a maior parte da vida. O amor apaixonado correspondido, enquanto dura, acaba com esse sentimento de solidão, põe abaixo as sólidas paredes do ego, produzindo um novo ser composto de dois em um. O pensador destaca que “se queremos que o amor traga todos os benefícios de que é capaz, ele deve ser livre, generoso, ilimitado e sincero” (RUSSELL, 2015, p. 95).

Segundo Russell (2015, p. 101), “o casamento se diferencia de outras relações sexuais pelo fato de ser uma instituição legal. Na maioria dos países ele também é uma instituição religiosa, mas é o aspecto legal que é fundamental.” De acordo com o autor, o cristianismo, e mais especialmente o apóstolo Paulo, apresentou uma visão inteiramente nova do casamento: ele não existia sobretudo para a procriação de filhos, mas para evitar o pecado da fornicção:

Paulo defende que o relacionamento sexual, mesmo no casamento, é, até certo ponto, um obstáculo na tentativa de ganhar a salvação (I Cor 7,32-34). [...] em momento algum ele sugere que o casamento possa ter algo de positivo, ou que o afeto entre marido e mulher possa ser algo belo e desejável, nem demonstra o menor interesse na família; a fornicção ocupa o centro das atenções em suas reflexões, e toda a sua ética sexual é organizada tendo isso como referência. (RUSSELL, 2015, p. 35)

Russell (2015) salienta, conforme a Igreja Católica¹⁰, o desejo de uma descendência legítima é, na verdade, o único motivo que pode justificar a relação sexual. Para Paulo, o principal propósito do casamento é o de evitar o pecado. Nesse sentido, a Igreja define o casamento como um sacramento institucional e divino: “O valor prático dessa doutrina está na conclusão de que o casamento é indissolúvel” (RUSSELL, 2015, p. 42).

O casamento assumiu diversas concepções a depender do seu posicionamento social e cultural em diferentes sociedades, na trajetória da história de homens e mulheres. Na sociedade medieval europeia, consistia em uma instituição social/política/religiosa, uma relação de união de poderes entre as famílias nobres, as quais asseguravam sua descendência por intermédio do casamento de seus herdeiros. Considerando as relações de aumento de poder mediante o

¹⁰ Neste caso, referimo-nos à Igreja Católica Apostólica Romana, contextualizada no espaço da Europa.

casamento, segundo Engels (2012), para o cavaleiro, barão ou príncipe, o matrimônio era um ato político, por meio de novas alianças. Até o final da Idade Média, a maioria dos matrimônios continuou sendo um assunto do qual os interessados – os noivos – não participavam. Assim, os matrimônios em sua grande maioria eram tratados sob o viés do caráter de transação política repleta de acordos e alianças de poder de duas casas, a união amorosa praticamente deixada de lado.

De acordo com o historiador Georges Duby (1989), a instituição matrimonial funciona como mecanismo de “regulação, oficialização, controle, codificação” do sistema cultural. Visto que não é apenas a reprodução dos indivíduos mediante casamentos arranjados, mas também do sistema cultural que os reúne e ordena suas relações. Duby pontua a instituição do casamento em “uma firme estrutura de ritos e de interditos: de ritos, pois se trata de publicar, quero dizer, tornar público e, dessa forma, socializar, legalizar um ato privado; de interditos, pois se trata de traçar a fronteira entre a norma e a marginalidade, o lícito e o ilícito, o puro e o impuro” (DUBY, 1989, p. 11-12).

Ainda segundo Duby (1989), o casamento se situa na interseção de duas ordens, a natural e a sobrenatural. Em muitas sociedades, e especialmente na sociedade da Alta Idade Média, ele é administrado por dois poderes notáveis, parcialmente conjugados, parcialmente concorrentes, por dois sistemas reguladores que nem sempre atuam em concordância, uma vez que um e outro pretendem aprisionar vigorosamente o casamento no direito e no cerimonial. Os dois poderes são: i) o poder profano, sustentado pelas “leis”, poder daqueles cuja missão é reafirmar essas leis e fazer com que sejam respeitadas, pelos modos de conduta tradicional, mas repousando também sobre a organização das relações de produção, fazendo a história do casamento não ser com certeza a mesma nos diversos graus de hierarquia das condições sociais, no nível dos senhores de um lado, no nível dos explorados do outro; e ii) o poder sagrado, da qual autoridade religiosa promove e fortalece a infatigável ação dos sacerdotes no sentido de inserir o casamento na totalidade de um empreendimento de domínio dos costumes e de, nesse conjunto, situá-lo no seu justo lugar.

De acordo com Jardim (2010), o noivado é uma criação romana que antecede o casamento, eventualmente, dependendo da ocasião, poderia durar muitos anos. Esse rito, denominado *sponsalia*, tinha um caráter familiar, social e religioso e requeria a permissão das famílias dos noivos e favorecia a autoridade do homem sobre a mulher. No início do noivado, este poderia ser rompido sem grandes consequências jurídicas. Posteriormente, foi adquirindo grande importância, tornando seu rompimento cada vez mais difícil.

A pesquisadora salienta que a Igreja já se fazia presente nesse momento, tendo em vista assegurar sua disseminação e rigidez, não consentindo mais a ruptura dos noivados, exceto se acontecesse um motivo muito sério. Nas palavras da autora: “o noivado ocorre com a entrega de um anel, de um presente e, depois do século IV, de uma arras em sinal de noivado que confirmava o compromisso e consistia em um contrato de casamento” (JARDIM, 2010, p. 67). A arras era um documento legal que constava por escrito a relação da doação do dote que o marido oferecia à mulher na ocasião do matrimônio. Nas camadas superiores da sociedade, a mulher recebia em propriedade um dote que incluía bens – a título de exemplo, móveis e imóveis (terras, castelos, servos, entre outros patrimônios). Esse contrato era conhecido como carta de arras.

Nessa direção, Jardim (2010) afirma que, durante toda a Idade Média, o casamento em etapas permaneceu relativamente inalterado. Por volta do século XII, os canonistas abandonam o termo *sponsalia*, empregando apenas *desponsatio*. Nas palavras da autora:

O termo *desponsatio* se aproxima do *sponsalia* romano. Contudo, designava uma primeira etapa do casamento. Isso ocorre entre os séculos VI e XII. A *desponsatio* era mais que uma promessa de casamento: ela era o “o primeiro gesto fundador da união matrimonial”, acompanhado de um pagamento em dinheiro como confirmação do casamento e, às vezes, após longos anos de espera – assim como entre os romanos –, implicava no consentimento das famílias e na autoridade do homem sobre a mulher. (JARDIM, 2010, p. 67)

Os esponsais (noivados) tornavam oficiais os acordos elaborados para a união de duas famílias, de suma importância para a concretização do casamento. Na grande maioria, os esponsais resultavam mais importantes que a própria celebração de casamento, haja vista os acordos negociados e firmados no evento.

Como explica Jardim (2010), o ritual do noivado é finalizado com a entrega de um anel à noiva, acompanhado da troca de beijos entre os noivos e do gesto da união das mãos, a qual representa o compromisso assumido, um sinal de confiança mútua. O anel era colocado no quarto dedo da mão esquerda, o dedo medicinal ou médio, acreditava-se que teria uma veia em ligação com o coração. Nesse sentido, Jardim declara que “no século II a teoria jurídica se fixava, dando mais força ao anel: no lugar de uma soma em dinheiro poderia dar-se, a título de arras, um objeto simbólico, representando o compromisso assumido e também a fidelidade conjugal” (JARDIM, 2010, p. 68).

Contudo, a Igreja não realizava a cerimônia de casamento até o século XII, a família era responsável pelos ritos, conforme nos aponta o historiador Vainfas (1986):

O rito básico dessas uniões residia, nem tanto na cerimônia nupcial, mas na promessa de casamento, no ato da *desponsatio* ou *pactum conjugale* – precursor longínquo do “noivado” atual. A cerimônia tinha lugar na casa da futura esposa, onde se reuniam os parentes do “noivo” e algumas testemunhas. Trocavam-se palavras e bens: o pai da moça transferia a tutela de sua filha ao futuro marido, que retribuía a doação com a entrega de uma *donatio puellae* ou arras. A mulher era, pois, parte do patrimônio familiar e a sua entrega a um homem selava a união de duas casas reais ou nobiliárquicas. Seguia-se à *desponsatio* o rito nupcial propriamente dito. Tratava-se de uma grande festa na casa da família do “noivo”, cujo clímax ocorria no quarto nupcial: ao redor do leito se reuniam numerosas testemunhas, e o pai do rapaz celebrava a união. Todos ficavam a olhar o casal despido para constatar a intenção da união carnal e da procriação. (VAINFAS, 1986, p. 27)

Desde a Antiguidade tardia, existia a remissão do casamento na moral cristã, cujo propósito exclusivo era a procriação. Vainfas (1986, p. 30) afirma: “o casamento era um bem, embora fosse o pior dos bens. Mas era preciso ir adiante, fazer dele uma união sagrada, e a isso se devotaram os teólogos medievais.” Nesse sentido, o autor descreve como o casamento se tornou uma união sagrada, apesar de muitos opositores:

Esta não foi uma tarefa fácil, lograda sem resistência. A oposição veio de fora, sobretudo dos nobres leigos, mas também se manifestou internamente, pois a tradição depreciativa do casamento era, ainda, muito forte na Igreja. Travou-se uma luta teológica: os clérigos hostis ao casamento enfrentaram os “gregorianos”, uns opondo-se à participação eclesiástica nas uniões conjugais e outros defendendo-a, tentando fazer do matrimônio um sacramento definitivo. O grande problema continuava sendo o ato carnal: como sacramentá-lo através do casamento sendo ele um pecado? Fórmulas como a de Ambrósio¹¹ (século VI), para quem o casamento era uma castidade de terceiro nível – vindo atrás da viuvez e da virgindade – já não possuíam a mesma força. Enunciados hesitantes só complicavam o projeto eclesiástico de redimir o casamento e de o controlar. (VAINFAS, 1986, p. 30)

No século XII, prevalecem os favoráveis ao matrimônio. Segundo Vainfas (1986), Hildebert de Lavardin¹², escrevendo em 1124, direcionou a união carnal entre marido e mulher à classe de símbolo do enlace entre Cristo e Igreja. Foi Pedro Lombardo¹³, nas suas famosas

¹¹ Aurélio Ambrósio foi um arcebispo de Mediolano (moderna Milão) que se tornou um dos mais influentes membros do clero no século IV. Ambrósio é um dos Doutores da Igreja, juntamente com Santo Agostinho, São Jerônimo e São Gregório, o Grande. A poderosa mariologia de Ambrósio influenciou os papas da época como Dâmaso e Sirício e, posteriormente, Leão Magno. Central para Ambrósio era a virgindade de Maria e o papel dela como mãe de Deus (VERBETE AMBRÓSIO, Wikipédia, 2021).

¹² Hildebert de Lavardin ou Hildeberto de Tours foi um escritor e clérigo francês. É conhecido por notória misoginia, pois considerava a mulher o pior inimigo dos homens. Não obstante, viveu maritalmente, foi polígamo e teve vários filhos (VERBETE LAVARDIN, Wikipédia, 2021).

¹³ Pedro Lombardo (aportuguesamento de Petrus Lombardus) foi um filósofo escolástico do século XII. Lombardo foi magister (professor) da escola catedralícia de Notre Dame em Paris. Em 1159, foi eleito bispo de Paris.

Sentenças de 1150, que incluiu o matrimônio na relação dos sete sacramentos; entre os esposos, dizia o teólogo, havia uma dupla conjunção, isto é, “segundo o consentimento das almas e segundo o enlace dos corpos” (VAINFAS, 1986, p. 31). A *desponsatio* era o símbolo da união espiritual entre Igreja e Cristo, o enlace dos corpos era o símbolo de sua união corporal: “assimilado ao mistério da encarnação, o matrimônio impôs-se definitivamente como um verdadeiro sacramento” (VAINFAS, 1986, p. 31).

Nessa mesma direção, Vainfas (1986) assevera que as normas eclesiásticas sobre a opção pelo casamento e a escolha dos cônjuges contrariavam a moral dos cavaleiros. Segundo os teólogos, em primeiro lugar, a escolha deveria ser espontânea, individual e pessoal, assim era entendido o *consensus*, e não nos termos de decisões patrimoniais, familiares ou dinásticas. Em segundo lugar, os teólogos insistiram em manter uma lista de impedimentos tão ampla ao casamento, até o sétimo grau de parentesco consanguíneo. A violação desses impedimentos acarretava o pecado de incesto, suficiente para anular o matrimônio.

No IV Concílio de Latrão, em 1215, os impedimentos consanguíneos foram revistos e restritos até o quarto grau. Vainfas, sobre essas normas, ressalta que “em compensação, impôs-se a *stabilitas* e condenou-se o repúdio das esposas – só tolerado em certos casos de adultério. Triunfou, assim, a indissolubilidade, e o divórcio só foi admitido, sem contestação, para os casos em que um dos cônjuges resolvesse aderir à vida monástica” (VAINFAS, 1986, p. 33).

De acordo com Arruda (2011), o IV Concílio de Latrão, sob liderança do papa Inocêncio III, foi o maior dos concílios ecumênicos da Idade Média. Resultaram desta reunião conciliar 70 cânones que legislavam sobre as heresias, previa punições, exclusões e diversas modificações na organização eclesial. Seu caráter reformador atuou como um importante recurso para a manutenção da unidade da Igreja Católica, diante da crise espiritual peculiar do século XII e, para isso, contou com as suas determinações que tornaram mais forte o trabalho pastoral da Igreja. A respeito dos cânones abordados sobre o matrimônio, a autora descreve:

Os cânones 50, 51 e 52 tratam do sacramento do Matrimônio. Não se tratou intensamente do aspecto sacramental do casamento; questões jurídicas foram mais debatidas como, por exemplo, a importância do casamento público e celebrado pelos sacerdotes nas igrejas. Proibiu o casamento entre parentes até o quarto grau de consangüinidade (antes era extensivo ao sétimo); algumas sanções contra o matrimônio coletivo bem como a necessidade de correr os “proclamas” na Igreja por certo período antes do casamento para constar que não há nenhuma denúncia de impedimento do matrimônio. (ARRUDA, 2011, p. 2373)

Exerceu o cargo por pouco tempo, falecendo logo em 1160 e sendo sucedido por Maurício de Sully, o construtor da Catedral de Notre-Dame da cidade (VERBETE LOMBARDO, Wikipédia, 2021).

Dessa forma, Igreja Católica transferiu as celebrações do matrimônio, até então realizadas nas casas dos noivos cujos pais pronunciavam as bênçãos de maneira simples, para os templos, sendo as cerimônias conduzidas por bispos e sacerdotes. Nas considerações de Vainfas (1986), à normatização estrita da instituição matrimonial e do vínculo conjugal – monogâmico, indissolúvel e sagrado – correspondeu a sistematização de uma liturgia. O autor salienta:

A partir do século XI, a começar pelos países anglo-normandos, o rito da *desponsatio* passou a ser encenado (ou representado?) na entrada da igreja, e o papel do padre cresceu notavelmente: os pais da moça tinham que entregá-la ao sacerdote, que a *dava* ao futuro esposo; e era ainda o padre que unia as mãos dos noivos e observava a troca de alianças, definida por Hincmar¹⁴ (séc. IX) como “símbolo da fidelidade e do amor, e laço da unidade conjugal, a fim de que o homem não separe aqueles que Deus uniu”. (VAINFAS, 1986, p. 33, grifos do autor)

Ao longo dos séculos, a pregação da moral da Igreja diante do matrimônio tenta tornar a sociedade cada vez mais catolizada. Conforme Jardim (2010), entre os séculos XI e XIII, o noivado assumiu grande importância, como resultado já não se distinguia mais do ritual de casamento. O noivado, feito por verba de futuro – promessa de casamento –, após o Concílio de Trento (1545-1563), começou a perder sua força. Ainda assim, as autoridades eclesiásticas continuaram sua influência, normalizando e tornando o matrimônio um rito litúrgico. Nas palavras de Vainfas (1986):

No século XIV, o padre cristalizaria totalmente a sua influência, ao dizer: *ego conjugo vos* (sou eu que vos uno). E assim, criou-se a liturgia matrimonial (precursora da cerimônia moderna): o padre substituiu ritualmente o pai da noiva; a entrada da igreja tomou o lugar da casa; a Igreja, enfim, sobrepôs-se às famílias e impôs aos leigos a sua moral. (VAINFAS, 1986, p. 33)

Em relação ao noivado e casamento nas camadas de classe populares, Jardim (2010) ressalta que pouco se sabe a respeito. Temos notícias acerca desses eventos nas camadas superiores da sociedade, mas quase nada sobre as camadas populares. A autora acredita ser provável que as mudanças verificadas nesses rituais tenham se efetuado em todas as classes sociais.

¹⁴ Incmaro de Reims (Hincmarus, em latim) foi arcebispo de Reims, amigo, conselheiro e propagandista de Carlos, o Calvo, e uma das mais importantes figuras da história da Igreja durante o período carolíngio (VERBETE INCMARO DE REIMS, Wikipédia, 2021).

Ao analisar os processos rituais de noivado e casamento, inferimos que a Igreja compreendia ser necessário fazer determinadas reformas ao invés de permanecer ausente aos novos interesses sociais, pois outras doutrinas poderiam ocupar seu posto na sociedade. Assim se visava a uma maior inserção da Igreja Católica com a participação ativa do clero, pretendendo estar mais perto do povo e regular as relações conjugais, buscando mais fiéis obedientes.

3.1.2 O casamento no Brasil: entre leis, “bons costumes” e avanços sociais

De acordo com Del Priore (2007), o início da colonização marca o início da história do casamento no Brasil, desde a chegada dos portugueses à costa brasileira, acompanhados pela Igreja Católica. Existia um esforço muito grande no sentido de que a colonização brasileira fosse feita sob a bandeira do catolicismo. Portanto, essa preocupação com o matrimônio vai estar presente desde as cartas jesuíticas com os padres conclamando o rei de Portugal a enviar ao Brasil órfãs, ou meninas de ruas, prostitutas até, para se casarem com os portugueses.

Esses casamentos eram feitos à brasileira, ou seja, não eram feitos na Igreja, pois um casamento deste modo era muito caro, envolvia o trâmite de papéis que estavam em Portugal. Desse modo, o Brasil passou a ter casos de bigamia e surgiu o famoso concubinato. De acordo com Del Priore (2011):

Enquanto o Velho Mundo construía, com minúcias, o que chamamos de “vida privada”, nicho por excelência das relações amorosas, nas colônias essa mesma privacidade balbuciava na precariedade do cotidiano. Independentemente de seu requinte ou rusticidade, as casas de outrora ensejavam, como lembra o historiador Ronaldo Vainfas, pouquíssimas oportunidades de vivências privadas. Vizinhanças de parede-meia, cafuas cobertas de capim, casas senhoriais repletas de agregados, escravos e parentes; enfim, não era sob esses tetos que os amores medravam com liberdade. (DEL PRIORE, 2011, p. 18)

Desse modo, desde a era colonial, a arquitetura das casas e a influência religiosa possibilita a inserção da cultura cristã e da vida coletiva nas famílias rurais. Del Priore (2011) afirma que era possível encontrar no Brasil essa mentalidade bastante presente, até a primeira metade do século XX: a visão do casamento referindo como moeda de troca e o ideal de família com valores e morais cristãos. Destarte, a autora demonstra como essa cultura ocidental foi importante na construção da mentalidade brasileira, com a manutenção quase hegemônica do

catolicismo, desde a era colonial até a segunda metade do século XX. Nessa direção, nas últimas décadas do século XIX, a instituição do casamento começaria a mudar quando o amor e a sexualidade se tornam essenciais na escolha do cônjuge e no convívio dos casais.

A organização do registro civil dos casamentos no Brasil é instituída a partir da Lei 1.829, de 9 de setembro de 1870, quando Dom Pedro II ordenou proceder o recenseamento da população. O Imperador criou uma Diretoria Geral de Estatística, tendo como algumas de suas finalidades organizar os quadros anuais de nascimentos, casamentos e óbitos, assim como coordenar e apurar os dados estatísticos recolhidos pelas repartições públicas (BRASIL, 1870).

No ano de 1874, Dr. João Alfredo Corrêa de Oliveira, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, assinou o Decreto Imperial nº 5.604 que regulamentou o registro civil dos nascimentos, casamentos e óbitos no país. De acordo com o Art. 62:

Dentro de trinta dias da celebração de um casamento no territorio do Imperio, os esposos por si, ou por seus procuradores especiaes, são obrigados, quér sejam nacionaes, quér estrangeiros, a fazer lavrar o assento respectivo no cartorio do Escrivão de Paz do districto de sua residencia, á vista de certidão ou declaração do celebrante, seja qual fór a sua communhão religiosa, revogada nesta parte a disposição do art. 19 do Decreto nº 3069 de 17 de Abril de 1863. (BRASIL, 1874, s.p.)

Não havia naquela época a separação entre a Igreja e Estado. O Artigo 63 trata sobre o que deveria conter no assento de casamento: indicação da Igreja, Capela ou outro lugar em que se celebrou; o nome do padre ou do eclesiástico que assistiu à celebração e uma declaração de impedimento canônico. *A posteriori*, o Decreto nº 9.886, de 7 de março de 1888, trouxe alterações do registro civil dos nascimentos, casamentos e óbitos, em substituição do citado Regulamento n. 5604 acordado em 1874. Entre as principais alterações do registro dos casamentos, no Título II, Capítulo II, Artigo 70, retirou-se o que constava sobre os escravos anteriormente no Capítulo II, do Artigo 63 do decreto de 1874: “6º A condição dos conjuges: se ingenuos, libertos, ou escravos, e neste caso o nome do senhor, e a declaração do seu consentimento” (BRASIL, 1874, s.p.).

Em 7 de janeiro de 1890, Marechal Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório da Republica dos Estados Unidos do Brasil, proibiu pelo Decreto nº 119-A – a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em matéria religiosa – consagrando plena liberdade de cultos e extinguiu o padroado¹⁵.

¹⁵ O padroado era “um acordo instituído entre a Santa Sé e Portugal em que o Papa delegava ao Rei de Portugal o exclusivo da organização e financiamento de todas as atividades religiosas nos domínios e nas terras descobertas

Art. 3º A liberdade aqui instituída abrange não só os indivíduos nos actos individuais, mas também as igrejas, associações e institutos em que se acharem agremiados; cabendo a todos o pleno direito de se constituírem e viverem colectivamente, segundo o seu credo e a sua disciplina, sem intervenção do poder publico. (BRASIL, 1890a, s.p.)

Após alguns dias, em 24 de janeiro de 1890, por meio do Decreto nº 181, Marechal Deodoro da Fonseca promulga a lei sobre o casamento civil. No Capítulo I das formalidades preliminares do casamento, apontava que as pessoas que queriam casar deviam habilitar-se perante o oficial do registro civil e apresentarem os seus documentos relacionados, a declaração de duas testemunhas e, em seguida, o oficial redigia um ato resumido em forma de edital a fim de ser publicado duas vezes, com um intervalo de sete dias e fixado em lugar ostensivo no edifício da repartição do registro (BRASIL, 1890b). No Capítulo II dos impedimentos do casamento, indicava as pessoas que eram proibidas de se casarem: “As pessoas que estiverem ligadas por outro casamento, ainda não dissolvido, as mulheres menores de 14 anos e os homens menores de 16, assim como o adúltero com o seu corréu, raptor com raptada [...]”, entre outros (BRASIL, 1890b). No Capítulo IV da celebração do casamento, assim lemos:

Art. 26. No dia, hora e lugar designados, presentes as partes, as testemunhas e o official do registro civil, o presidente do acto lerá em voz clara e intelligivel o art. 7º e depois de perguntar a cada um dos contrahentes, começando da mulher, si não tem algum dos impedimentos do mesmo artigo, si quer casar-se com o outro por sua livre e espontanea vontade, e ter de ambos resposta affirmativa, convidal-os-ha a repetirem na mesma ordem, e cada um de per si, a formula legal do casamento. (BRASIL, 1890b, s.p.)

Durante o século XIX, a sociedade brasileira passou uma série de transformações. Nesse período, presenciamos o surgimento de uma “nova” mulher nas relações da chamada família burguesa, voltada para a valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar afável, filhos instruídos e esposa atenciosa ao marido, crianças isentas dos afazeres produtivos, isso tudo representava o ideal de retidão e integridade, um tesouro social primordial.

Já no século XX, a partir da Primeira Guerra Mundial, Del Priore (2011) afirma que o advento da industrialização e a multiplicação dos lugares sociais de encontro dos jovens possibilitaram uma nova forma de namoro, levando as moças a terem liberdade de andar em

por portugueses.” A República, nesse sentido, separa Estado e Igreja no que se refere ao casamento. (VERBETE PADROADO, Wikipédia, 2021).

lugares públicos, escolher e flertar com os rapazes e estabelecer uma intimidade maior durante o teatro, os bailes, o cinema e outros espaços de associação, começando a aparecer, timidamente, uma liberdade maior dos casais. Contudo, os namoros permaneciam sob caráter conservador.

Avançando nos Decretos do casamento no Brasil, no ano de 1916, foi publicado o primeiro Código Civil Brasileiro, inspirado no modelo alemão de 1896, *Bürgerliches Gesetzbuch* (BGB), em vigor desde 1900. No Capítulo II do Regime da Comunhão Universal, encontramos: “Art. 262. O regime da comunhão universal importa a comunicação de todos os bens presentes e futuros dos cônjuges e suas dívidas passivas, com as exceções dos artigos seguintes [...]” (BRASIL, 1916). No Capítulo III do Regime da Comunicação Parcial, trazemos:

Art. 269. Quando os contraentes declarem que adaptam o regime da comunhão limitada ou parcial, ou usarem de expressões equivalentes, entender-se-á que excluem da comunhão:

I. Os bens que cada cônjuge possuir ao casar, e os que lhes sobrevierem, na constância do matrimônio, por doação, ou sucessão.

II. Os adquiridos com valores exclusivamente pertencentes a um dos cônjuges, em subrogação dos bens particulares. (BRASIL, 1916, s.p.)

De forma geral, o texto do Código apresenta modificações na redação e no sentido de atualização da língua padrão da época, tornando mais claras algumas questões.

Na primeira metade do século XX, conforme Prost (1992, p. 87), “casar era formar um lar, lançar as bases de uma realidade social nitidamente definida e claramente visível dentro da coletividade.” Assim, em 1930, para as classes burguesas priorizavam os valores morais, a profissão e a fortuna, tendo como objetivo a união conjugal, a procriação e a preservação do patrimônio; e “dar sustento e auxílio mútuo ao longo de uma vida que se anunciava penosa” para classes mais pobres. Ademais, segundo Prost (1992, p. 87), “casavam-se para ter filhos, aumentar um patrimônio e deixar-lhes de herança, para que os filhos se realizassem e, com isso, os próprios pais também se realizassem.” Com objetivos e papéis bem definidos do homem e da mulher, com a finalidade de alcançar uma estrutura moral e econômica satisfatória, a família manifestava uma “estrutura jurídica forte”, com poucos divórcios naquela época.

A Constituição Federal Brasileira de 1937, outorgada pelo presidente Getúlio Vargas, teve um único artigo que fazia menção ao casamento: “Art 124 – A família, constituída pelo casamento indissolúvel, está sob a proteção especial do Estado. Às famílias numerosas serão atribuídas compensações na proporção dos seus encargos” (BRASIL, 1937, s.p.).

É durante a cerimônia de casamento que as manifestações culturais são observadas na utilização de diversos símbolos e ritos. O vestido da noiva é símbolo da virgindade e pureza, que caracteriza uma moça com bons comportamentos e, portanto, digna de usar o vestido branco, com véu e grinalda, no seu casamento. Tal honra é negada para as moças que tenham tido relações sexuais antes do casamento (DEL PRIORE, 2011).

Del Priore também aponta as mudanças que se operam na sociedade ocidental: “no início do século XIX, o amor era domesticado e, portanto, os valores cristãos estabelecem a forma de convívio das pessoas” (DEL PRIORE, 2011, p. 31). Contrária a essa abordagem, podemos citar a introdução do desquite no Artigo 315, em 1942, que visava à regulamentação da separação, porém sem dissolver os vínculos conjugais e nem permitir novos casamentos. Ainda assim, “desquitados de ambos os sexos eram vistos como má companhia, mas as mulheres sofriam mais com a situação” (DEL PRIORE, 2011, p. 315).

No Artigo 163 da Constituição Federal de 18 de setembro de 1946, Título VI da família, da educação e da cultura, Capítulo I, encontramos:

Art 163 - A família é constituída pelo casamento de vínculo indissolúvel e terá direito à proteção especial do Estado.
 § 1º - O casamento será civil, e gratuita a sua celebração. O casamento religioso equivalerá ao civil se, observados os impedimentos e as prescrições da lei, assim o requerer o celebrante ou qualquer interessado, contanto que seja o ato inscrito no Registro Público.
 § 2º - O casamento religioso, celebrado sem as formalidades deste artigo, terá efeitos civis, se, a requerimento do casal, for inscrito no Registro Público, mediante prévia habilitação perante a autoridade competente. (BRASIL, 1946, s.p)

Avançando para a segunda metade do século XX, em nossa pesquisa (MENDES, 2017), observamos que, em 1950, o Brasil vivia uma época de ascensão da classe média, atravessada pelos valores conservadores e moralistas, repercutindo nas relações familiares e no casamento:

O país confiante e esperançoso testemunhava o desenvolvimento e a industrialização com o fim da Segunda Guerra Mundial, gerando aumento das possibilidades educacionais e profissionais para homens e mulheres. Entretanto, a distinção entre os papéis de homens e mulheres eram nítidos. Nos ideais dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina, sem chance à objeção. Suas relações eram atravessadas pela virgindade, namoro, casamento, honra, filhos e aventuras fora do casamento. (MENDES, 2017, p. 30-31)

Conforme os estudos de Fontoura (2011), a história do casamento caminha ao lado do movimento da humanidade. Um caminho que envolve diversos ritos, mitos e costumes

reestruturados ao longo dos tempos. O casamento ganha força e caráter ano após ano, atravessando séculos de história. Ficou “em risco” com a revolução sexual dos anos 1960, recebendo novas configurações. Contudo, atualmente se mantém o costume de muitos símbolos e cerimônias tradicionais.

Na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, foi criada a justiça de paz, na qual o casamento fica sob a sua competência. No Artigo 98, lemos que a União, no Distrito Federal e nos Territórios, e os Estados criarão:

[...] II - justiça de paz, remunerada, composta de cidadãos eleitos pelo voto direto, universal e secreto, com mandato de quatro anos e competência para, na forma da lei, celebrar casamentos, verificar, de ofício ou em face de impugnação apresentada, o processo de habilitação e exercer atribuições conciliatórias, sem caráter jurisdicional, além de outras previstas na legislação.

Em 1996, a união estável foi estruturada pela Lei nº 9.278: “Art. 1º É reconhecida como entidade familiar a convivência duradoura, pública e contínua, de um homem e uma mulher, estabelecida com objetivo de constituição de família” (BRASIL, 1996, s.p.). Ainda: “Art. 5º Os bens móveis e imóveis adquiridos por um ou por ambos os conviventes, na constância da união estável e a título oneroso, são considerados fruto do trabalho e da colaboração comum, passando a pertencer a ambos, em condomínio e em partes iguais, salvo estipulação contrária em contrato escrito” (BRASIL, 1996, s.p.).

O que diferencia o casamento civil e a união estável é a formalidade, ou seja, no casamento civil, o registro é realizado no cartório de registro civil das pessoas naturais, a pessoa adquire o estado civil de casado. Enquanto que, na união estável, é feita uma declaração no cartório de registro de notas. No entanto, o estado civil dos cônjuges continua o mesmo, ou seja, solteiro, viúvo ou divorciado. Mesmo que os casais que possuem união estável reconhecerem-se como “companheiros”, este termo a legislação ainda não considera como sendo um estado civil.

A Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002, instituiu o Código Civil e, no Capítulo I das disposições gerais, consta: “Art. 1.511. O casamento estabelece comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges” (BRASIL, 2002, s.p.). No Capítulo II da capacidade para o casamento, temos: “Art. 1.517. O homem e a mulher com dezesseis anos podem casar, exigindo-se autorização de ambos os pais, ou de seus representantes legais, enquanto não atingida a maioridade civil” (BRASIL, 2002, s.p.).

No Brasil, o casamento entre pessoas do mesmo sexo foi regulamentado por meio da Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013. O Supremo Tribunal Federal reconheceu a inconstitucionalidade de distinção de tratamento legal às uniões estáveis constituídas por pessoas de mesmo sexo:

Art. 1º É vedada às autoridades competentes a recusa de habilitação, celebração de casamento civil ou de conversão de união estável em casamento entre pessoas de mesmo sexo.

Art. 2º A recusa prevista no artigo 1º implicará a imediata comunicação ao respectivo juiz corregedor para as providências cabíveis.

Art. 3º Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação. (BRASIL, 2013, s.p.).

Com a lei vigente, da mesma forma que casais heterossexuais, casais do mesmo sexo têm direito ao casamento civil e à conversão de união estável em civil. Além de a Resolução estabelecer que tabeliães e juízes são proibidos de se recusarem a registrar qualquer união entre pessoas de mesmo sexo, o mesmo funciona com o divórcio.

A luta pelos direitos dos casais homossexuais é constante não só no Brasil, mas em vários países que não reconhecem a instituição matrimonial pelos casais homoafetivos. Eles sofrem com o preconceito, com problemas de atentados homofóbicos constantes, facções religiosas que corroboram para aumentar esta violência. Por isso, a necessidade de se criar leis para respaldar e assegurar os direitos de todos, todas e “todes”¹⁶.

Com o passar dos tempos, podemos compreender que a história da cerimônia de casamento se caracterizou por diversas transformações. A união conjugal entre pessoas mediante ato familiar/religioso, carregada de ritos, torna-se um ato civil, fazendo parte de uma realidade social, e modifica-se, por fatores culturais, econômicos e sociais, de classe e de gênero. A união matrimonial deixa de ser um ato de procriação, união de poder entre casas da alta sociedade e de ter a mulher como moeda de troca. Intensificam as mudanças de relacionamento afetivo na sociedade e a união de duas pessoas que se amam ganha força para decidirem se querem ou não se casar.

Por fim, a história da instituição do casamento acompanha o progresso social, à medida que novos casais vêm se consolidando, renovando/innovando costumes e ritos. Dessa maneira,

¹⁶ Lucchesi (2021) explica que militantes da comunidade LGBTQI+ e feministas, entre outros, têm defendido que não se usem mais formas do masculino, como *todos*, na referência a um conjunto de pessoas de gêneros diferentes, mas *tod@s* ou *todes*, porque o emprego do masculino como gênero gramatical neutro denota machismo, sexismo etc.

percebemos uma grande transformação nos conceitos de casamento, família, homem e mulher inseridos na sociedade. Alguns desses novos modelos são abordados na seção seguinte.

3.1.3 O casamento neste século XXI: entre novos casais e outros eventos

Neste início do século XXI, a intimidade dos namorados ganha cada vez mais liberdade sexual, como a frequência em bailes dançantes, a cultura do namoro temporário, o beijo na boca prolongado, incluindo o beijo de língua e o questionamento da importância da virgindade. Corroborando com essa visão, Del Priore (2011) destaca que essa liberdade é incentivada nas novelas, filmes, literatura e nas músicas da época, em que os jovens possuem maiores liberdades nas cidades, provenientes da crise rural e da quebra do sistema patriarcal. O cinema, a pílula anticoncepcional, a imprensa, a minissaia, e tantos outros ícones de uma nova moral que atribui à modernidade sua vitória.

No entanto, a permanência da submissão da mulher ao homem ocorre desde a sociedade medieval até os dias atuais. Um exemplo dessa submissão está no rito do casamento, representada quando a noiva é entregue pelo pai ao noivo, como era vista em outros tempos: o momento simbolizava a transferência de posse, demonstrando, assim, a representação da mulher como moeda de troca passando a ser submissa ao marido.

Atualmente, muitas noivas continuam sendo acompanhadas por seus pais na entrada da cerimônia porque é uma tradição já estabelecida. Elas preferem entrar com o pai ou responsável na cerimônia, pois representa um ato de carinho. E, para algumas noivas, não faz sentido entrarem com o pai na cerimônia de casamento e acabam optando por entrarem sozinhas e/ou acompanhadas de pai e mãe ou outros familiares.

Mudanças significativas ocorrem neste tempo-espaço, como o pedido de casamento tradicional feito pelo homem à mulher – torna-se cada vez mais comum que o pedido seja feito da mulher para o futuro marido, pois, afinal de contas, não existem regras para o pedido de casamento e a mulher se torna cada vez mais empoderada e tomando mais espaço em uma sociedade machista.

A luta LGBTQIA+ tem auxiliado para que casais homoafetivos possam concretizar o sonho da união institucional do casamento respaldada por lei, tornando esses casamentos mais difundidos. Tudo o que esses casais querem é poder ser felizes com seus parceiros e parceiras livres sem preconceitos e constituírem uma família sem represálias.

Os convites de casamento também vêm se renovando, com vários formatos, estilos e cores. Apesar de muitos casais preferirem os modelos tradicionais, as novas tendências com auxílio da tecnologia vêm conquistando os gostos diversos dos casais do séc. XXI. Em muitos desses convites, os elementos verbais e não verbais transmitem as características de como será o casamento, tratado como um grande evento para os casais e familiares. A maioria dos noivos procura um convite no qual possa transmitir a sua personalidade. Muitas gráficas proporcionam vários estilos e materiais, porém a própria confecção dos convites feitos à mão pelos casais também vem agradando a gostos e bolsos dos noivos.

Consoante nossos estudos (MENDES, 2017), em outros séculos, no mundo dito ocidental, a função do casamento, como estabilidade econômica e social, era mais importante do que o amor entre os cônjuges. Com o passar dos tempos, os caminhos que a instituição seguiu a levaram para um novo formato. Casar-se tornou uma opção do casal e não é mais um destino traçado entre as famílias. Mais que uma cerimônia, casar-se hoje é um evento social, atravessado pela “indústria” do casamento.

Ademais, em nossa pesquisa (MENDES, 2017), observamos que, até pouco tempo atrás, as noivas, com o auxílio de seus parentes mais próximos, preparavam toda a organização do casamento. Atualmente, trata-se de um serviço pago:

[...] estão preferindo pagar pelo serviço de assessoria ou cerimonialista, para prepararem todos os minuciosos detalhes da celebração. Esse fascinante seguimento de mercado de eventos faz as noivas aceitarem as novas propostas que são oferecidas nesse grande negócio, que variam desde o espaço, convites, lembranças, flores, buffet, decoração, música, vestido de noiva, carro da noiva, “dia do noivo”, “dia da noiva”, lua de mel, entre outros serviços especiais. (MENDES, 2017, p. 32)

A cerimônia de casamento, desse modo, torna-se uma expansão de mercados de casamento, esse grande comércio que proporciona diversas possibilidades de cerimônias. Há poucos anos, os casamentos eram realizados somente em igrejas; nos tempos mais recentes, as cerimônias, na grande maioria, ainda têm lugar na tradição, mas os casais que buscam optar por cerimônias não tradicionais vêm tomando grande proporção. Esses casais acabam escolhendo lugares alternativos, como praias, chácaras, sítios, castelos, palácios, teatros, etc. Locais com o contato com a natureza vêm agradando muitos noivos, principalmente quando não pertencem a alguma religião ou apenas não querem optar pela cerimônia religiosa.

São vários locais e tendências para atender a todos os estilos de casal. Devido à pandemia causada pela Covid-19, os locais abertos em contato com a natureza tiveram procura

maior. A pandemia afetou muitos setores e o de eventos como de casamentos foi afetado de maneira significativa, pois muitos casais tiveram que adiar seus casamentos. Como as pessoas não puderam se aglomerar por causa da alta transmissão do vírus, muitas celebrações, que seriam realizadas em 2020, foram adiadas e retomadas aos poucos em 2021, respeitando todos os decretos municipais estabelecidos e protocolos de higienização.

De acordo com o site *Guia do Mini Wedding* (2021), a pandemia do novo Coronavírus trouxe outras possibilidades de cerimônias de casamento, de forma que os casais não precisassem cancelar. Empresas organizadoras de evento e os casais precisaram se adaptar a eventos mais enxutos tais como: *Home Wedding* – casamento em casa, realizado em ambiente domiciliar, para os convidados mais íntimos e com uma decoração minimalista; *Microwedding* – cerimônias com poucos convidados; *Sequel Wedding* – casamentos-sequências, onde os casais comemoram sua união em várias festas, reduzindo o número de convidados. Outra forma de casamento surgida na pandemia foi a do casamento *Drive-in* – na cerimônia e na festa, os convidados não saem do carro, as palmas são substituídas por buzinas e os comes e bebes são servidos por garçons com o uso de máscaras e protetores faciais.

A validação do casamento civil também sofreu algumas adaptações na pandemia. Nesse contexto, o casamento *online* ganhou espaço na sociedade. Realizado por meio de uma plataforma de *streaming*, é o que fizeram alguns cartórios do Brasil, a fim de conter as aglomerações e realizar os pedidos de casamento dentro da data prevista, evitando, assim, os cancelamentos, com os convidados também participando de forma *online*.

Aos poucos, nos meses finais de 2021, o mercado de eventos para o casamento foi retomando o setor e se transformando diante do momento tão atípico como este da pandemia de Covid-19. A história da instituição do casamento acompanha o progresso da sociedade. Apesar de tantas normas por conta da pandemia, muitos casais optaram por não cancelar a cerimônia do casamento e, sim, adia-la e realizar o casamento em um novo formato. Nesse sentido, a cerimônia deixa de ser realizada em igrejas e passa a ser realizada em outros espaços não religiosos, em lugares abertos, e no presente momento também *online*.

3.2 Com o Casamento, os Convites

Em nossa pesquisa (MENDES, 2017), observamos que convidar implica fundamentalmente dois seres, quem convida e quem é convidado. Um convite é capaz de trazer

sensações, de emocionar e de impulsionar a curiosidade dos convidados. O ato de convidar leva um indivíduo a sentir-se incluído em determinado evento, em dada comunidade.

De acordo com o *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*¹⁷, o significado de convite refere-se: 1. Ato de convidar; 2. Solicitação para comparecer a determinado ato; convocação; 3. Cartão ou carta por meio dos quais se convida; 4. Oferta de algo; dádiva, presente; 5. Solicitação para assumir ou fazer alguma coisa; 6. Encorajamento ou incitação a uma ação; 7. Qualquer coisa que estimula; estímulo, provocação, tentação.

Segundo Saraiva (2014), o convite é uma manifestação social, cuja finalidade é convidar o outro para participar de um dado evento. Ele se faz presente nas diferentes esferas sociais e sua diversidade é marcada pela sua especificidade. A autora salienta ainda que a construção composicional dos convites se configura pela utilização concomitante da linguagem verbal e não verbal que, juntas, passam a representar e carregar enunciados com distintas significações. Lembramo-nos de Bakhtin (2016), ao salientar que cada gênero do discurso, em cada campo da comunicação discursiva, tem sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero:

O destinatário do enunciado pode, por assim dizer, coincidir *pessoalmente* com aquele (ou aqueles) a quem *responde* o enunciado. No diálogo cotidiano ou na correspondência, essa coincidência pessoal é comum: aquele a quem eu respondo é o meu destinatário, de quem, por sua vez, aguardo resposta (ou, em todo caso, uma ativa compreensão responsiva). [...] Porque o enunciado daquele a quem eu respondo (com o qual concordo, ao qual faço objeção, o qual executo, levo em conta, etc.) já está presente, a sua resposta (ou compreensão responsiva) ainda está por vir. (BAKHTIN, 2016, p. 63, grifos do autor)

No caso do convite, exige-se a resposta, pois faz parte da “boa” educação o convidado informar ao anfitrião se pretende ou não comparecer ao evento. Aceitando ou não, é muito importante responder a qualquer convite recebido, pois a confirmação de presença auxilia ao anfitrião na definição das despesas em seu evento evitando grandes gastos e desperdícios. Da mesma forma, faz parte da etiqueta demonstrar gratidão por ter sido lembrado e convidado para determinado evento, seja ele formal ou informal.

De acordo com a pesquisa realizada por Saraiva (2014), outro aspecto importante sobre o gênero convite é a historicidade. Se formos pesquisá-lo em diferentes contextos históricos, veremos que ele apresenta uma mesma função social nesses diferentes momentos; no entanto, seu suporte ganha aspectos diferenciados, de acordo com o tempo em que foi produzido e as

¹⁷ Michaelis (2021): Moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos.

condições sócio-históricas do momento. Para Bakhtin (2016, p. 54), “em cada época, e em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas em roupagens verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças, etc.”

Conforme nossa pesquisa (MENDES, 2017), apontamos que a prática de enviar convites tornou-se comum na Europa durante a Idade Média, entre os nobres, em substituição aos antigos pregoeiros. Popularizou-se ainda mais com o surgimento, posterior, da litografia e da imprensa. No entanto, somente após a Segunda Guerra Mundial é que os convites passaram a ser difundidos entre a classe média urbana do Ocidente em geral.

O ato de convidar para muitas pessoas vai além de apenas enviar um convite, pois nele pode expressar o carinho, a consideração e o quanto o momento é especial para quem convida. Essa experiência iniciará com o recebimento do convite: um dos principais passos para o planejamento de um determinado evento é a entrega do convite, visto que essa peça pode revelar um pouco para os convidados do que será esse dia especial, por ser o primeiro contato do anfitrião com os convidados. Assim, ao abrir determinado convite, os convidados ficarão na expectativa de como será o evento.

3.2.1 A história do convite de casamento

Em relação ao contexto sócio-histórico sobre o convite de casamento, consoante nossos estudos (MENDES, 2017), encontramos poucas referências específicas acerca desse gênero. Ressaltamos que algumas informações foram encontradas nos sites: *Guia de Casamento* (2017; 2021) e *Laços e Rendas* (2017; 2021).

Antes do invento da imprensa em 1447, não havia nenhuma maneira para dispersar informações em massa. Pessoas que coordenavam festas e casamentos naquela época, também. Na época, a forma de convidar as pessoas era muito diferente. Eles geralmente enviavam um mensageiro para anunciar a festa de casamento que seria realizada. Convites escritos como os de hoje não eram possíveis, mesmo após a impressão, pois a maioria das pessoas era analfabeta e apenas as mais ricas e bem educadas da sociedade poderiam ler um convite. Mas, lentamente, o convite de casamento surgiu.

Famílias de origem nobre contratavam monges calígrafos para escrever seus informes. Essas famílias enviavam os convites com o selo/brasão da família com cera. os costumes antigos da Europa, os casamentos eram anunciados por meio de um pregoeiro que saía nas ruas

transmitindo em alta voz as informações do casamento; desse modo, qualquer pessoa que ouvisse poderia comparecer ao evento.

Quando a gravura surgiu por volta do ano de 1600, houve certas modificações: um gravador era meticulosamente contratado para esculpir uma placa de metal para que os convites pudessem ser impressos. O processo era caro e a classe média, que estava em ascensão, começava a se tornar rica e poderia não só ler, como também se dar ao luxo de ter convites gravados e impressos. Esses convites eram gravados e impressos com tinta e era utilizada uma camada de tecido sobre o convite.

Quando as máquinas estavam surgindo na Revolução Industrial em meados de 1700, eles assumiram a tarefa de produção em massa de convites. O crescimento no uso da papelaria requintada, atribuído ao período Pós Segunda Guerra Mundial, foi inspirado na elaboração da impressão termográfica a qual, embora não tenha a delicadeza e nitidez da gravura, é uma técnica econômica de imprimir letras em alto relevo.

As tradições do casamento para muitas sociedades e casais são muito significativas; no entanto, elas se reinventam, assim como é o caso dos convites de casamento. Não se trata exclusivamente do convite, mas de todos os detalhes que deixam o casamento com uma identidade só dele. Atualmente os convites de casamento podem ser escolhidos desde a papelaria fina até estilos mais ousados, tradicionais, artesanais, modernos, e a nova tendência com o avanço das tecnologias são os modelos de vídeo convite.

Atualmente, as gráficas procuram envolver o casal no layout do convite, inserindo algum elemento que tenha a ver com os dois ou com a história deles e até mesmo com a cerimônia ou festa. Contudo, com os preços elevados dos convites, surgiu a tendência de os casais elaborarem os próprios convites de casamento, seja por meio do uso da tecnologia, feitos no computador de casa ou a criação de vídeos convites, como até mesmo a elaboração dos convites artesanais.

3.2.2 Dimensões do gênero convite

De acordo com Rojo e Barbosa (2015, p. 16), “todas as nossas falas, sejam cotidianas ou formais, estão articuladas em um gênero de discurso.” E, em relação ao convite, acrescentamos:

Convite é um gênero discursivo que faz parte da esfera do cotidiano. Trata-se de um modelo de correspondência enviado a terceiros, com o objetivo de convidá-los a participar de algum evento. O convite geralmente é posto dentro de um envelope e pode ser entregue de várias formas: pessoalmente, pelo correio; e sem envelope, através da internet. É produzido com a finalidade de convidar pessoas para eventos que ocorrem no cotidiano, como aniversário, casamento, formatura, festa junina, chá de panela, chá de bebê, reuniões, encontros, entre outros eventos. (MENDES, 2017, p. 23)

Podemos observar nos convites que sua estrutura composicional é variada, desde que haja os seguintes elementos: quem convida, convida para quê, data, horário, local, recepção e assinatura. Caso o convite seja enviado dentro de um envelope, devem constar os dados do remetente – a pessoa que envia –, e os dados do destinatário – a pessoa que recebe. No vocativo, devemos estar atentos quanto ao tratamento que usarmos. Como, por exemplo, no caso de uma pessoa mais amiga, é permitido o uso de uma linguagem mais simples, informal/coloquial. Mas, quando se tratar de alguém com quem não temos muita convivência, ou uma autoridade, devemos adequar a uma linguagem mais formal.

Em relação a aspectos tipológicos, podemos observar, no convite, de forma geral, a presença de sequências injuntivas e informativas. No que concerne às marcas linguísticas (estilo), podem ser observadas, por exemplo, o uso dos pronomes de tratamento. Para se dirigir aos convidados, em convites mais cerimoniais, apresentam-se: Senhor (Sr.), Senhora (Sr.^a), Vossa Senhoria (V. S.^a). Percebem-se, ainda, os elementos não verbais, como fotos, ilustrações, símbolos e cores. Em nosso estudo, destacamos que o convite “pode ser caracterizado pela natureza da solicitação, como o convite de casamento” (MENDES, 2017, p. 21). No que se refere à sua finalidade, observamos:

Pode ser um bilhete com o qual se consegue entrar gratuitamente num evento ou espetáculo. Também aquilo que incentiva alguém a fazer algo, como convite à caridade. Na área da Administração, trata-se de pequena licitação através da qual alguém faz a convocação direta dos concorrentes, para a aquisição de um bem ou serviço. Em seu uso mais antigo, indicava uma grande refeição solene, banquete. (MENDES, 2017, p. 21)

Verificamos ainda que existem muitas formas de convites, todas elas refletindo o meio social em que a pessoa está inserida. Dessa forma, os convites podem ser descritos e analisados considerando: os contextos de produção, circulação e recepção; os interlocutores envolvidos e suas posições ideológicas/valorativas; o conteúdo temático; a estrutura composicional; e as marcas de linguagem.

O gênero discursivo convite é a “porta de entrada” de um determinado evento, portanto, cabe às gráficas investirem para agradar a todos os perfis de clientes, desde os gostos mais simples aos mais exigentes que preferem modelos exclusivos. Atualmente, os convites digitais vêm-se tornando a nova tendência no setor de eventos. As pessoas também estão inovando, criando os seus próprios convites, tornando-os mais acessíveis e se aproximando do estilo do dono do evento.

Com a crise global provocada pela pandemia de Covid-19, nos meses de quarentena, ocorreu uma grande revolução digital em várias esferas, incluindo o setor de eventos. Muitos *shows* e eventos foram cancelados e alguns passaram a ser transmitidos por meio de *lives* em plataformas digitais. Com a retomada gradual dos eventos, o procedimento de organização também sofreu modificações.

Dentre diversos produtos e serviços oferecidos para a realização de um evento social, a adoção de convites digitais torna-se uma alternativa. Por ser digital, é possível enviá-lo por meio das redes sociais, gerando economia de tempo e dinheiro para os anfitriões. Diferente dos convites físicos, o digital proporciona ao anfitrião a flexibilidade para mudanças, como a possibilidade de alterar a data do evento, local e demais informações com extrema facilidade, além da praticidade de reenvio. Outra vantagem dos convites digitais é a conscientização da sustentabilidade, ao pensar no consumo consciente, evitando desperdícios de papéis. De maneira *online*, sem sair de casa e sem perder o “glamour” peculiar de cada anfitrião no ato de convidar.

Assim, a cerimônia de casamento se torna um grande evento por causa das relações econômicas, se transforma com a sociedade e suas mudanças de relacionamento afetivos mudam; no entanto, o amor, a união de duas pessoas permanece. A cerimônia do casamento, realizada de formatos diferentes em cada corpo social, é o meio através do qual o sujeito adquire, de modo formal, um compromisso de fidelidade com o outro. Dessa forma, a celebração do casamento é a manifestação social que significa compromisso. São essas celebrações, concretizadas antes pelos convites, o foco do capítulo seguinte, no qual iremos abordar a configuração do gênero discursivo convite de casamento.

4. “OS NUBENTES”: A CONFIGURAÇÃO DO GÊNERO DISCURSIVO CONVITE DE CASAMENTO

Em nossa pesquisa (MENDES, 2017), estudamos o convite de casamento à luz da perspectiva dos gêneros do discurso. Nesse sentido, foi necessário investigar o contexto sócio-histórico, analisar textos empíricos a partir das teorias bakhtinianas e, dessa forma, configurar o gênero convite de casamento.

A realização da nossa pesquisa resultou na escolha de cinco convites de casamento. Seguindo os critérios da questão cronológica, foram observados esses cinco exemplares inscritos em décadas diferentes da segunda metade do séc. XX em diante, dentro do território brasileiro e em língua portuguesa. Os convites pertenciam a duas famílias, de gerações distintas (décadas de 1950, 1970, 1980 e anos 2000). Denominamos de convites da família “A” e convites da família “B”. Os convites da família “A” pertenciam aos pais, da década de 1950, ao filho, da década de 1980, e ao convite da filha, nos anos 2000. Os convites de casamento da família “B” pertenciam aos pais, da década de 1970, e ao filho, nos anos 2000.

Por meio da análise dos convites, identificamos sua origem e o meio social a que pertenciam os nubentes. Verificamos sua configuração, considerando o contexto de produção, o conteúdo temático, a estrutura composicional e as marcas de linguagem. Consideramos, na pesquisa, a configuração social de duas famílias, por meio de seus convites de casamento. A partir dessas investigações sobre o casamento e o gênero discursivo convite de casamento, era o momento de aprofundar, como já mencionamos, em nível de Mestrado, a configuração do gênero, por meio de outros convites de casamento, com a possibilidade de realizar uma didatização de tal gênero para as aulas de Língua Portuguesa no ensino médio.

Buscamos, nesta pesquisa, convites de casamento reunidos em famílias (pais, filhos, netos, tios e sobrinhos). A proposta aqui foi estudar 10 convites¹⁸, pertencentes a 4 famílias, envolvendo gerações distintas, da década de 1950 até o ano de 2021. Analisamos os convites de casamento cedidos pelas famílias, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Suprimimos os nomes nos convites e usamos o léxico: pai da noiva, mãe da noiva, noiva/pai do noivo, mãe do noivo, noivo.

Bem como mencionamos no capítulo 1 desta dissertação, a interação discursiva decorrente da entrega dos convites de casamento gerou as informações de dados. No momento

¹⁸ Escolhemos posicionar o convite de cada casamento na mesma página, por uma questão visual para facilitar ao leitor e de custos para a impressão no formato colorido.

da entrega, as pessoas acabavam contando sobre a personalidade dos noivos, o cuidado com a escolha dos convidados, as motivações e detalhes do convite e do próprio casamento. Não foi nossa intenção realizarmos uma entrevista, as conversas foram espontâneas, informais. Mas registramos aqui para complementar a dimensão extraverbal dos convites analisados.

Atribuímos, para denominar as famílias, os elementos referentes aos aniversários de casamento dos casais mais antigos das famílias, relativos à lista¹⁹ de bodas: 60 anos – bodas de Diamante, 40 anos – bodas de Rubi, 12 anos – bodas de Ônix e 1 ano – bodas de Papel. Em várias culturas, é tradição comemorar as bodas de casamento (aniversários), cujos elementos podem se modificar; assim, muitos casais acabam escolhendo renovar os seus votos de casamento. Como já descrevemos no capítulo 1, denominamos os convites em famílias “Diamante”, “Rubi”, “Ônix” e “Papel”.

4.1 Os Convites de Casamento da Família “Diamante”

Os convites de casamento da família “Diamante” pertencem aos pais, da década de 1950, ao convite do filho, da década de 1980, e ao convite do neto, em 2009. O primeiro convite de casamento da família “Diamante” data de 1958; os noivos viviam na época na região de Ourinhos, cidade do interior de São Paulo.

Esse modelo de convite segue, em maior parte do texto verbal, cores e formato, uma linha considerada “tradicional”. Percebemos o estilo da papelaria do convite na figura 1, exposto à página seguinte: um papel levemente texturizado com efeito charmoso, com um tom de creme claro envelhecido, seguindo a tendência tradicional da época. Uma textura com alto relevo, com formato retangular na capa do convite, no canto inferior direito da capa, consta: “Enlace Noiva e Noivo”. O convite possui uma abertura no meio e a escrita tem um tom dourado escuro metalizado, representando sofisticação e luxo em pequenos detalhes. Esse tom envelhecido, conhecido como *vintage*, continua agradando muitos casais e sendo utilizado em convites mais recentes. No convite, não consta nenhum símbolo ou imagem, cabendo o destaque às cores.

Expostas à página seguinte as figuras do convite de casamento da família “Diamante” que pertence aos pais (1958): figura 1 – reverso e anverso do convite de casamento; figura 2 – interior do convite de casamento; e figura 3 – nota de jornal sobre o casamento.

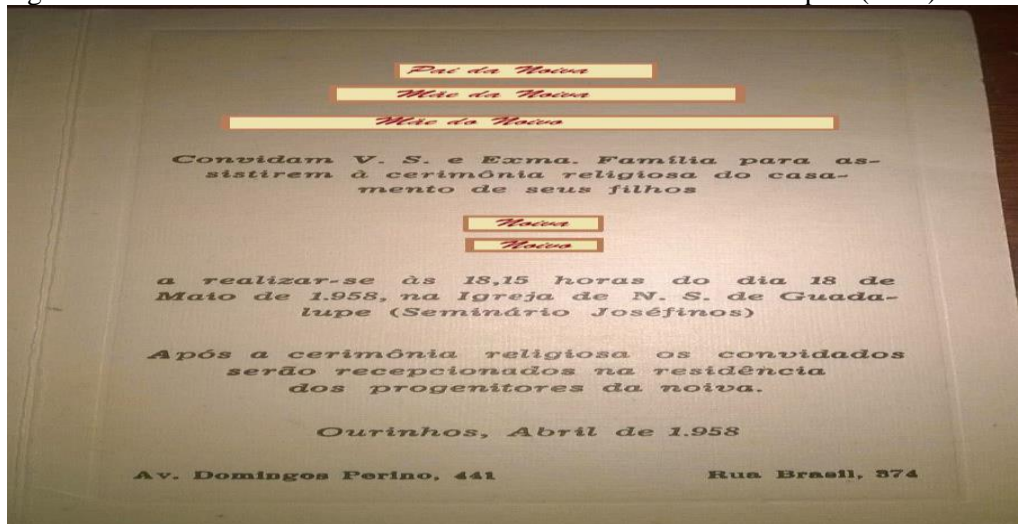
¹⁹ Lista disponível em: *Guia de casamento*. Lista de Bodas: Os Aniversários de Casamento. (2021)

Figura 1 – Reverso e anverso do convite de casamento – família “Diamante” – pais (1958)



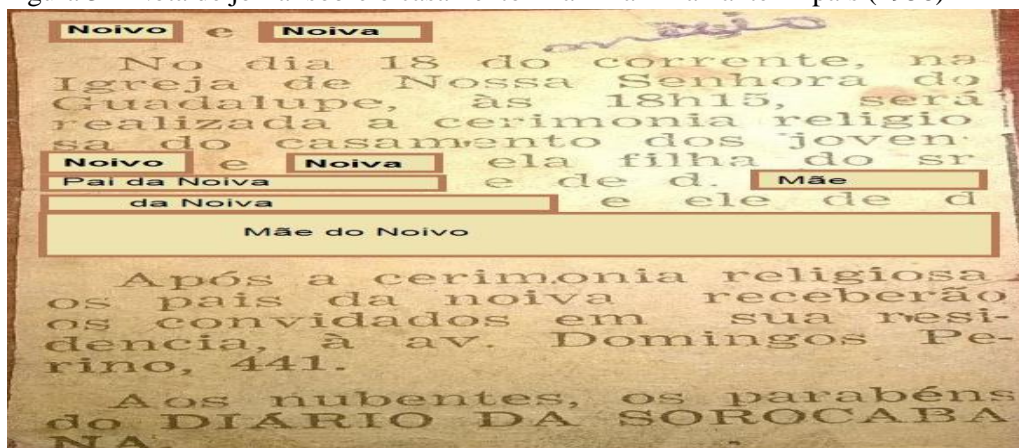
Fonte: os cedentes

Figura 2 – Interior do convite de casamento – família “Diamante” – pais (1958)



Fonte: os cedentes

Figura 3 – Nota de jornal sobre o casamento – família “Diamante” – pais (1958)



Fonte: os cedentes

Neste convite, são os pais dos noivos que convidam para o casamento de seus filhos. Podemos perceber, no topo do convite, exposto na figura 2, que consta o nome dos pais da noiva, mas somente o nome da mãe do noivo, pois o pai é falecido. Conforme as regras de etiqueta em convites de casamento, quando o pai ou a mãe forem falecidos, usa-se a expressão em latim *In Memoriam* (em lembrança de). Os nomes dos pais e dos noivos se destacam em um formato itálico, diferenciando do resto do corpo do texto do convite.

Neste convite, o nome da noiva vem antes do noivo. Nas regras antigas de casamento, os pais da noiva eram responsáveis financeiramente pela realização da cerimônia civil, religiosa e mais a recepção; por esse motivo, os nomes dos pais da noiva e da mesma vinham antes do noivo no convite. Talvez por seguir essa “regra” o nome da família da noiva se sobressaia no convite da família “Diamante”, de 1958.

Em sua apresentação, no convite, as marcas linguístico-enunciativas destacam um estilo formal da língua. Nele constam pronomes de tratamento, especificamente Vossa Senhoria (V.S.): esse pronome de tratamento é usado para autoridades, tratamento respeitoso e correspondência comercial; Exma. – abreviatura de Excelentíssima. Dessa maneira, esses pronomes de tratamento no convite de casamento expressam uma forma mais cortês com seus convidados.

Observamos outras marcas linguístico-enunciativas. O verbo assistir expressa aos convidados que eles iram presenciar a um espetáculo, um evento social que apresentará à sociedade o novo casal. Há ainda o uso da ênclise e do infinitivo: “a realizar-se”. Seguindo essa linha de convite tradicional, o horário e a data nesses convites, os números são escritos por extenso. Contudo, apesar de o convite de casamento de 1958 aderir a um modelo tradicional, os números de hora, data e ano seguem um estilo mais informal, pois esses elementos estão na forma numérica. Possivelmente usaram esse formato, pois ajuda o convidado a se localizar nas informações, sendo uma maneira mais simples de o convidado gravar a hora e a data. O mês em que será realizada a cerimônia religiosa consta de letra maiúscula; essa é uma forma utilizada na gramática de língua inglesa, e não na da língua portuguesa.

No final do convite, os convidados são informados que serão recepcionados na residência dos progenitores da noiva. Atualmente, por ser um arcaísmo, a palavra “progenitores” não é utilizada nos convites de casamento. Sendo a recepção em casa, entendemos que o meio de circulação do convite pertencia apenas aos familiares mais íntimos. Os pais da noiva provavelmente realizaram uma comemoração mais familiar e modesta, para não terem muitos gastos em restaurantes ou lugares similares. É importante considerar que,

conforme a cedente, nessa época as famílias menos abastadas não tinham o costume de frequentar esses lugares, essa intenção não era cogitada para não interferir em sua renda mensal.

Conforme a cedente, o convite foi direcionado para os familiares mais íntimos e para as pessoas que realmente fizeram parte da vida do casal. Porém, a notícia do casamento foi publicada em uma nota de jornal da cidade, conforme a figura 3; dessa forma, o acontecimento da cerimônia religiosa se propagou para mais pessoas. Assim, caso os noivos tivessem esquecido de convidar algum familiar, ficaria mais fácil visualizar a notícia em uma nota de jornal, uma forma de os noivos serem vistos e lembrados. E também relevância da cerimônia, aos olhos da sociedade local.

Podemos concluir que pertencia a uma comunidade simples, de família tradicional, que vivia no interior de São Paulo. Esse convite nos descreve a sociedade da época: nessa família tradicional, os pais são os anfitriões, os que convidam para a cerimônia religiosa de seus filhos e responsáveis por arcarem com os custos do casamento. Percebemos a importância do casamento em si para aquela comunidade – pela nota no jornal da cidade –, além da questão religiosa, fundamental para a união. Além do mais, a década de 1950, conhecida como “Anos Dourados” no Brasil, ficou marcada por ter suas próprias características, principalmente por uma sociedade e famílias mais tradicionais, que defendiam a continuidade dos costumes e tradições. E por meio do convite de casamento da família “Diamante” dos pais, de 1958, podemos perceber esses valores e padrões.

Ainda existe esse formato de convite de casamento tradicional, procurado por muitos noivos, mantendo a tradição do próprio casamento: os pais da noiva arcam com os custos do casamento, enquanto o pai do noivo fica responsável pelas despesas com a lua de mel e a nova casa. No entanto, no contexto econômico atual de muitos brasileiros, essa regra não é mais seguida à risca, não permitindo a concentração de tantos custos apenas para uma só pessoa ou família. Outro motivo é o fato de hoje haver uma infinidade de propostas e estilos de casamento que influenciam diretamente no orçamento final do evento.

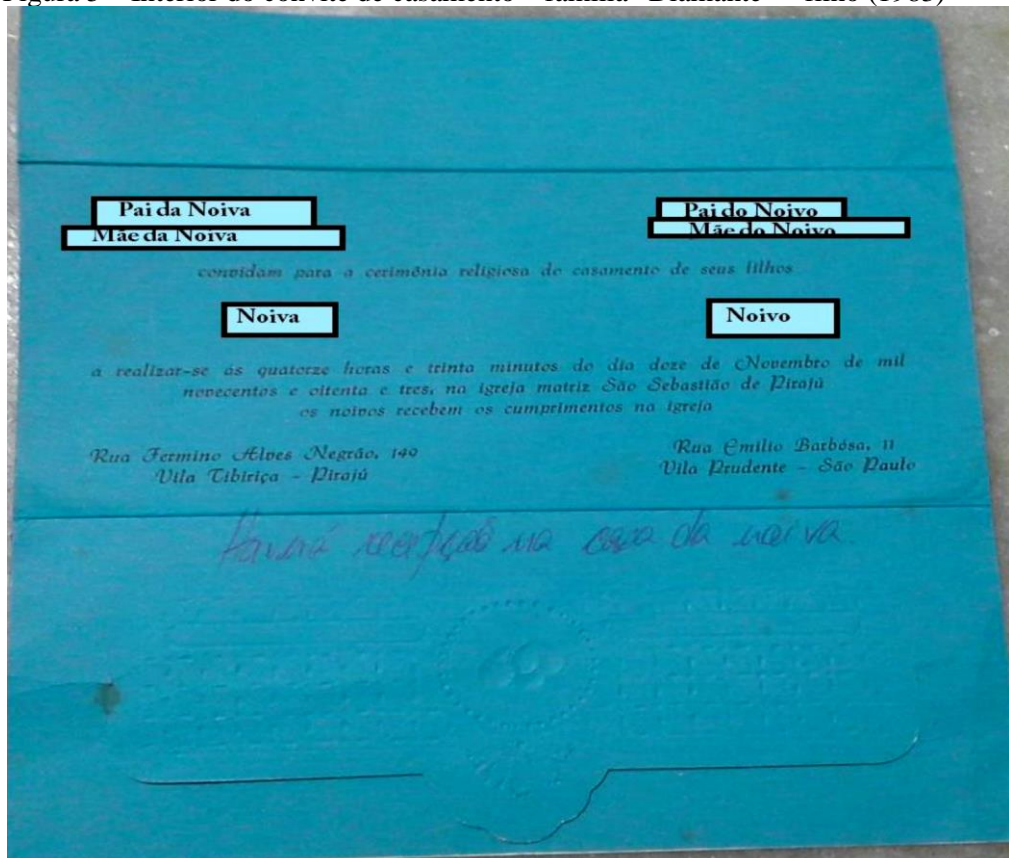
O segundo convite de casamento da família “Diamante” data de 1983, pertencente ao filho do meio da casa, que vivia com os pais em Vila Prudente, na capital São Paulo. Expostas à página seguinte as figuras: 4 – frente do convite de casamento; e figura 5 – interior do convite de casamento.

Figura 4 – Frente do convite de casamento – família “Diamante” – filho (1983)



Fonte: os cedentes

Figura 5 – Interior do convite de casamento – família “Diamante” – filho (1983)



Fonte: os cedentes

Podemos perceber, nesse modelo de convite de casamento, que não houve tantas mudanças, em vinte e cinco anos que se passam do convite de 1958. Segue a mesma linha tradicional. No topo do texto, aparecem os nomes dos pais que convidam para a cerimônia religiosa de seus filhos, seguindo a tradição, como se vê na figura 5.

No convite de 1983, observamos, em que concerne ao estilo, o uso da ênclise e do infinitivo – “a realizar-se”. O horário e data, nesse convite, estão escritos por extenso, seguindo o modelo tradicional, porém o mês em que será realizada a cerimônia religiosa consta de letra maiúscula.

No final do convite, os convidados são informados de que os noivos receberiam os cumprimentos na igreja. Dessa forma, compreendemos que, após a cerimônia religiosa, não haveria festa. Porém, logo abaixo, encontramos uma mensagem manuscrita: “Haverá recepção na casa da noiva”. Conforme a cedente, essa mensagem no convite foi destinada apenas para algumas pessoas.

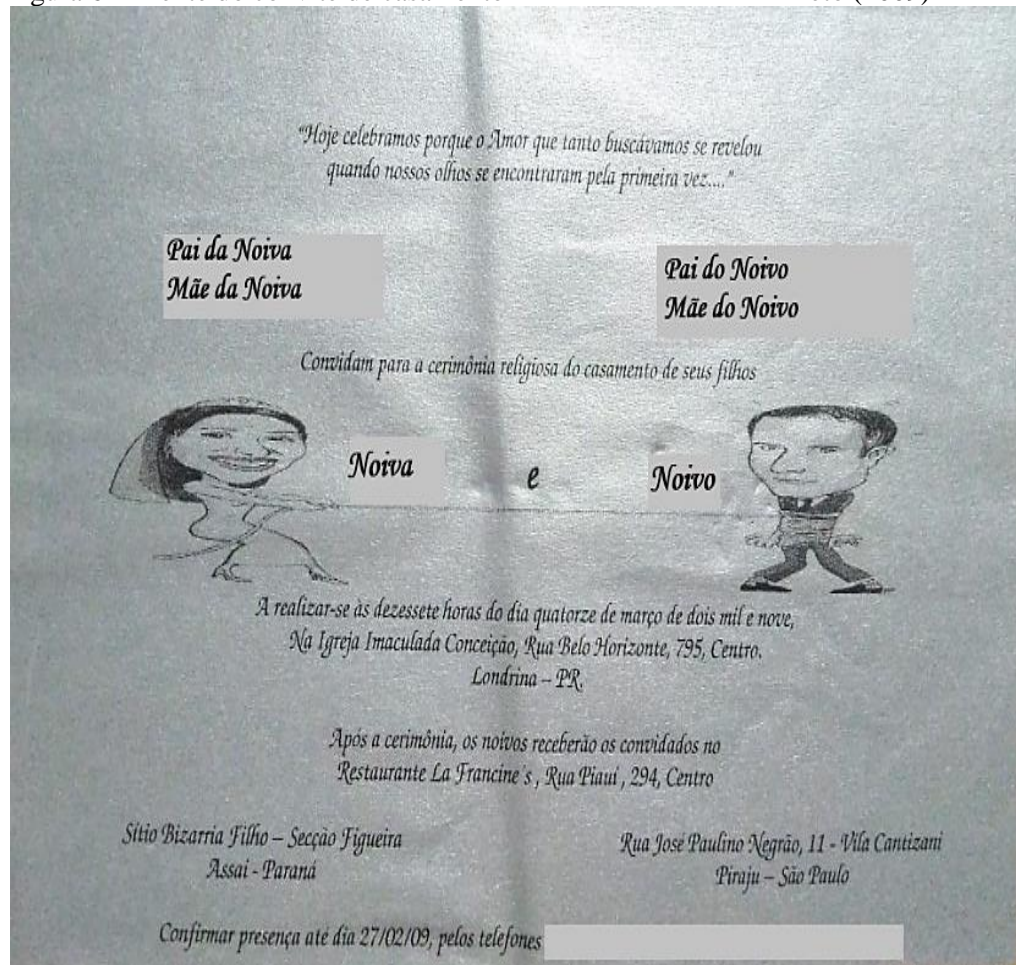
A maior mudança nesse convite do filho, comparado ao dos pais, é a de cor, saindo da cor clássica para uma mais moderna: o convite é azul, significando harmonia e infinito; a cor dourada significa luz e prosperidade e está no símbolo dos dois corações entrelaçados na frente do convite, que significam união e paixão, o símbolo dos dois corações está centralizado no fundo branco associado à paz e pureza. Para a época, o coração era um dos símbolos mais utilizados em convites de casamento.

O convite se divide em três partes: o texto fica no centro e as duas partes das pontas se dobram e se encaixam formando o envelope, sendo um só elemento. O alto relevo era próprio da década de 1970 e 1980 nas gráficas, sendo até uma grande tendência em convites de casamento tradicionais, deixando-o elegante e requintado.

Entre 1958 e 1983, não houve grandes mudanças entre os convites de casamento. O nome dos pais da noiva fica de um lado, dos pais do noivo do outro lado, no cabeçalho do convite, convidando para a cerimônia religiosa dos filhos. Podemos concluir que pertencia também a uma comunidade simples, de família tradicional, que havia se mudado para a capital de São Paulo. No entanto, apesar de se aliar à tradição, os noivos procuraram expressar, no convite, o estilo de vida da época, com elementos mais modernos, como as cores e as gravuras.

O terceiro convite da família “Diamante” data de 2009, pertencente ao neto, conforme apresentamos na figura 6:

Figura 6 – Frente do convite de casamento – família “Diamante” – neto (2009)



Fonte: os cedentes

Neste convite, os noivos viviam em Londrina – Paraná, embora os pais dos dois morassem em outras localidades: Piraju – SP e Assaí – PR. O convite não contém envelope, foi produzido em folha sulfite, com impressão preto e branco, provavelmente escrito e impresso pelos próprios noivos. Podemos perceber, no topo, a seguinte frase: “Hoje celebramos porque o Amor que tanto buscávamos se revelou quando nossos olhos se encontraram pela primeira vez...”. Parece-nos que a frase é bem significativa para o casal, a palavra amor escrita com letra maiúscula no meio da frase dá a entender o quanto esse sentimento é “grande” para os nubentes.

Seguindo o modelo de convite de casamento tradicional, no convite do neto são os pais dos noivos que convidam para a cerimônia religiosa de seus filhos. Porém, traz uma novidade à família: a gravura caricatural dos noivos, algo divertido, ao mostrar a noiva, com um enorme sorriso no rosto, expressando a sua alegria por “ter conseguido amarrar” o noivo (como se estivesse puxando-o) com uma corda para chegar ao altar. A caricatura do noivo não nos parece

tão feliz: amarrado na corda, com um tímido sorriso e suas pernas como se estivesse “resistindo” àquela situação (ela queria se casar e ele não?). Os nomes dos noivos se destacam em negrito no meio das caricaturas e tal imagem “quebra” a expectativa de um convite clássico e traz o humor e a criatividade dos casais.

As marcas linguísticas destacam a formalidade da língua: a fonte de todo o texto está em itálico, há o uso da ênclise e do infinitivo: “a realizar-se”, e o horário, a data, o mês e ano são escritos por extenso.

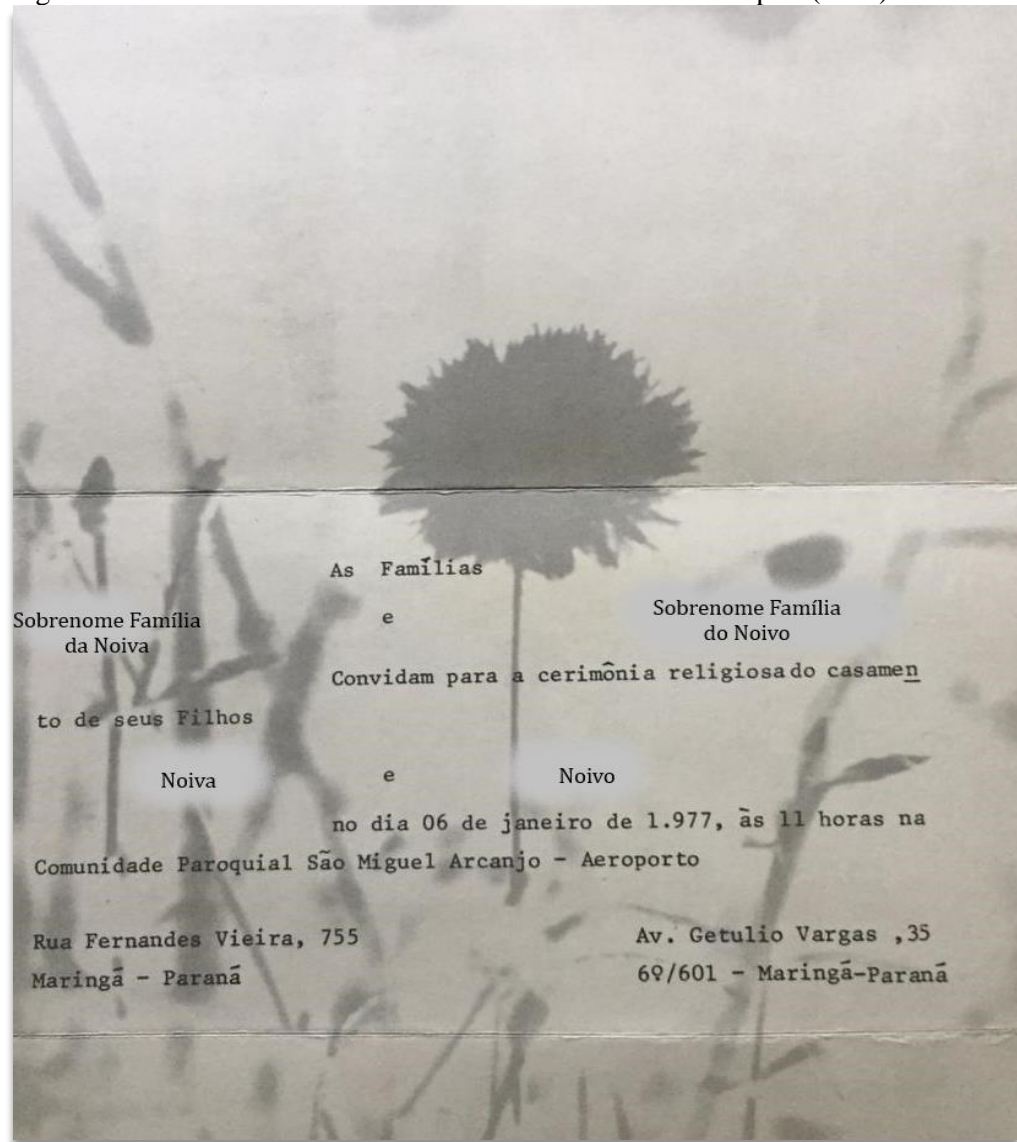
No final do convite, os convidados são informados que os noivos os receberão em um restaurante, dando a entender que houve uma comemoração. Logo abaixo, observamos outra inovação em comparação aos convites de 1958 e 1983, a nota de rodapé “Confirmar presença até”, indicando que os convidados deveriam entrar em contato por telefone ou número de celular. Entre inovações e regularidades, o convite nos mostra que houve mudanças culturais e tecnológicas significativas nas famílias dos anos 2000.

4.2 Os Convites de Casamento da Família “Rubi”

Os convites de casamento da família “Rubi” pertencem aos pais, da década de 1970, ao convite do filho, no ano de 2016, e ao convite da filha, em 2017. O primeiro convite de casamento da família “Rubi” data de 1977; os noivos viviam na época na região de Maringá, norte do estado do Paraná. Esse modelo de convite segue em maior parte do texto verbal uma linha considerada “tradicional”. Conforme a cedente, foram os próprios noivos que produziram os convites à máquina de escrever deles mesmos e os entregaram aos convidados.

O estilo do papel do convite possui um tom de cinza claro, que denota descrição, com um formato retangular, no fundo do papel uma imagem no tom cinza escuro, que aparenta ser a flor dente-de-leão no campo. O convite possui uma abertura entre as duas pontas, o corpo do texto está centralizado, com letras na cor preta e tamanho de fonte iguais, que remete uma fonte letra de máquina. O convite está exposto à página seguinte – figura 7.

Figura 7 – Interior do convite de casamento – família “Rubi” – pais (1977)



Fonte: os cedentes

Podemos perceber, no topo deste convite, que constam os sobrenomes das famílias dos pais dos noivos que convidam para a cerimônia religiosa de seus filhos, fazendo menção à estrutura hierárquica de uma família no sistema patriarcal. Observamos a relevância de um sobrenome na sociedade de Maringá. Na sequência, os nomes da Noiva e do Noivo.

Contudo, apesar de o convite de casamento de 1977 aderir a um modelo tradicional, os números de hora, data e ano seguem um estilo mais informal, pois esses elementos estão na forma numérica. O mês em que será realizada a cerimônia religiosa consta de letra minúscula, forma padrão utilizada na gramática da língua portuguesa. Os sinais de pontuação que predominam são o uso da vírgula e do hífen, o acento da crase indicativo de horas (às 11 horas).

Porém não está incluído o ponto final, utilizado no final de frases. Assim, de certa forma, passa para o seu interlocutor a imagem de um texto inacabado.

O convite não indica se após a cerimônia religiosa haveria alguma confraternização. Dessa forma, entende-se que o meio de circulação do convite pertencia apenas aos familiares mais íntimos. E se houve alguma comemoração provavelmente foi destinada a esses familiares. Esse convite de casamento nos mostra uma sociedade tradicional, são os pais que convidam para a cerimônia religiosa de seus filhos. Além disso, mostra a relevância do sobrenome das famílias que apresentarão à sociedade o novo casal, mediante a união das duas casas.

O segundo convite de casamento da família “Rubi” data de 2016, pertencente ao filho²⁰; os noivos viviam na região de Londrina – Paraná. A maior mudança nesse convite do filho, comparado ao dos pais, é a de cor, saindo da cor clássica do cinza para uma mais moderna e sofisticada: o envelope do convite é marsala, um tom entre o vermelho e o vinho, uma cor intensa e de personalidade forte, combinando com o papel cartão do convite, branco, associado à paz e pureza. O envelope se destaca por ser encaixado no convite, com uma abertura triangular na parte de cima e abaixo do convite, deixando à mostra um pequeno círculo, assemelhando-se a um selo da família, desses das casas antigas e nobres, contendo os nomes dos noivos, uma gravura de coração – que remete ao amor, paixão –, a data em formato numérico e, na sequência, o nome da cidade – Londrina –, onde foi realizado o evento. Logo abaixo do convite, o site contendo as informações do evento. Para o fechamento no meio do envelope, um laço branco de fita de cetim, indicando refinamento e elegância.

Podemos perceber que, no topo, encontra-se o mesmo círculo já mencionado. Seguindo o modelo de convite de casamento tradicional, são os pais dos noivos que convidam para o casamento de seus filhos. O nome dos pais se destaca com fonte maior na cor marsala, assim como o nome dos noivos com fonte maior que todo o corpo do texto.

Expostas na página seguinte as figuras: 8 – frente do convite de casamento; e figura 9 – interior do convite de casamento da família “Rubi” pertencente ao filho.

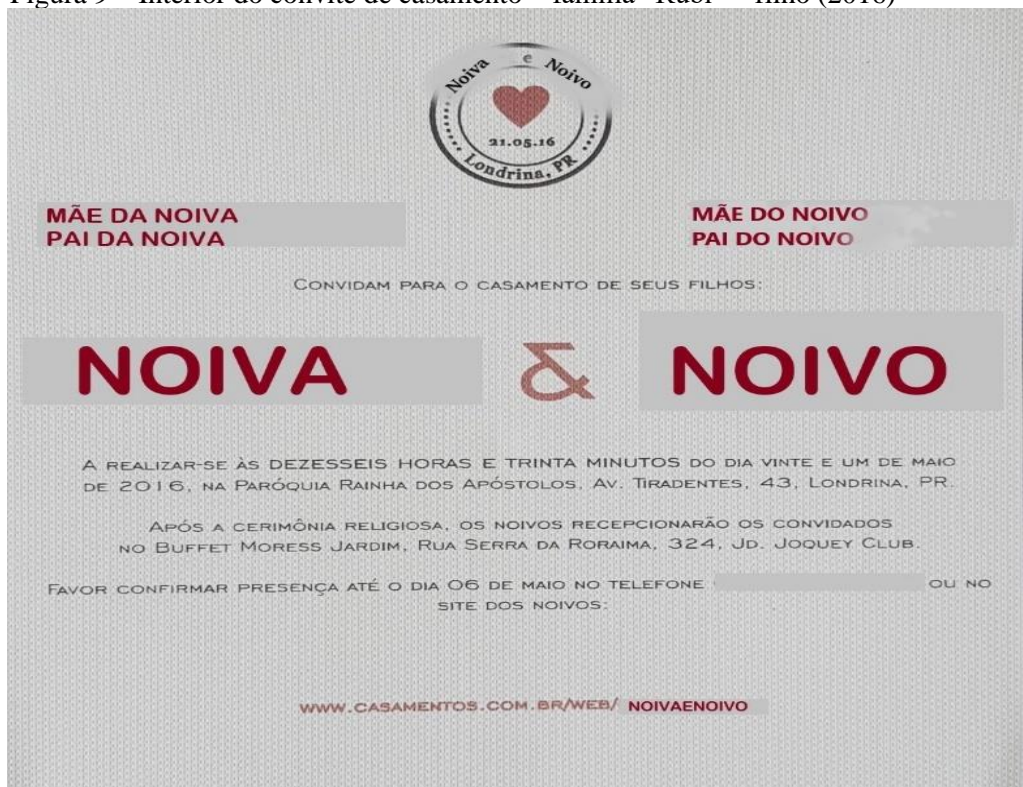
²⁰ O casal de 1977 da família “Rubi” teve 4 filhos; nesta pesquisa, destacamos os convites de casamento de dois de seus filhos: o único filho do gênero masculino e uma das três filhas, a segunda da casa.

Figura 8 – Frente do convite de casamento – família “Rubi” – filho (2016)



Fonte: os cedentes

Figura 9 – Interior do convite de casamento – família “Rubi” – filho (2016)



Fonte: os cedentes

As marcas linguísticas destacam a formalidade da língua: a fonte de todo o texto está em caixa alta na cor preta, há o uso da ênclise e do infinitivo: “a realizar-se”, o horário, a data, e o mês são escritos por extenso, apenas o ano escrito na forma numérica. Há a informação de que, após a cerimônia religiosa, os noivos recepcionarão os convidados em um buffet. O casamento foi realizado na igreja mais tradicional para casamentos na cidade de Londrina, pertencente aos Irmãos Marista. O buffet Moress Jardim (*Möress Gardem*) também é bastante procurado por eventos e de custo bem alto na cidade.

Logo abaixo dessas informações, observamos uma inovação em comparação ao convite de 1977, “Favor confirmar presença até”, indicando que os convidados deveriam entrar em contato por telefone no número de celular provavelmente dos noivos ou por meio do site do evento. Por intermédio do site, observamos que os noivos contrataram uma empresa para a organização do evento, a qual disponibilizou, conforme se vê no convite, um site de informações do casamento, contendo o link para confirmação de presença e outros dados. Esse convite de casamento comparado com o de 1977 nos mostra uma sociedade de 2016 mais conectada com a tecnologia mediante aos avanços tecnológicos. No entanto, um casal que preza pelo tradicionalismo das famílias da sociedade londrinense.

O terceiro convite da família “Rubi” pertence à filha e data de 2017, os noivos viviam em Londrina. A diferença aqui é no estilo de vida. Enquanto o filho preza pela tradição, a filha, aqui neste segundo casamento, preza pela alegria e descontração. Segundo a cedente, casou-se com alguém que, como ela, gosta de aventuras, de surf e da natureza.

O convite de casamento da filha traz uma novidade à família: quem convida são os noivos e não os pais. O casamento sai da esfera religiosa/civil e convida-se, portanto, para um evento na praia. Esse modelo de convite, comparado ao dos pais, de 1977, e ao do irmão, de 2016, demonstra menos formalidade e com várias inovações na cerimônia, conforme observamos nas figuras: 10 – interior do convite de casamento; e 11 – o convite de casamento dentro da garrafa, expostas na página seguinte.

Figura 10 – Interior do convite de casamento – família “Rubi” – filha (2017)



Fonte: os cedentes

Figura 11 – Convite de casamento dentro da garrafa – família “Rubi” – filha (2017)



Fonte: os cedentes

No topo do convite, encontram-se as informações em amarelo dentro de um pequeno círculo, com os nomes dos noivos em uma gravura com duas pranchas de surf, indicando que os noivos praticam esse esporte. No meio, um pequeno coração vermelho, que remete ao amor, à paixão. É por meio desse símbolo do coração que os convidados compreendem que se trata de um convite de casamento, pois observamos a elipse-omissão da palavra casamento. Conforme o convite, o casamento terá lugar em Floripa (apelido da cidade de Florianópolis – capital do estado de Santa Catarina).

No corpo do texto, a estrutura é centralizada, a data nesse convite está escrita em forma numérica, o mês e dia da semana em caixa alta, e a hora e ano na forma numérica, distanciando-se do modelo tradicional dos números por extenso. Essas informações estão em um tamanho maior do restante do texto na cor verde-água tomando mais destaque no convite. As outras informações do local do evento encontram-se em letras pretas e tamanho e fonte diferente. Por meio do local do evento – Praia dos Ingleses –, inferimos que o casamento sai da esfera religiosa/civil, para um evento em um local aberto ao ar livre em que a natureza e o mar fazem parte da decoração do casamento.

Logo abaixo dessas informações, uma nota de rodapé: “Favor confirmar presença até”, indicando que os convidados deveriam confirmar presença enviando um e-mail para os noivos. No convite, não consta se houve uma confraternização após o evento para os convidados recepcionarem o casal. Provavelmente os convidados se despediram do casal no local da praia mesmo ou até mesmo foi realizado um luau beira mar.

O convite não contém envelope, foi produzido em um papel branco que reflete a luz e dá um destaque às cores vivas e alegres: amarelo, verde-água e o vermelho do coração. No fundo do convite, imagens de coqueiros na cor amarelo, referindo-se ao pôr do sol – horário em que foi marcado o evento – e as ondas do mar na cor verde-água. O convite foi enrolado em um formado de pergaminho e para fechá-lo foi colado um *tag* dourado envelhecido. Foi colocado dentro de uma garrafinha, com símbolos que remetem à praia: areia e conchinha do mar. A garrafinha com o convite foi lacrada com uma rolha e amarrada com uma corda de sisal com um laço e colada uma conchinha do mar, combinando com o clima praiano.

A imagem que os noivos trazem nesse convite para o seu interlocutor é de que foi destinado apenas aos familiares e amigos mais íntimos do casal. Observamos a atitude valorativa dos noivos, pois nele não consta a frase “convidam para o seu casamento”; o interlocutor constata que se trata de um convite de casamento logo no início, com as informações verbovisuais: em amarelo dentro de um pequeno círculo, com os nomes dos

noivos, uma gravura de duas pranchas de surf e no meio um pequeno coração vermelho, com as informações de local e data.

O convite de casamento da filha, comparado ao dos pais e do irmão, distancia-se do formalismo, das convenções civis e religiosas. Os noivos possuem outro estilo de vida, mais despojado, aventureiro e de valor à natureza. O casal decide se casar em um ambiente à beira da praia ao pôr do sol, e são eles que convidam para o evento sem muitas formalidades.

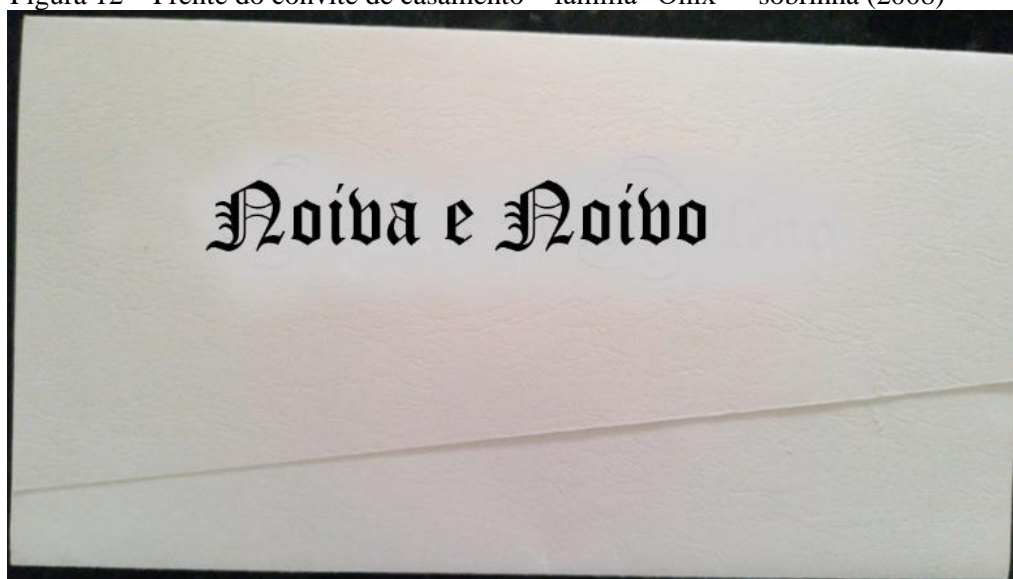
4.3 Os Convites de Casamento da Família “Ônix”

Os convites de casamento da família “Ônix” pertencem à sobrinha, no ano de 2008, ao sobrinho, em 2010, e ao convite dos tios, em 2018. O primeiro convite de casamento da família “Ônix”, analisado aqui, data de 2008. Os noivos viviam na época na cidade de Foz do Iguaçu. Esse convite segue, em maior parte do texto verbovisual, uma linha considerada “tradicional”. Percebemos o estilo da papelaria do convite na figura 12, à página seguinte: um papel cartão branco, o nome dos noivos escrito em uma fonte trabalhada na cor preta. O convite possui uma abertura diagonal que se abre em duas partes, como se vê nas dobras.

Seguindo o modelo de convite de casamento tradicional, neste convite, são os pais dos noivos que convidam para o casamento de seus filhos. Os nomes dos pais e dos noivos se destacam em formato negrito. Na frase: “É com muita honra que convidamos para o casamento de nossos filhos”, a palavra honra – substantivo feminino, significando princípio de conduta de quem é virtuoso, corajoso, honesto – aqui denota consideração ao convidado. O nome dos noivos aparece em destaque com fonte maior do resto do corpo do texto do convite, e logo abaixo se destaca a gravura caricatural dos noivos – com características da cultura gaúcha. Segundo a cedente, as duas famílias pertencem à cultura gaúcha²¹ e gostam de frequentar os Centros de Tradições Gaúchas – CTG. Assim, os noivos procuraram expressar, no convite, o estilo com elementos e gravuras que remetem à tradição gaúcha. Observemos as figuras: 12 – frente do convite de casamento; e 13 – interior do convite de casamento, expostas à página seguinte.

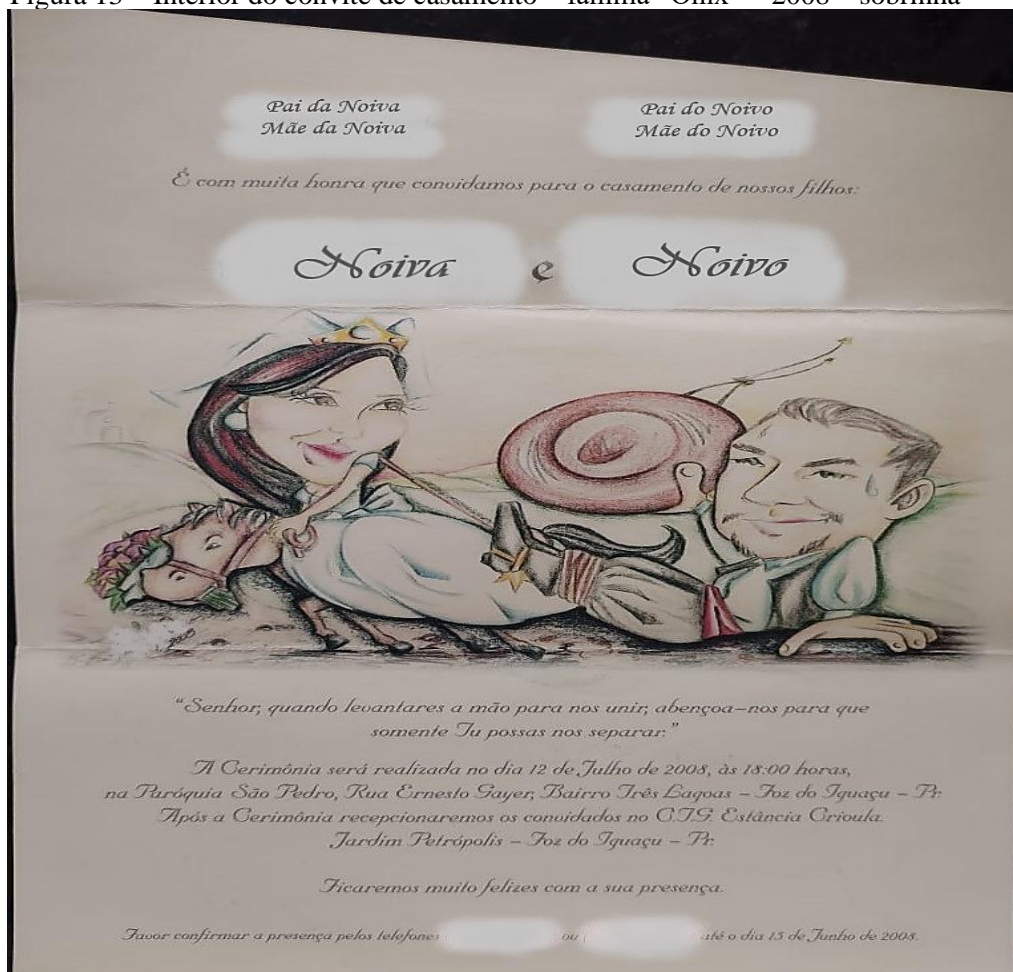
²¹ Michelin e Teixeira (2017) explicam que a cultura gaúcha está relacionada aos saberes e ao saber-fazer característicos do povo do estado do Rio Grande do Sul, bem como seus comportamentos e tradições passados de geração para geração. A cultura gaúcha encontra-se em um constante processo de (re)construção, o que corrobora com o processo de dinamicidade das culturas. Os Centros de Tradições Gaúchas (CTG) se tornaram um espaço de valorização da cultura gaúcha, independente do Estado em que estejam localizados, tornando-se um espaço de integração e trocas culturais, onde qualquer pessoa pode ter contato com a cultura sul-riograndense.

Figura 12 – Frente do convite de casamento – família “Ônix” – sobrinha (2008)



Fonte: os cedentes

Figura 13 – Interior do convite de casamento – família “Ônix” – 2008 – sobrinha



Fonte: os cedentes

A caricatura divertida mostra a noiva com o seu traje de vestido e grinalda, montada em um cavalo que segura o buquê de flores da noiva. Ao mesmo tempo que guia o cavalo em uma estradinha de chão em um vale de montanhas, rumo à pequena igreja que se encontra ao final da estrada, a noiva segura uma corda que vem arrastando o noivo amarrado pelos pés. Por meio dessa imagem, podemos identificar a modalidade de tradição em festas de peão conhecida como Laço Comprido: nessa competição, o participante fica montado no cavalo e precisa laçar o boi que é solto à sua frente. A caricatura do noivo usa trajes gaúchos: chapéu campeiro gauchesco, camisa, colete, guaiaca vermelha na cintura – é um artigo da vestimenta gaúcha, um acessório masculino parecido com um cinto –, bombacha, botas com esporas. O noivo, arrastado no chão, acena para a noiva com o chapéu; em sua feição, está suando (será que pelo cansaço de ser arrastado ou pelo calafrio de casar?). Logo abaixo da cabeça do cavalo, identificamos a assinatura do cartunista e o ano referente à caricatura.

Em relação às marcas linguístico-enunciativas, observamos a frase de teor religioso, geralmente usada em convites de casamento: “Senhor, quando levantares a mão para nos unir, abençoa-nos para que somente Tu possas nos separar”. Evidenciamos o pronome pessoal Tu – pronome da 2.^a pessoa do singular. Esse elemento de coesão referencial se destaca, alinhando-se a outros elementos do convite, pois se trata de pronome bastante utilizado pelos gaúchos e moradores do sul do país, no lugar do pronome você.

Outras marcas linguísticas se destacam no texto-enunciado: a fonte de todo o texto está em itálico e centralizada na cor cinza, uma fonte normalmente usada em convites de casamento; há também o uso da construção verbal “será realizada”, o acento da crase indicativo de horas (às 18:00 horas); os números de hora, data e ano seguem um estilo mais informal, pois esses elementos estão na forma numérica, e o mês em que será realizada a cerimônia religiosa consta de letra maiúscula. Na frase: “Após a Cerimônia recepcionaremos os convidados no CTG”, indica que haveria uma comemoração no Centro de Tradições Gaúchas, provavelmente a festa seguiu a cultura gauchesca com um churrasco, chimarrão, música e trajes típicos. Podemos inferir que se trata de uma festa para familiares e amigos mais íntimos que fazem parte da cultura gaúcha.

Além disso, observamos outras marcas linguísticas: na frase “Ficaremos muito felizes com a sua presença”; na gramática normativa, os pronomes seu/sua são possessivos da terceira pessoa do singular e do plural, sendo teu/tua possessivos da segunda pessoa do singular. Mesmo representando o Sul do Brasil, com o uso de TU no lugar de VOCÊ, o português brasileiro indica essa transposição de TEU para SEU.

Logo abaixo, observamos a nota de rodapé “Favor confirmar a presença pelos telefones”, sinalizando que os convidados deveriam entrar em contato pelo número de celular dos noivos para confirmação da presença. Em suma, no convite de casamento da família “Ônix” que pertence à sobrinha, concluímos que as marcas de estilo que os noivos trazem para os interlocutores, imagem e texto, se relacionam com a cultura gaúcha das famílias.

O segundo convite da família “Ônix” data de 2010, pertencente ao sobrinho. Na época, os noivos viviam na cidade de Assis Chateaubriand, Paraná. Esse convite é personalizado e único, foram os próprios noivos que o confeccionaram, de forma caseira. De acordo com a cedente, a noiva é professora de Biologia no Estado e o noivo é professor de Matemática na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

O convite não contém envelope, foi elaborado de maneira artesanal em um formato de livrinho. Foram utilizados um tecido branco que aparenta ser de juta, bastante utilizado em artesanatos, e amarrado ao meio com corda de sisal e na frente foram coladas algumas folhas de árvore – que remetem à natureza, objeto de estudo da noiva, professora e bióloga.

Na parte interna do convite, o papel aparenta ser sulfite branco, embora amarelado com o tempo e com papel de seda sobreposto, contendo a seguinte frase: “Senhor, tu que fizeste nossos caminhos se encontrarem e que um verdadeiro amor brotasse em nosso peito, faça com que este amor dure para sempre e sejamos um para o outro e ambos para ti.” Salientamos o verbo brotar, outra referência à noiva bióloga.

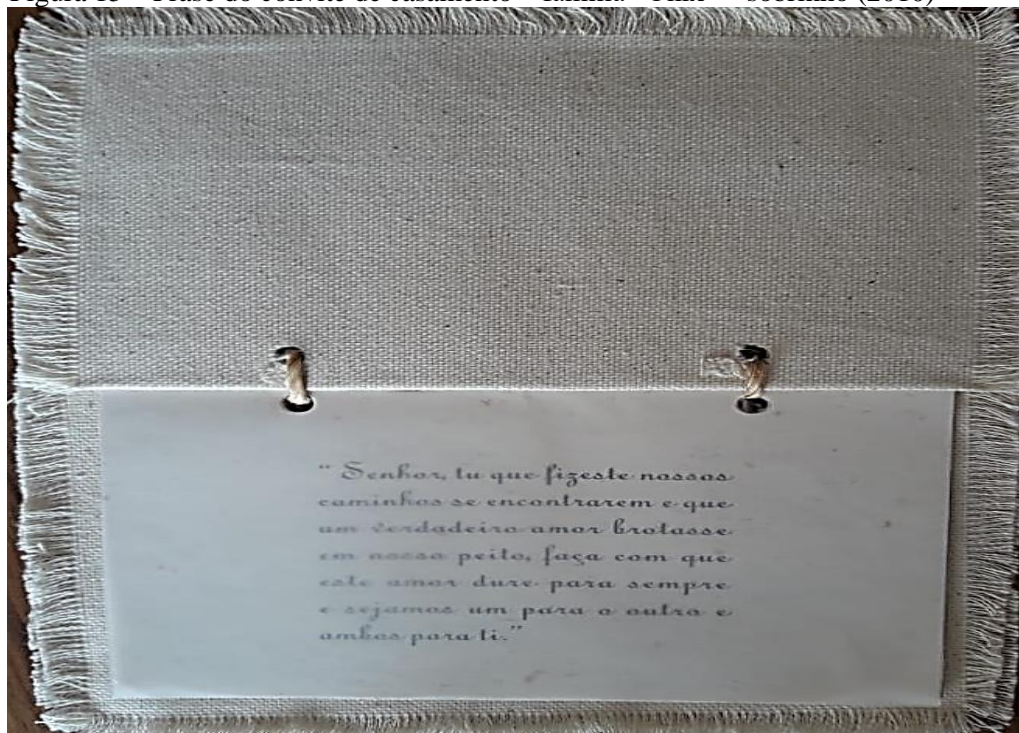
Apresentamos, às páginas seguintes, as figuras: 14 – o reverso e anverso do convite de casamento; 15 – frase do convite de casamento; e 16 -interior do convite de casamento da família “Ônix” pertencente ao sobrinho.

Figura 14 – Reverso e anverso do convite de casamento – família “Ônix” – sobrinho (2010)



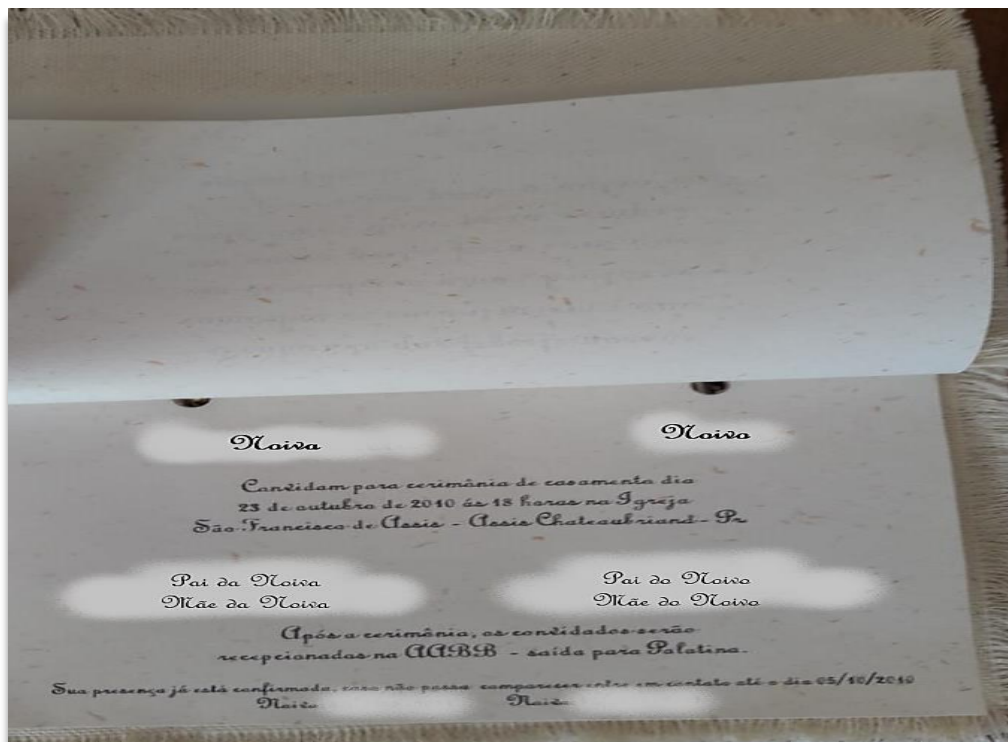
Fonte: os cedentes

Figura 15 – Frase do convite de casamento – família “Ônix” – sobrinho (2010)



Fonte: os cedentes

Figura 16 – Interior do convite de casamento – família “Ônix” – sobrinho (2010)



Fonte: os cedentes

No interior do convite, encontramos as informações do evento. Observamos no topo que quem convida são os noivos, provavelmente por já serem independentes e conviverem juntos. Os nomes dos noivos se destacam em negrito e fonte maior do corpo do texto. Destacamos neste convite: a fonte de todo o texto, de forma centralizada na cor preta, é normalmente a usada em convites de casamento; há uma incorreção no uso do acento da crase (ás 18 horas); os números de hora, data e ano seguem um estilo mais informal, na forma numérica; e o mês em que será realizada a cerimônia religiosa consta de letra minúscula, a forma correta a ser utilizada na língua portuguesa.

Na sequência, encontra-se o nome dos pais dos noivos e o local da recepção: “Após a cerimônia, os convidados serão recepcionados”, dando a entender que haveria uma comemoração em um clube. Logo abaixo, encontramos uma inovação em comparação ao convite de 2008: a nota de rodapé “Sua presença já está confirmada”, indicando que apenas os convidados que não fossem comparecer ao evento deveriam entrar em contato pelo número de celular dos noivos. Em resumo, no convite de casamento da família “Ônix”, que pertence ao sobrinho, observamos o trabalho artesanal personalizado, elaborado com muito carinho caseiro e com referências à profissão da noiva.

O terceiro convite da família “Ônix” data de 2018, pertencente aos tios – aqui trata-se de casal homoafetivo. Na época, os noivos viviam na cidade de Nova Odessa, município de São Paulo. O convite, comparado ao da sobrinha, de 2008, e ao do sobrinho, de 2010, demonstra que não se trata de uma cerimônia da esfera religiosa, trazendo a inovação: a conquista do direito de um casal homoafetivo poder se casar.

Apresentamos, à página seguinte, a figura 17 – o interior do convite de casamento da família “Ônix” pertencente aos tios. Quem convida neste convite são os noivos. Podemos perceber, no topo do convite, a palavra Convite apresentada em formato de título, com fonte maior de todo o corpo do texto e em negrito, remetendo à solicitação da presença do convidado. O corpo do texto está centralizado, a fonte de todo o texto está em itálico na cor preta, fonte normalmente usada em convites de casamento.

Figura 17 – Interior do convite de casamento – família “Ônix” – tios (2018)



Fonte: os cedentes

Em relação às marcas linguístico-enunciativas do convite, observamos: o uso do pronome possessivo “nosso casamento”; o uso da ênclise e do infinitivo: “a realizar-se”; o uso incorreto da crase em “à partir” – nesse caso, deveria ser escrito sem crase (a partir de – locução prepositiva com verbo partir). Os números de hora, data e ano seguem um estilo mais informal, pois esses elementos estão na forma numérica; em relação ao horário do evento “10:00 hrs”, a forma correta seria 10h ou 10 horas, a abreviatura de horas é com “h”, sem ponto e sem registrar o “s” para indicar o plural. O mês em que será realizada a comemoração consta de letra maiúscula. Na sequência, encontra-se o local da comemoração do evento, realizado em uma chácara; podemos inferir que se trata de uma festa para familiares e amigos mais íntimos do casal.

O convite não contém envelope, foi produzido em um papel branco que reflete a luz. No topo, um toque de luxo: imagens de duas rosas douradas com folhas e arabescos, uma em cada lado da palavra “Convite”. As bordas do convite são em um tom de dourado envelhecido, a cor dourada significando luz e prosperidade. Os nomes dos noivos em preto se destacam no centro

do texto: dentro de um coração dourado em formato de arabesco. O dourado no convite branco é usado de maneira harmônica e equilibrada.

Entre inovações e regularidades, o convite nos mostra que houve mudanças culturais significativas nesta família em 2018, um convite que demonstra menos formalidade e destaca a união de duas pessoas que se amam – um casal homoafetivo que conquistou o direito de se casar – e festejar seu casamento –, o que antes era de exclusividade dos casais heterossexuais.

4.4 O Convite de Casamento da Família “Papel”

O convite de casamento da família “Papel” pertence aos noivos, no ano de 2021. Estes moram juntos há algum tempo e resolveram concretizar o enlace matrimonial. Conforme a cedente, eles estavam preparando o evento desde 2019. A cerimônia deveria ter sido realizada em 2020, porém, devido ao contexto da pandemia de Covid-19, por questões sanitárias, decretos estaduais e municipais, a cerimônia só pode ser realizada em novembro de 2021.

O casal vive na cidade de Foz do Iguaçu. De acordo com a cedente, eles estão juntos há 13 anos e moram juntos há quase 6 anos. Ela é professora da educação infantil na rede pública do município, ele é motorista. Ao longo da jornada do casal, eles constituíram suas profissões. O momento do enlace matrimonial sempre foi um sonho dos cônjuges, mas as condições financeiras para a realização do matrimônio foram ficando de lado e eles preferiram investir no lar do casal.

Posteriormente, passaram não apenas a frequentar as missas da Igreja Católica da comunidade em que o casal pertence, mas também a participar ativamente da organização dessa igreja, ele como presidente e ela coordenadora e professora de catequese. Com uma participação mais ativa na comunidade religiosa, o casal sentia que faltava o enlace matrimonial com a bênção de Deus na Igreja. Conforme a cedente, após algumas “cobranças” do padre, e com certa estabilidade financeira, os cônjuges resolveram realizar o sonho da união da instituição do casamento civil e religioso. Contudo, com a pandemia de Covid-19, esse momento precisou ser adiado, por questões sanitárias e regras de distanciamento enfrentadas nessa crise. O casal não se deixou abalar com o adiamento, procurou fazer do evento um momento único, e uma forma de ficar na história do casal foi a elaboração do próprio convite de casamento.

Observemos as figuras, expostas nas páginas seguintes: 18 – anverso do convite de casamento; 19 – frente do convite de casamento; 20 – envelope do dinheiro; e 21 – recados de segurança do casamento.

Figura 18 – Anverso do convite de casamento – família “Papel” – noivos (2021)



Fonte: os cedentes

Figura 19 – Frente do convite de casamento – família “Papel” – noivos (2021)



Fonte: os cedentes

Figura 20 – Envelope do dinheiro – família “Papel” – noivos (2021)



Fonte: os cedentes

Figura 21 – Recados de segurança do casamento – família “Papel” – noivos (2021)

***ALGUNS RECADINHOS DE SEGURANÇA
PARA TODOS***

Conforme as normas estabelecidas pelo
decreto nº 28.055 da Prefeitura
Municipal de foz do Iguaçu, serão tomadas
algumas medidas protetivas contra a Covid
19.
Sendo elas:

- ✓ O uso de máscara será obrigatório em todos os momentos, tanto na igreja como no local do evento.
- ✓ Higienizar as mãos com álcool em gel, que será disponibilizado a todos.
- ✓ Respeitar o distanciamento de 1,5m, evitando cumprimentos com abraços, apertos de mãos e beijinhos.

Sabemos que não é fácil manter o distanciamento entre as pessoas amigas e conhecidas. Mas se respeitarmos e tomarmos todos os cuidados ajudando uns aos outros, tudo isso logo, logo vai passar e assim retornaremos aos abraços fraternos.



Pedimos a colaboração e compreensão de vocês para a realização deste evento com segurança.

Desde já agradecemos,
Noiva e Noivo


Fonte: os cedentes

O convite de casamento da família “Papel” é personalizado, confeccionado pelo próprio casal. Eles escolheram o *layout*, cores, imagens e o produziram pelo computador, imprimiram na impressora de casa, colaram fitas e cristais, tudo de modo artesanal. O convite não contém envelope, dividindo-se o papel em duas partes, retangular, com a abertura nas duas pontas. O papel é cartão branco, o anverso do convite é todo em dourado, que remete ao luxo, e no meio as iniciais do nome dos noivos em um formato de letra clássica de convites de casamento, ao redor uma arte em *design* arabesco. Logo abaixo, um toque de refinamento e sofisticação do casal: uma fita dourada com um laço em formato “chanel” duplo e no meio um cristal dourado.

Ao abrir o convite, podemos identificar no topo a seguinte frase: “Acredite, isso é realmente um convite de casamento. Parece mentira... Mas a hora chegou! Vamos Casar!!!”. Notamos a expressão “realmente”, advérbio que tem em conta a realidade, ao ponto de os convidados terem que acreditar que, por mais que o casal já morasse juntos há algum tempo, que era real, verdadeiro o convite à cerimônia do casamento. Também a frase “Parece mentira...”, evidencia aos convidados que o convite era real e não se tratava de uma informação falsa ou brincadeira. Em “Mas a hora chegou!”, inferimos que, apesar do tempo em que estão juntos, aquela era a hora, o momento de concretizarem o enlace matrimonial. Por fim, a frase “Vamos Casar!!!”, remete à instituição do casamento. Podemos perceber a alegria dos noivos com o uso de três pontos de exclamação no final da frase, indicando a entonação das emoções. Do mesmo modo identificamos que os noivos utilizam o verbo casar sem ser pronominal: vamos casar e não vamos nos casar, o que indica a variação do português brasileiro.

Em seguida, encontramos, na frase “Venha fazer parte do lindo momento em que diremos “Sim” diante de Deus”, o uso do adjetivo lindo, configurando-se como elemento linguístico-enunciativo marcante, a palavra sim escrita com letra maiúscula no meio da frase, significando que o casal já disse sim para a sua união há muito tempo, mas faltava dizer o sim diante de Deus (o que era o mais importante para o casal) e, no que diz respeito à Igreja, diante da sociedade católica.

Quem convida são os noivos com a bênção de seus pais. Os noivos procuraram expressar, no convite, o seu estilo, com elementos mais modernos, como as cores e as gravuras. A arte dourada em formato de pergaminho, em volta da parte interna do convite que remete às cores da decoração da festa, as rosas no canto direito do convite que remetem à cor do vestido das madrinhas e a gravata dos padrinhos. O que chama atenção no meio do convite é a caricatura do casal, pois a noiva foge dos padrões de um vestido branco, aparece ali com um vestido preto, o que denota elegância, simplicidade e grande inovação. A caricatura está entre o nome dos

noivos em fonte maior do corpo do texto e em negrito, estes se destacam logo abaixo de duas alianças entrelaçadas.

As marcas linguísticas básicas não se alteram: a informação da realização do casamento, com o uso da ênclise e do infinitivo – “a realizar-se”. Os números de hora, data e ano seguem um estilo mais informal, pois esses elementos estão na forma numérica, auxiliando o convidado a se localizar nas informações. Os convidados são informados que serão recepcionados em salão de festas de uma associação.

Há uma frase, logo ao final do convite: “Juntos com Deus em nossas vidas não há estrelas que não podemos alcançar e nem sonhos que não podemos realizar”. Pesquisamos que se trata de uma frase comum em convites de casamento, porém a frase original é: “Juntos não há estrelas que não possamos alcançar. Nem sonhos que não possamos realizar, porque somos um para o outro e ambos para Deus”. Assim notamos que o casal modificou um pouco a frase incluindo: “Juntos com Deus em nossas vidas”, remetendo à religiosidade do casal. Observamos a troca do verbo “possamos”, forma conjugada do verbo poder na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, por “podemos”, 1ª pessoa do plural do presente do indicativo. Assim, inferimos na frase modificada pelo casal a certeza de que eles vão alcançar estrelas e conquistar sonhos. Logo ao final do convite, os números de celular dos noivos para confirmação da presença dos convidados.

Esse convite nos mostra a sociedade de 2021, em que os noivos são independentes, moram juntos e são eles que convidam, com a bênção de seus pais. Os noivos resolveram concretizar o enlace matrimonial, no momento em que suas vidas financeiras e profissionais se encontram de forma estável. Por esses motivos, os noivos não pediram presentes de casamento, mas, junto ao convite, colocaram um envelope à parte para os convidados colocarem algum dinheiro, a ser entregue no dia do casamento. Na festa, havia uma urna para os convidados fazerem o depósito do envelope com o dinheiro (figura 20) ou pagamento via Pix.

Após aguardarem o tempo hábil para a concretização desse sonho, precisaram adiar mais um pouco a “tão sonhada” cerimônia religiosa de casamento, que deveria ocorrer no mesmo dia da civil. A religiosa realizou-se no dia 20 de novembro de 2021, com a cerimônia civil no dia 08 de maio de 2021, devido aos decretos²² municipais para evitar aglomerações e disseminação da Covid-19. O convite, no entanto, foi o mesmo, apenas os noivos encaminharam pelo *Whatsapp* a mudança na data da cerimônia religiosa.

²² Município de Foz do Iguaçu. Decreto nº 28.055, de 20 de abril de 2020. Consolida as medidas estabelecidas no Município de Foz do Iguaçu de controle e prevenção para o enfrentamento da emergência em saúde pública de importância internacional decorrente da Pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19, e dá outras providências.

Outra inovação da sociedade de 2021 foram os vídeos convites. Para evitar o contágio da Covid-19, os noivos encaminharam para os convidados por *Whatsapp* vídeos convites para os aceites dos padrinhos, assim como a todos os convidados para a confirmação da cerimônia e da festa. Observamos a atitude valorativa dos noivos, pois, junto ao convite físico, os noivos se preocuparam em elaborar um bilhete com recados de segurança, medidas protetivas contra a Covid-19, a que os convidados deveriam aderir tanto no momento da cerimônia como no da recepção – figura 21.

O convite de casamento da família “Papel” não foi destinado a convidar apenas os familiares e amigos queridos, mas também um momento de cuidado e carinho com aqueles familiares mais amados. Conforme a cedente, os noivos deixaram de convidar pessoas amadas, como avós e tios mais idosos, por serem mais vulneráveis à contaminação da Covid-19. Por mais que eles quisessem a presença deles nesse “lindo momento”, sabiam que era um momento de cuidado com os mais vulneráveis. Esse convite com certeza fica marcado na história – do casal e de nossa pesquisa –, pelo enfrentamento à pandemia da Covid-19, pelo fato de o casal ter aguardado o momento certo em que fosse liberado o retorno das cerimônias presenciais religiosas e civis, por terem o cuidado de não convidar familiares idosos e amados, a fim de evitar uma possível contaminação. E, por coincidência (destino, vontade de Deus?), a data da cerimônia religiosa coincidiu com a data de aniversário do noivo.

4.5 Considerações sobre os Convites de Casamento

Após termos encerrado nossa análise dos dez convites de casamento, podemos perceber sua configuração, considerando o contexto de produção, o conteúdo temático, a estrutura composicional e as marcas de linguagem. No decorrer dos anos aqui representados pelos convites, da década de 1950 até o ano de 2021, observamos a configuração social de 4 famílias, por meio de seus convites de casamento, envolvendo gerações distintas (pais, filhos, netos, tios e sobrinhos). Evidenciamos as dimensões extraverbal e verbovisual dos textos-enunciados, resgatando também memórias das famílias.

Na caminhada que se inicia entre os casais na decisão de compartilhar suas vidas, sonhos e esperanças, a instituição do casamento é uma celebração carregada de tradições, inovações e simbolismo e o convite faz parte de todo esse contexto. O convite de casamento é o texto-marco, que contempla, ao mesmo tempo, o passado e o futuro – os momentos já vividos pelo casal e a

história que se inicia com o casamento. No futuro, é possível também contemplar esse resgate de memória afetiva desse dia tão especial para o casal e os familiares.

A seguir, apresentamos uma síntese por meio do quadro referente à análise dos convites de casamento pontuando a configuração do gênero, em suas dimensões extraverbal e verbovisual:

Quadro 5– Síntese da análise dos convites de casamento

| FAMÍLIA | GERAÇÃO | DÉCADA/ ANOS | DIMENSÕES EXTRAVERBAL E VERBOVISUAL DOS ENUNCIADOS |
|----------------|----------------|-------------------------|--|
| “Diamante” | Pais | Década de 1950 | <ul style="list-style-type: none"> - Os pais são os anfitriões, convidam para a cerimônia religiosa de seus filhos e arcam com os custos do casamento. - Importância do casamento para a comunidade – nota no jornal da cidade. - Imagem do convite no estilo tradicional. - Marcas linguístico-enunciativas: pronomes de tratamento, formalidade da língua, palavras hoje arcaicas. |
| | Filho | Década de 1980 | <ul style="list-style-type: none"> - De família tradicional e comunidade simples, que havia se mudado para a capital de São Paulo. - Os noivos procuraram expressar no convite o estilo de vida da época. - Imagem do convite no estilo tradicional. - Inovação com elementos mais modernos, cores e gravuras em alto relevo. - Marcas linguístico-enunciativas: informalidade da língua referente aos meses do ano. |
| | Neto | Ano de 2009 | <ul style="list-style-type: none"> - De família tradicional, os noivos viviam em Londrina, embora os pais dos dois morassem em outras localidades: Piraju – SP e Assaí – PR. - Provavelmente escrito e impresso pelos próprios noivos. - Seguindo o modelo de convite de casamento tradicional, são os pais dos noivos que convidam para a cerimônia religiosa de seus filhos. - Marcas linguísticas destacam a formalidade da língua. - Novidade: a gravura caricatural dos noivos. A imagem “quebra” a expectativa de um convite clássico e traz o humor e a criatividade do casal. - Com o uso da caricatura, o convite sai da formalidade e vai para o lado da alegria, denotando uma força centrífuga no convite. - Outra inovação: a nota de rodapé “Confirmar presença até”, indicando que os convidados deveriam entrar em contato por telefone ou número de celular. - Avanço dos recursos tecnológicos e mudanças culturais. |

| | | | |
|--------|----------|----------------|--|
| “Rubi” | Pais | Década de 1970 | <ul style="list-style-type: none"> - De família tradicional de Maringá, norte do estado do Paraná. - Os noivos elaboraram o próprio convite de casamento por meio da máquina de escrever. - No topo do convite, constam os sobrenomes das famílias dos pais dos noivos que convidam para a cerimônia religiosa de seus filhos: menção à estrutura hierárquica de uma família no sistema patriarcal e relevância de um sobrenome na sociedade de Maringá. - São os pais que convidam para a cerimônia religiosa. - Marcas linguístico-enunciativas: informalidade da língua referente ao estilo dos números em hora, data e ano. |
| | Filho | Ano de 2016 | <ul style="list-style-type: none"> - O site, inserido no convite, indica que os noivos contrataram uma empresa para a organização do evento. - Seguindo o modelo de convite de casamento tradicional, são os pais dos noivos que convidam para o casamento de seus filhos. - Inovação: “Favor confirmar presença até”, indicando que os convidados deveriam entrar em contato por telefone ou pelo site do evento. - Sociedade mais conectada com a tecnologia mediante os avanços tecnológicos e empresas que celebram casamentos e criam convites. |
| | Filha | Ano de 2017 | <ul style="list-style-type: none"> - A diferença aqui é no estilo de vida. Enquanto o filho preza pela tradição, a filha, aqui neste segundo casamento, preza pela alegria e descontração. Casou-se com alguém que, como ela, gosta de aventuras, de surf, de natureza. - O casamento sai da esfera religiosa/civil e convidase, portanto, para um evento na praia. - Quem convida nesse convite são os noivos. - Atitude valorativa dos noivos, o interlocutor constata que se trata de um convite de casamento logo no início do convite, com as informações verbovisuais. - O convite de casamento da filha, comparado com o convite dos pais e do irmão, distancia-se do formalismo, das convenções civis e religiosas. - Os noivos possuem outro estilo de vida: mais despojado, aventureiro e de valor à natureza. |
| “Ônix” | Sobrinha | Ano de 2008 | <ul style="list-style-type: none"> - Seguindo o modelo de convite de casamento tradicional, neste convite, são os pais dos noivos que convidam para o casamento de seus filhos. - Gravura caricatural dos noivos – com características da cultura gaúcha. - Marcas linguístico-enunciativas: evidenciamos o pronome pessoal Tu – pronome da 2.^a pessoa do singular. Esse elemento se destaca, pois se trata de |

| | | | |
|---------|----------|-------------|--|
| | | | <p>pronome bastante utilizado pelos gaúchos e moradores do sul do país, no lugar do pronome você.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Marcas de estilo que os noivos trazem para os interlocutores, imagem e texto, se relacionam com a cultura gaúcha das famílias. |
| | Sobrinho | Ano de 2010 | <ul style="list-style-type: none"> - Quem convida são os noivos –provavelmente por já serem independentes e conviverem juntos. - Os próprios noivos confeccionaram o convite. - Elaborado de maneira artesanal com elementos – que remetem à natureza, objeto de estudo da noiva, professora e bióloga. - Marcas linguístico-enunciativas: verbo brotar, outra referência à noiva bióloga. - Os números de hora, data e ano seguem um estilo mais informal. - “Sua presença já está confirmada”, apenas os convidados que não fossem comparecer ao evento deveriam entrar em contato pelo número de celular dos noivos. |
| | Tios | Ano de 2018 | <ul style="list-style-type: none"> - Não se trata de uma cerimônia da esfera religiosa. - Inovação na cerimônia: a conquista do direito de um casal homoafetivo poder se casar. - Quem convida são os noivos – casal homoafetivo. - Marcas linguístico-enunciativas: uso do pronome possessivo “nosso casamento”. - Os números de hora, data e ano seguem um estilo mais informal. - O convite demonstra menos formalidade. - Entre inovações e regularidades, o convite nos mostra que houve mudanças culturais significativas. |
| “Papel” | Noivos | Ano de 2021 | <ul style="list-style-type: none"> - Foram os próprios noivos que confeccionaram o convite. - Os noivos são independentes e moram juntos. - “Cobranças” por parte da esfera religiosa. - Enfrentamento à pandemia da Covid-19. - Marcas linguístico-enunciativas: os números de hora, data e ano seguem um estilo mais informal. - Gravura caricatural do casal, noiva foge dos padrões de um vestido branco. - Utilizam o verbo casar sem ser pronominal: vamos casar, o que indica a variação do português brasileiro. - O uso do adjetivo lindo, configurando-se como elemento linguístico-enunciativo marcante. - Inovação: uso de máscaras e distanciamento social no evento. - Uso de vídeos convites. |

Fonte: Produção da autora.

Dos modelos tradicionais aos mais modernos e aos elaborados de maneira artesanal, inferimos que houve algumas modificações no gênero discursivo convite de casamento ao longo das décadas aqui estudadas. A principal delas nos mostra que os interlocutores mudaram, pois quem está convidando não são tão somente os pais, presentes no modelo tradicional, mas agora também são os noivos, que têm uma vida independente da dos pais e/ou que moram juntos; alguns noivos passam por uma nova configuração social, com a conquista de direitos e leis, como os casais homoafetivos que passam a ter o direito de se casarem.

Por outro lado, o convidado continua sendo o mesmo: os familiares, os mais íntimos da família e amigos. No contexto atual da contaminação da Covid-19, como foi o caso do convite de casamento da família “Papel” 2021, evidenciamos o “não convite” aos familiares mais vulneráveis, nesse caso, deixar de convidar foi um ato de amor e carinho com o próximo.

Podemos perceber que os eventos continuam acontecendo, para essas famílias, pela manhã, ao fim da tarde e à noite. As cerimônias variaram: desde uma religiosa/civil a uma cerimônia que não envolve nenhuma religião. O lugar das cerimônias muda: não se casa mais apenas na igreja ou no templo, mas se faz uso de locais não religiosos. Houve cerimônia religiosa com recepção em casa; religiosa com recepção em diversos locais, como restaurantes, centros de tradições gaúchas, salões de festas, clubes; e cerimônia não religiosa em contato com a natureza em praia e em chácara. Na contemporaneidade, não apenas o padre na esfera religiosa, mas também o cerimonialista e o juiz de paz na esfera civil passam a ser quem preside o enlace matrimonial dos noivos, com novas relações afetivas e novos espaços para o casamento.

As marcas de linguagem aderem, pouco a pouco, a regras do português brasileiro, eliminando pronomes de tratamento “pomposos” marcados por certo prestígio social ou formalidade, bem como colocações pronominais quase extintas. A grafia de números por extenso se reserva para convites formais, porém se torna menos visual para o seu interlocutor. Assim, o uso de datas e horários em forma numérica se torna mais frequente nos convites para facilitar a leitura do interlocutor. O importante é que em todos os convites de casamento foi possível transmitir para os convidados as informações mais essenciais, como o tema – o casamento –, o local, a hora e a data dos eventos.

Junto a essas marcas, evidenciamos as imagens e as caricaturas dos convites analisados, que geraram um contraste, distanciando-se do estilo tradicional e alinhando-se à descontração e ao humor – geradas, sobretudo, pelas caricaturas dos noivos nos convites de casamento. As caricaturas, além de serem extremamente personalizadas, são únicas. Do mesmo modo, observamos a escolha das imagens e símbolos nos convites que reflete o estilo dos casais, com

suas diferentes visões de mundo (estilos: tradicional, elegante, divertido, aventureiro, ecológico e tecnológico), gerando emoções ao seu interlocutor.

Os avanços nos recursos tecnológicos estimularam nos últimos tempos casais a elaborarem os seus próprios convites de casamento, que antes eram apenas elaborados por gráficas. Um dos principais motivos de os noivos optarem pela criação dos convites artesanais é a economia que isso gera em vista de serem elaborados por uma gráfica. Além de poder fazer parte desse momento único da celebração, a criação dos convites artesanais proporciona uma redução de custos para o casal no final do orçamento do evento.

Outra tendência em relação aos convites de casamento, com o uso das tecnologias, são os vídeos convites e os convites *online*, pois, além de reduzirem gastos com papelaria, em tempos de crise econômica, esse modelo se torna sustentável ecologicamente ao não prejudicar o meio ambiente. Além do mais, facilita a agilidade da entrega, pois com apenas um clique os noivos podem encaminhar, por meio das plataformas digitais, os seus convites de uma só vez para todos os convidados. Desse modo, os avanços tecnológicos contribuíram para a propagação do meio de circulação dos convites de casamento analisados.

O conteúdo temático presente nos textos-enunciados é o próprio casamento, a união de duas pessoas que se amam, independentemente da religião, cultura, gênero ou crenças dos noivos. As diferentes linguagens, escritas, cores, imagens e símbolos com distintas significações expressam os estilos dos noivos e relacionam a suas emoções para esse dia especial.

Podemos concluir que houve mudanças significativas de relacionamento afetivo na sociedade, que tem passado por transformações e processos de construção familiar: de uma sociedade com valores mais conservadores para uma sociedade mais criativa e aberta para novos amores. No entanto, o grande tema que é a união de duas pessoas que se amam permanece, cada indivíduo tem a sua linguagem do que é o amor e esse sentimento passa a ter mais direitos de escolhas. O rito do casamento para novos casais que vêm surgindo é uma passagem para formarem novas famílias.

Assim, encerramos a análise dos dez convites de casamento, em resposta à seguinte pergunta da pesquisa: **Como seriam as dimensões extraverbal e verbovisual do convite de casamento, à luz da perspectiva bakhtiniana dos gêneros do discurso?** Também em atendimento ao terceiro objetivo específico: identificar as dimensões extraverbal e verbovisual de enunciados do gênero discursivo convite de casamento. A partir de tudo o que foi analisado/discutido, chega a hora de abordar, no último capítulo, uma possível proposta didática para o gênero discursivo convite de casamento.

5. “A CERIMÔNIA”: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O GÊNERO DISCURSIVO CONVITE DE CASAMENTO

O quinto e último capítulo apresenta possíveis caminhos didáticos para o ensino do gênero discursivo convite de casamento para aulas de Língua Portuguesa no ensino médio, fundamentados na Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 1991; 2013; 2019) e na proposta didática de Lunardelli (2021), específica para os gêneros do discurso. Os caminhos realizados nos capítulos anteriores chegam finalmente à construção da nossa proposta didática, composta de seis etapas. Trata-se da “cerimônia”, em que os nubentes e todos os convidados estão presentes e dela participam.

5.1 Entre fundamentos e modelos, uma proposição

Primeiramente, destacamos aqui que o gênero discursivo convite na BNCC aparece no trabalho com as Práticas de Linguagem em Língua Portuguesa, para as turmas iniciais do Ensino Fundamental. Salientamos ainda que o gênero discursivo convite de casamento não aparece de modo específico na BNCC (2018), nos campos de atuação social propostos para contextualizar as Práticas de Linguagem em Língua Portuguesa no EM. No entanto, define as habilidades levando em conta a ampliação do repertório de gêneros, como se segue:

(EM13LP01) Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações.

(EM13LP02) Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na leitura/escuta, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.) (BRASIL, 2018, p. 506)

De acordo com o Currículo da Rede Estadual Paranaense – CREP (2019), o Estado do Paraná implementou a BNCC por meio do Referencial Curricular do Paraná. O CREP tem como objetivo complementar e reorganizar tal Referencial, abordando as principais necessidades e características da nossa rede de ensino à luz da BNCC. O documento normativo é de caráter obrigatório para a elaboração das demais propostas pedagógicas em todas as escolas da educação básica e suas modalidades da rede de ensino estadual paranaense.

O desenvolvimento dos objetivos de aprendizagem/das habilidades em Língua Portuguesa (anos finais do Ensino Fundamental) prevê tanto momentos de trabalho específico com uma das práticas de linguagem quanto momentos de abordagem integrada de algumas, ou de todas, como se vê:

- Na prática da **leitura/escuta**, compreendida como um ato dialógico, no qual o leitor e o autor se constroem com o texto e pelo texto, na produção de sentidos, as condições de produção, recepção e circulação dos textos devem ser objetos de reflexões, e as análises devem compreender tanto o verbal quanto o não verbal como elementos indissociáveis.
- Na prática da **oralidade**, o trabalho deve ser planejado com textos orais sistematizados, que exigem do(a) estudante planejamento de fala e adequação discursiva ao gênero proposto, de acordo com sua finalidade e seu contexto de produção e uso. É nessa prática que a exploração da variação linguística é mais acentuada, considerando-se a diversidade de práticas orais de usos da linguagem.
- Na **produção textual**, o trabalho deve compreender o planejamento, a escrita, a revisão, a reescrita, a edição e a publicação, visando à reflexão sobre cada uma dessas práticas e o cumprimento do objetivo específico de cada gênero: informar, advertir, argumentar, propor, dialogar, divertir, compartilhar ideias, etc.
- Na prática de **análise linguística/semiótica**, a exploração dos aspectos do estilo dos textos deve considerar suas finalidades comunicativas, os contextos de produção, interlocutores, suporte, vozes sociais entre outros, para que as reflexões não se fixem apenas em nomenclaturas gramaticais e regras, mas nos fatos essenciais sobre o funcionamento da língua. [...] (PARANÁ, 2019, p. 8)

Com base nessas habilidades, apontadas na BNCC, e no trabalho com as práticas de linguagem, expostas pelo CREP, atribuímos à nossa proposta didática o trabalho com a ampliação do repertório de gêneros, neste caso o gênero discursivo convite de casamento. Previsto para as aulas de Língua Portuguesa no EM, é possível aplicar tal proposta em turmas do 9º ano do ensino fundamental II; no entanto, caberia ao professor adaptar de acordo com sua

turma. Para esta dissertação, as etapas com o gênero em específico são consideradas para o EM, as quais são explicitadas a seguir.

Nesse processo de didatização do gênero discursivo convite de casamento, inspiramo-nos nas seguintes referências iniciais: i) o modelo didático do Grupo Graphe – Grupo de Assessoria, Pesquisa e Formação em Escrita, coordenado pela prof^a Dr^a Roxane Rojo, em especial a coleção *Trabalhando com os gêneros do discurso*, entre os anos de 2001 e 2003, esta coordenada pela prof^a Jacqueline Barbosa (um exemplo seria o gênero conto de fadas: GAGLIARDI; AMARAL, 2001); ii) os diversos exemplos de atividades para o trabalho com os gêneros discursivos em sala de aula, por Rojo e Barbosa (2015); e iii) os módulos didáticos de Lopes-Rossi (2006; 2015). Consideremos cada uma delas²³.

i) O modelo didático do Grupo Graphe: os seis livros da coleção, consagrados a seis gêneros discursivos – conto de fadas, narrativa de enigma, receita culinária, fábulas, carta de solicitação/reclamação e notícia –, apresentam basicamente a mesma abordagem: i) reconhecimento do gênero; ii) leituras de diversos textos do mesmo gênero; iii) sócio-história do gênero; iv) as dimensões tema, forma composicional e marcas linguístico-enunciativas; e v) escrita e reescrita de textos do gênero (GAGLIARDI; AMARAL, 2001).

ii) Os diversos exemplos de atividades para o trabalho com os gêneros discursivos em sala de aula, por Rojo e Barbosa (2015). As autoras abordam conceitos sobre Pós-modernidade, Modernidade e Hipermodernidade relacionando as transformações pelas quais o mundo passou e necessidades de novas formas de participação e interação social, conseqüentemente, novas maneiras de produzir enunciados/textos. Em consonância com as autoras, sustentamos que, mesmo com mudanças tão pronunciadas, “a teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin não somente ainda é potente para a análise desses enunciados, como talvez nunca tenha encontrado expressão tão clara de seus mecanismos dialógicos” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 116). Além disso, as estudiosas expõem as influências das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) e das culturas em rede, explicitando suas esferas de atividade, gêneros e ferramentas de produção.

No que se refere às relações entre o conceito de gêneros discursivos e o ensino de Língua Portuguesa, Rojo e Barbosa (2015) ressaltam o quanto o ambiente escolar não considera os gêneros circulantes atualmente na cultura de massa e em ambientes digitais, mas valoriza aqueles da cultura considerada erudita. Assim, para as autoras, o estudo predominante e exclusivo da “forma” do gênero discursivo, trabalhado habitualmente pela escola e pelos

²³ Ressaltamos que tais textos e autoras serviram-nos de inspiração inicial, não fundamentando nossa proposição.

materiais didáticos, não colabora muito para o percurso formativo de “um leitor/interlocutor/autor crítico e cidadão” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 83). Nesse sentido, a proposta didática de ensino do gênero discursivo convite de casamento para as aulas de Língua Portuguesa no EM visa contribuir para que sejam abordadas práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística por meio desses textos-enunciados.

Cabe ao professor aprofundar a análise sobre as linguagens e seus funcionamentos por meio da ampliação dos gêneros discursivos em sala de aula com mais criatividade, engajando os seus alunos para que haja realmente participação não só em sala de aula, mas no contexto geral da escola como um todo, pois, muitas vezes, o aluno não tem voz nem autonomia no próprio contexto escolar.

No que concerne às esferas de atividade humana, segundo Rojo e Barbosa (2015), na teoria bakhtiniana, elas não são estáticas nem estaques, uma vez que se alteram tendo em vista as questões históricas, sociais e culturais, e estão em constante processo de relação e influência. Portanto, o gênero discursivo convite de casamento, que pertence à esfera da atividade humana cotidiana, adequa-se à sala de aula, possibilitando não apenas o trabalho com a prática de análise linguística, mas também o pensar reflexivo histórico, social e cultural de um determinado cronotopo.

iii) Os módulos didáticos de Lopes-Rossi (2006; 2015), os quais podem se constituir em projetos pedagógicos: Módulo didático 1: Leitura para apropriação das características típicas do gênero discursivo que será produzido; Módulo didático 2: Produção escrita do gênero de acordo com suas condições de produção típicas; Módulo didático 3: Divulgação ao público, de acordo com a forma típica de circulação do gênero, das produções dos alunos. A aplicação desses módulos possibilita séries de atividades de leitura, produção escrita e providências para a publicação. A seguir, apresentamos o quadro dos módulos didáticos:

Quadro 6 – Esquema geral de projeto para produção escrita de gêneros discursivos na escola

| Objetivo final do projeto: Produção de ... (especificar o gênero) para... (definir o público-alvo) | |
|--|---|
| Módulos didáticos | Sequências didáticas elaboradas visando a |
| Módulo 1 Leitura para apropriação das características típicas do gênero discursivo | Leitura detalhada de vários exemplares do gênero para conhecimento de suas características sociocomunicativas e composicionais (verbais e visuais), de sua organização retórica e de seu estilo. |
| Módulo 2 Produção escrita do gênero de acordo com suas condições de produção típicas | Reprodução, tanto quanto possível, do modo de produção do gênero nas situações não escolares: <ul style="list-style-type: none"> • Planejamento da produção (definição do assunto, esboço geral, forma de obtenção de informações, recursos necessários) |

| | |
|--|--|
| | <p>Coleta de informações</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produção da primeira versão de acordo com movimentos retóricos típicos do gênero (ou possíveis, caso não haja um padrão) • Correção colaborativa do texto, indicando aspectos a ser melhorados • Produção da segunda versão, atendendo às indicações da correção • Revisão final do texto • Digitação e diagramação da versão final, de acordo com o suporte para circulação. |
| <p>Módulo 3 Divulgação ao público, de acordo com a forma típica de circulação do gênero</p> | |

Fonte: Lopes-Rossi (2015).

A partir desses módulos didáticos, escolhemos trabalhar com mais ênfase o módulo de leitura na proposta didática de ensino do gênero discursivo convite de casamento para as aulas de Língua Portuguesa no EM, bem como o módulo de produção escrita do gênero, buscando explorar a análise linguística e a criatividade dos alunos por meio da escrita e reescrita de convites de casamento. O módulo de divulgação ao público ficaria ao encargo do professor em conjunto com os alunos, para divulgar ou não essas produções de acordo com as necessidades de cada evento de divulgação do meio escolar.

Dadas essas referências iniciais – relacionadas aqui brevemente e as quais nos inspiraram –, optamos por construir nossa proposta didática para o gênero discursivo convite de casamento a partir dos fundamentos didáticos da Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 1991; 2013; 2019; GALVÃO; LAVOURA; MARTINS, 2019) e da proposta didática para gêneros do discurso, por Lunardelli (2021).

Para a PHC, “os conteúdos históricos sempre serão importantes e, de certo ângulo, determinantes, porque é pelo caminho deles que se apreende a perspectiva histórica, o modo de situar-se historicamente” (SAVIANI, 2013, p. 123). Assim, a PHC busca compreender a educação no seu desenvolvimento histórico-objetivo, estabelecendo-se no processo de transformação histórica e assumindo um compromisso com a transformação social em defesa dos interesses populares dos dominados.

Conforme citamos no capítulo 1 desta dissertação, tratamos os 5 passos da PHC de forma não categórica, alinhando-nos aos fundamentos didáticos propostos por Galvão, Lavoura e Martins (2019), quais sejam:

i) a consideração da dimensão ontológica da atividade didática: o ato de ensinar como atividade humana é um caminho seguro e coesivo para recolocar a dimensão ontológica no trabalho educativo nuclear da didática histórico-crítica;

ii) a transmissão de conhecimentos como núcleo essencial do método pedagógico: assumir a transmissão de conhecimentos como intencionalidade pedagógica do ato de ensinar histórico-crítico não significa um retorno aos métodos tradicionais de ensino, mas sim como eixo essencial da didática elevando-a a uma dimensão superior ao método pedagógico;

iii) o pleno domínio do objeto de ensino pelo professor, e seus respectivos conteúdos, de modo que possa organizar, sistematizar e realizar as melhores formas de ensino: a didática histórico-crítica adequa-se em um processo de transmissão e assimilação do saber escolar que determina a formação e o desenvolvimento de formas superiores e elevadas de conhecimento;

iv) a lógica dialética como condutora da dinâmica do ensino: por meio de um eixo e de uma dinâmica pautados na lógica dialética do ato de ensinar, possibilita-se que os professores questionem e reflitam a respeito da importância daquilo que ensinam aos alunos, destacando a função social de sua prática de ensino; e

v) o reconhecimento do ensino e da aprendizagem como percursos lógico-metodológicos contraditórios e inversos, no interior de um único movimento: o percurso lógico da aprendizagem identifica-se com o movimento da apropriação do conhecimento que, do ponto de vista metodológico, tem como horizonte imediato o concreto empírico.

Desse modo, a PHC toma como perspectiva metodológica a epistemologia materialista histórico-dialética, da qual busca-se refletir no processo em que se desdobra a escola, em especial, a pública, na defesa ao acesso da classe trabalhadora ao patrimônio cultural humano historicamente desenvolvido, que assume seu papel de socialização dos conhecimentos sistematizados.

Com base nesses pressupostos levantados, procuramos assinalar as contribuições da perspectiva didático-pedagógica no que tange ao conceito de gênero discursivo de Bakhtin e seu Círculo para o ensino do convite de casamento, nas aulas de Língua Portuguesa. O ensino de tal gênero discursivo destaca a necessidade de um trabalho sistemático e intencional que possibilite a conscientização do gênero como unidade que constitui forma, estilo e tema, visando às manifestações concretas dos enunciados, por meio de saberes de uma sociedade historicamente situada.

Por fim, para a elaboração de nossa proposição didática, fundamentamo-nos em Lunardelli (2021). Optamos por apresentar brevemente a proposta didática da autora, a qual abarcou 5 grandes encontros – pequenas unidades ou conjuntos de aulas, executado no estágio

supervisionado de Língua Portuguesa para o trabalho com o gênero discursivo haicai brasileiro infantil, no 6º ano do ensino fundamental II, exemplificado a seguir:

- 1) Revisitação do poema, com o uso de diferentes gêneros poéticos e variados poemas, a fim de identificar a esfera artístico-literária, a dimensão social dos enunciados e revisar elementos estruturais – versos, estrofes, ritmos, rimas;
- 2) Reconhecimento do haicai brasileiro infantil, suas características gerais e diferenças entre outros gêneros poéticos, com leituras de diversos haicais infantis;
- 3) Dimensão histórica do gênero, com o intuito de ampliar a discussão sobre aspectos histórico-culturais que caracterizam o haicai, com o estudo do *haiku* japonês e o haicai brasileiro;
- 4) Práticas de leitura, análise linguística e escrita de textos, com o estudo dos haicais de Ângela Leite de Souza, Edméa Campbells, Maria Valéria Rezende e Zivaldo, considerando autoria (biografias), estilos autorais e estilos do gênero;
- 5) Escrita e reescrita de haicais, para publicização em sala de aula e posterior publicação em suportes físicos variados (cadernos, mural, blogs). (LUNARDELLI, 2021, p. 503-504)

Dessa forma, aproveitamos a proposta de Lunardelli (2021), no que concerne aos cinco grandes encontros: i) Revisitação do gênero; ii) Reconhecimento do gênero; iii) Dimensão histórica do gênero; iv) Práticas de leitura, análise linguística e escrita; e v) Atividades de escrita e reescrita. Adaptamos tal proposta para nossa proposição didática, dividida em 6 etapas explicitadas a seguir:

Etapa 1 – Revisitação do convite

Na primeira etapa, os aulas irão identificar os conhecimentos que eles já sabem dos convites, de maneira geral, por meio da leitura de vários exemplares de convites, construindo uma relação dialogal/discursiva com os alunos. Podemos sinalizar que essa primeira etapa caracteriza a prática social inicial²⁴, apresentada pela PHC, comum a professores e alunos nesse momento: enquanto o professor tem uma compreensão sintética precária, alunos encontram-se em uma visão sincrética do todo do conhecimento que será aprendido. Para o desenvolvimento dessa etapa, propõe-se para o docente trabalhar de 2 a 3 aulas.

No sentido de aproximar aos alunos às práticas cotidianas, ligadas ao ato de convidar, e às práticas linguístico-enunciativas empregadas em convites, sugerimos as seguintes atividades:

- i) Identificação do conhecimento sobre o gênero, pelos alunos, a fim de reconhecerem a função

²⁴ Entendemos, assim como Lunardelli (2020; 2021), que as práticas sociais vão e vêm no decorrer das aulas, não se estabelecendo somente no início das etapas, mas percorrendo todas elas.

social de um convite; ii) Identificação do objetivo de cada convite, com o uso de diversos modelos, por meio de leitura detalhada; iii) Revisão de elementos do convite: nome do destinatário, mensagem (descrição do evento), local, data e horário do evento, remetente, traje a ser usado (quando houver); iv) Compreensão basilar do gênero: conteúdo temático, estrutura composicional e marcas linguístico-enunciativas; e v) Reconhecimento do gênero convite como instrumento de expressão e comunicação específico para diversos contextos sociais.

Etapa 2 – Reconhecimento do gênero convite de casamento

A partir dessa etapa, o enfoque das atividades se dará exclusivamente ao gênero discursivo convite de casamento, com o uso de vários exemplares de convites de casamento. Na segunda etapa, podemos encontrar o início da problematização, que terá continuidade à terceira etapa: a prática social será analisada, como já mencionamos nesta dissertação, confrontando-se o conteúdo para identificar os problemas centrais e suas condições de aplicação social, bem como quais abordagens do conteúdo são fundamentais.

Para o desenvolvimento dessa etapa, propõe-se para o docente trabalhar de 3 a 4 aulas, para que ocorra uma reflexão sobre o uso de marcas linguístico-enunciativas peculiares do gênero discursivo convite de casamento. Sugerimos: i) Por meio de textos de outros gêneros, identificação preliminar das características dos textos do gênero; ii) Leitura detalhada da estrutura composicional: nome dos noivos, nome dos pais dos noivos (quando houver), nome do local e endereço – da cerimônia e da festa (se aconteceram em lugares diferentes), data e horário do evento, informações de RSVP (confirmação de presença), site do casamento (quando houver); e iii) Discussão sobre o conteúdo temático: o amor, as famílias, o evento. Desse modo, promovendo uma reflexão sobre a construção de sentidos do texto-enunciado dos convites de casamento, e contribuindo para a leitura e o aprimoramento da análise linguística.

Etapa 3 – Estudo da dimensão histórico-social do convite de casamento

Nessa etapa, será trabalhado o contexto sócio-histórico do casamento e do gênero discursivo convite de casamento, de que modo são produzidos socialmente e preservados historicamente. Trata-se da continuação da problematização, no que se refere a conhecimentos necessários para a apropriação de teorias/práticas. E também da aplicação do módulo de leitura de Lopes-Rossi – nessa etapa, o professor poderia levar para a sala de aula textos sobre a história do convite de casamento, gerando discussões a respeito do contexto sócio-histórico.

Propõe-se para o docente trabalhar de 5 a 6 aulas, com as seguintes atividades: i) Dimensão histórica do gênero: reflexão sobre o casamento ser um evento cercado de tradições

que se formaram ao longo da história; ii) Debates sobre o contexto sócio-histórico do casamento e do gênero discursivo convite de casamento; e iii) Discussão sobre a esfera em que o gênero se encontra.

Etapa 4 – Estudo das dimensões extraverbal e verbovisual do convite de casamento

Na etapa 4, serão trabalhadas as dimensões extraverbal e verbovisual do convite de casamento. Nessa etapa, podemos nos referir ao processo de instrumentalização da PHC, na transmissão e assimilação do saber escolar, com o pleno domínio do objeto de ensino pelo professor.

Propõe-se para o docente trabalhar de 8 a 10 aulas de forma bem detalhada, com a caracterização do gênero discursivo convite de casamento, em suas dimensões bakhtinianas, com uso de diversos enunciados concretos pertencentes ao gênero, pelas práticas discursivas de leitura, escrita, oralidade e análise linguístico-enunciativa, observando: a dimensão social – extraverbal e a dimensão verbal – verbovisual.

Sugerimos as possíveis atividades: i) Aplicação do módulo de leitura de Lopes-Rossi, utilizando estratégias de leitura: silenciosa, em voz alta, dramatizada; ii) Compreensão oral/escrita do texto: a) contexto de produção/circulação/ recepção; b) conteúdos temáticos; iii) Análise da estrutura composicional; e iv) Análise das marcas linguístico-enunciativas (prática de análise linguística).

Por meio da aplicação do módulo de leitura, os alunos irão apropriar-se do conhecimento do gênero discursivo e aprofundar os seus conhecimentos das práticas de linguagem do gênero discursivo convite de casamento e suas posições ideológicas, no desenvolver do estudo de cada etapa.

Etapa 5 – Escrita e reescrita dos convites de casamento

A etapa 5 trata da escrita e reescrita dos convites de casamento, é o momento de explorar a criatividade dos alunos e o seu posicionamento social de uma realidade concreta, por meio da produção de um convite de casamento, considerando a situação comunicativa e as características de um convite. Dessa forma, é possível associá-la à catarse da PHC, que se configura na expressão da aprendizagem do conteúdo pelo aluno. É no momento catártico que a assimilação e incorporação dos instrumentos culturais pelos alunos ficam evidenciadas, embora elas ocorram durante todo o processo de ensino-aprendizagem, promovendo mudanças em indivíduos ativos de transformação social.

Para essa etapa propõe-se para o docente trabalhar de 4 a 6 aulas. O professor em conjunto com os alunos pode explorar dois personagens da Literatura Brasileira entre outros e propor aos alunos criarem os convites de casamento desses personagens. Seriam atividades voltadas para: i) compreensão leitora; ii) produção de textos; iii) exposição oral; iv) atividades relacionadas às esferas/campos de atividade humana, segundo Rojo e Barbosa (2015); e v) continuação do módulo de leitura.

Etapa 6 – Publicização das atividades

A sexta etapa é opcional, refere-se à publicização do gênero convite de casamento, acerca dos trabalhos realizados na etapa anterior. Uma forma de valorizar a criatividade dos alunos e socializar o gênero é a divulgação desses trabalhos, que podem ser por meio de eventos da escola, projetos interdisciplinares, jornal escolar, feiras culturais, redes sociais do colégio etc. Essa etapa pode remeter à prática social final, a prática social como ponto de partida e de chegada. Os alunos atingem o nível sintético, reduz-se a precariedade da síntese do professor, o movimento de assimilação dos conhecimentos vai da síncrese à síntese: o movimento da apropriação do conhecimento.

Como essa etapa é opcional, a quantia de aulas a serem trabalhadas irá depender de como o docente e os alunos vão escolher divulgar esses trabalhos, podendo gerar de 4 a 6 aulas. Nessa etapa, a intenção é a transformação do conhecimento adquirido pelos alunos em intervenções sociais e reais e ações com as práticas cotidianas.

Essas ações dos alunos recuperam culturas e contextos dos quais não são discutidos e valorizados no contexto escolar, sobretudo em relação ao gênero discursivo convite de casamento e o próprio casamento.

No quadro a seguir, apresentamos o esquema geral da proposta didática explanada:

Quadro 7 – Esquema geral da proposta didática do gênero discursivo convite de casamento para aulas de Língua Portuguesa

| Estudo do gênero discursivo convite de casamento | |
|---|--|
| Etapas didáticas | Possíveis atividades |
| <p>Etapa 1 – Revisitação do convite (geral)</p> <p>Identificação dos conhecimentos que os alunos já sabem dos convites, de maneira geral, com o uso de vários exemplares de convite.</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Identificação do conhecimento sobre o gênero; • Identificação do objetivo de cada convite; • Revisão dos elementos: nome do destinatário, mensagem (descrição do evento), local, data e horário do evento, remetente, traje a ser usado (quando houver); • Compreensão dos conteúdos temáticos do gênero; |

| | |
|---|--|
| | <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento do gênero convite como instrumento de comunicação específico para diversos contextos sociais. |
| <p>Etapa 2 – Reconhecimento do gênero convite de casamento</p> <p>Leitura inicial da estrutura composicional e das marcas linguístico-enunciativas peculiares do gênero discursivo convite de casamento, com o uso de vários exemplares.</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Por meio de textos de outros gêneros, identificação preliminar das características dos textos do gênero; • Discussão sobre a organização do conteúdo temático, estrutura composicional e marcas de linguagem (dimensão verbovisual do texto-enunciado). |
| <p>Etapa 3 – Estudo da dimensão histórico-social do convite de casamento</p> <p>Leitura e discussões sobre o contexto sócio-histórico do casamento e do gênero discursivo convite de casamento.</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Discussão sobre a esfera em que o gênero se encontra; • Dimensão histórica do gênero discursivo convite de casamento; • Reflexão sobre o casamento – evento cercado de tradições que se formaram ao longo da história; |
| <p>Etapa 4 – Estudo das dimensões extraverbal e verbovisual do convite de casamento</p> <p>Práticas discursivas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística.</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Estudo do gênero discursivo convite de casamento, observando: a dimensão extraverbal e a dimensão verbovisual dos enunciados; • Aplicação de estratégias de leitura: silenciosa, em voz alta, dramatizada; • Compreensão oral/escrita do texto: a) contexto de produção/circulação/recepção; b) conteúdos temáticos; c) estrutura composicional; e d) marcas linguístico-enunciativas (análise linguística). |
| <p>Etapa 5 – Escrita e reescrita dos convites de casamento</p> <p>Momento de explorar a criatividade dos alunos e o seu posicionamento social de uma realidade concreta, por meio da produção de um convite de casamento.</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Estudo de dois personagens da Literatura Brasileira, entre outros, e criação de convites de casamento desses personagens. Atividades voltadas para: <ul style="list-style-type: none"> • Compreensão leitora; • Produção escrita e reescrita de textos; • Exposição oral. |
| <p>Etapa 6 – Publicização das atividades (opcional)</p> <p>Publicização dos trabalhos realizados na etapa anterior acerca do gênero convite de casamento.</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Divulgação dos trabalhos, por meio de eventos, projetos interdisciplinares, jornal escolar, feiras culturais, redes sociais etc. • Possíveis atividades que podem ser feitas em práticas sociais dentro e fora da escola. |

Fonte: Produção da autora.

Em suma, a nossa proposição, adaptada de Lunardelli (2021), apresenta caminhos didáticos para o ensino do gênero discursivo convite de casamento, divididos em 6 etapas, a serem desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa no EM. Por meio desse gênero discursivo, o professor levará aos alunos a refletirem sobre o trabalho com a prática de análise linguística

no seu contexto, analisando o gênero no que concerne a conteúdo temático, estrutura composicional, marcas de linguagem e contexto sócio-histórico – portanto, as dimensões extraverbal e verbovisual dos textos-enunciados. Nesse sentido, as 6 etapas serão momentos articulados, em movimento dialético, as quais serão aprofundadas a seguir.

5.2 Nas aulas de Língua Portuguesa, o convite de casamento

Seguindo com nossa proposta didática, apresentamos caminhos para o ensino do gênero discursivo convite de casamento, divididos em etapas – cada etapa desdobra-se em várias aulas. Elas não são lineares, podem ir e voltar, guiadas por questões norteadoras²⁵ que instigam a elaboração de atividades em leitura, escrita, oralidade e análise linguística.

Os exemplos de atividades são aqui propostos para o trabalho com os convites de casamento analisados no capítulo 4 desta dissertação. Estamos dando possibilidades para o professor trabalhar com o gênero discursivo convite de casamento em sala de aula, cabendo-lhe realizar o seu próprio banco de convites de casamento, a fim de analisá-los em suas aulas de Língua Portuguesa. Ademais, desde as primeiras etapas da proposta didática, o professor pode resgatar os convites de casamento das famílias dos alunos, para que eles possam também realizar as análises e o resgate cultural de seus contextos familiares.

Em relação à quantidade de aulas, sugerimos ao docente trabalhar em cada etapa:

Etapa 1 – Revisitação do convite – 2-3 aulas;

Etapa 2 – Reconhecimento do gênero convite de casamento – 3-4 aulas;

Etapa 3 – Estudo da dimensão histórico-social do convite de casamento – 5-6 aulas;

Etapa 4 – Estudo das dimensões extraverbal e verbovisual do convite de casamento – 8-10 aulas;

Etapa 5 – Escrita e reescrita dos convites de casamento – 4-6 aulas;

Etapa 6 – Publicização das atividades – como essa etapa é opcional, a quantidade de aulas dependerá de como o docente e os alunos vão escolher divulgar esses trabalhos, podendo gerar de 4 a 6 aulas.

²⁵ Aproveitamos algumas questões norteadoras do nosso Plano de Trabalho Docente sobre o convite de casamento, elaborado no projeto de extensão *Grupo de Estudos sobre Gêneros Discursivo e Plano de Trabalho Docente*, coordenado pela profa. Dra. Mariangela Garcia Lunardelli. E também dos questionamentos propostos por Costa-Hübes (2017) para as dimensões extraverbal e verbovisual do texto-enunciado, expostos no capítulo 1.

Vale enfatizar que a quantia de aulas a serem desenvolvidas em cada etapa da proposta didática dependerá do contexto geral da turma, de como o docente irá desenvolvê-las no processo de ensino-aprendizagem.

As questões norteadoras poderão se concretizar de diversas formas e estratégias, por exemplo: uso de uma caixa contendo perguntas, debates de ideias sobre o tema desenvolvido em cada etapa, pesquisa na internet por equipes (o casamento em outras culturas, com síntese escrita das pesquisas e apresentação para a turma). De modo geral, as questões norteadoras instigam as práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística, as quais guiam as discussões mediadas pelo docente. A partir de então, o professor poderá trabalhar com a linguagem, por meio do contexto sócio-histórico-ideológico em que se insere o gênero discursivo convite de casamento.

Etapa 1 – Revisitação do convite

A primeira etapa refere-se à revisitação dos convites, cujas questões norteadoras poderiam ser as seguintes:

Questões norteadoras

- a. O que os alunos já sabem sobre os convites?
- b. O que é convidar?
- c. Quais são as variedades de convites?
- d. Qual é o conteúdo temático dos convites?
- d. Quem convida? A quem se convida?
- e. Por que se convida?
- f. Existem convites pagos?
- g. Qual esfera de atividade humana pertence o gênero convite (exemplos: jurídica, jornalística, cotidiana, escolar, trabalho)?
- h. Quais marcas de linguagem geralmente são encontradas nos convites (exemplos: pronomes de tratamento, verbos no futuro, o uso da ênclise e do infinitivo, linguagem formal ou informal, horário e data escritos por extenso ou na forma numérica)?
- i. Quais são os meios de circulação, produção e recepção dos convites?
- j. Como o tempo e espaço dos convites modificam-se em função das valorações sociais?
- j. O que mais os alunos gostariam de saber sobre os convites?

Nesses questionamentos, é possível iniciar uma conversa informal com os alunos, para introduzir o tema sobre o gênero convite. Em seguida, o professor pode distribuir recortes de textos de diferentes convites, dentre eles, o convite de casamento para que os alunos

identifiquem do que se trata cada convite. Discutir com os alunos a respeito da importância do convite, o contexto de produção/recepção, se cada convite é pessoal (convida pessoas específicas) ou impessoal (convida a todos de determinado meio), a organização dos convites, a linguagem, a importância das imagens e cores, os tipos de letra, as letras destacadas, semelhanças e diferenças entre eles.

Para o desenvolvimento dessa etapa, o professor pode selecionar diferentes convites, para que haja a compreensão dos alunos referente ao conteúdo temático, estrutura composicional e marcas linguístico-enunciativas do gênero, bem como para reconhecerem o gênero convite como forma de comunicação específica para diversos contextos sociais.

Etapa 2 – Reconhecimento do gênero discursivo convite de casamento

Na segunda etapa, o enfoque das atividades será para o gênero discursivo convite de casamento, com o uso de vários enunciados do gênero. Ao longo das etapas, iremos aproveitar os dez convites²⁶ de casamento analisados no capítulo 4 desta dissertação. Para essa etapa especificamente, utilizamos os convites de casamento analisados no capítulo 4: convite de casamento – família “Diamante” – pais (1958), convite de casamento – família “Diamante” – neto (2009), convite de casamento – família “Rubi” – filho (2016). Escolhemos esses exemplos nessa etapa, em razão de certas características: 1 – a família tradicional; 2 – a gravura caricatural dos noivos/humor e a criatividade, 3 – a sociedade mais conectada com a tecnologia/empresas que celebram casamentos e criam convites. Esses elementos nos convites serão interessantes para o reconhecimento do gênero discursivo convite de casamento. A seguir, apresentamos as questões norteadoras dessa etapa:

Questões norteadoras

Questões sobre convites de casamento de forma geral

- a. Por que estudar convite de casamento?
- b. Que dificuldades há para ler e analisar um convite de casamento?
- c. O que diferencia o convite de outros gêneros?

Questões específicas para os 3 convites de casamento selecionados

- d. Que espaço-tempo circula o gênero?
- e. Quem convida?
- f. Quais são os pronomes de tratamento usados nos convites?

²⁶ Optamos por não inserir novamente os dez convites de casamento analisados no capítulo 4 por uma questão de espaço e de custos para os convites coloridos.

- g. Existem palavras hoje consideradas arcaicas?
- h. A linguagem é formal ou informal?
- i. Como o discurso nos convites responde à realidade social em seu tempo-espaço?
- j. Como a linguagem visual (não verbal) nos convites de casamento constroem uma relação ideológica? (Cores, imagens, escrita etc.)
- k. Que imagem dos indivíduos podemos construir por meio das diferentes linguagens inseridas nos convites de casamento?
- l. De que modo o texto dos convites traz marcas históricas em dado tempo-espaço?
- m. Houve inovações nos convites?
- n. Que realidade social identificamos, por meio do texto e da linguagem visual (não verbal) nos convites de casamento? (Cores, imagens, escrita etc.)
- o. De que modo identificamos os avanços tecnológicos na sociedade, por meio do texto escrito nos convites de casamento?

Essas questões norteadoras focalizam a discussão sobre a esfera em que o gênero se encontra, no que concerne à dimensão verbovisual dos textos-enunciados selecionados de que forma esses discursos se organizam no contexto sócio-histórico dos casamentos.

Etapa 3 – Estudo da dimensão histórico-social do convite de casamento

A terceira etapa trata do contexto sócio-histórico do casamento e do próprio gênero discursivo convite de casamento, de que modo foram/são produzidos socialmente e preservados historicamente. Para essa etapa, utilizamos os convites de casamento analisados no capítulo 4, quais sejam: convite de casamento – família “Rubi” – pais (1977), convite de casamento – família “Rubi” – filha (2017), convite de casamento – família “Ônix” – tios (2018). Escolhemos esses exemplos nessa etapa, por apresentarem: 1 – a família tradicional; 2 – o casamento que sai da esfera religiosa/civil para um evento na praia; 3 – o casal homoafetivo/mudanças culturais significativas. Esses elementos nos convites serão interessantes nessa etapa para o reconhecimento da dimensão histórico-social do convite de casamento.

Sugerimos que professor elabore uma breve apresentação de *slides*, sobre o contexto sócio-histórico do casamento, da configuração das famílias no séc. XXI, e a respeito da história do convite de casamento. O professor pode fazer uma breve pesquisa na Internet para a elaboração de seus *slides*. Também poderia aproveitar as referências por nós apresentadas/discutidas nesta dissertação. Dessa forma, deve organizar debates com os alunos para que haja uma reflexão a respeito dos temas.

Questões norteadoras:

Questões sobre os casamentos e convites de casamento de forma geral

- a. Que espaço social e tempo constituiu-se o gênero discursivo convite de casamento?
- b. Que espaço social e tempo circulava o gênero discursivo convite de casamento?
- c. Quem escrevia os primeiros convites de casamento?
- d. Para quem era destinado esses convites?
- e. Hoje quem escreve convites de casamento?
- f. Por que antigamente o noivo não podia ver a noiva com o vestido antes da cerimônia? Nos dias atuais essa tradição ainda existe?

Questões específicas para os 3 convites de casamento selecionados

- g. Para quem é destinado esses convites?
- h. Qual o propósito desse gênero?
- i. Onde circula esse gênero?
- j. Quais os pronomes geralmente usados nos convites de casamento?
- k. A linguagem nesses convites de casamento é formal ou informal?
- l. Os convites de casamento pertencem a famílias tradicionais?
- m. Quem convida?
- n. Esses convites de casamento pertencem a esfera religiosa ou civil?
- o. Que imagem dos noivos identificamos, por meio da linguagem visual (não verbal) nos convites de casamento? (Cores, imagens, escrita etc.)
- p. De que modo essa linguagem visual (não verbal) se relaciona com o tema do casamento?
- q. Que inovações podemos identificar nesses convites de casamento?
- r. Que lições podemos tirar dessas culturas para compreender o casamento no contexto da vida moderna?
- p. No Brasil, casais homoafetivos têm os mesmos direitos que casais heterossexuais?
- s. Casais homoafetivos podem se casar na igreja?
- t. Quem pode celebrar casamento fora da igreja?

Essas questões norteadoras visam a uma reflexão sobre ser o casamento um evento cercado de tradições que se formaram ao longo da história, envolvendo costumes religiosos, traços de várias culturas e até superstições que se tornaram folclóricas. O professor pode trabalhar em sala de aula o contexto histórico do casamento e do gênero discursivo convite de casamento; também pode fazer discussões de como foi/é o casamento em outras culturas e outros povos. É possível mostrar vídeos sobre diferentes culturas de cerimônia de casamento,

slides a respeito de algumas curiosidades sobre casamento nessas diferentes culturas, compondo, inclusive, atividades interdisciplinares com as matérias de História e Sociologia.

Etapa 4 – Estudo das dimensões extraverbal e verbovisual do gênero discursivo convite de casamento

A quarta etapa trata das dimensões extraverbal e verbovisual do gênero discursivo convite de casamento, para a qual utilizamos 4 convites de casamento analisados no capítulo 4: convite de casamento – família “Diamante” – filho (1980), convite de casamento – família “Ônix” – sobrinha (2008), convite de casamento – família “Ônix” – sobrinho (2010), convite de casamento – família “Papel” – noivos (2021). Escolhemos esses exemplos, em razão de suas características: 1 – a família tradicional; 2 – a gravura caricatural dos noivos/humor e características da cultura gaúcha; 3 – o convite elaborado de maneira artesanal/elementos que remetem à natureza; 4 – a gravura caricatural do casal, noiva foge dos padrões de um vestido branco e enfrentamento à pandemia da Covid-19. Esses elementos nos convites são relevantes para o estudo das dimensões extraverbal e verbovisual do gênero discursivo convite de casamento

Nossa sugestão é a de que o docente trabalhe de forma bem detalhada as dimensões extraverbal e verbovisual dos enunciados mencionados, por meio das práticas de leitura e análise linguística de base dialógica.

Questões norteadoras:

- a. Quem convida?
- b. Quais são os elementos do texto verbal presentes no convite de casamento?
- c. Quais são os elementos da linguagem visual (não verbal), presentes no convite de casamento demarcam o tempo-espaço?
- d. Que imagem dos sujeitos a linguagem visual (não verbal) denota no convite de casamento?
- e. Como as questões (sociais, históricas, culturais, econômicas e políticas) denotam no convite de casamento?
- f. De que forma as questões ideológicas estão presentes no convite de casamento?
- h. Quais elementos da linguagem visual (não verbal) demarcam as práticas culturais no convite de casamento?
- i. O que é cultura gaúcha?
- j. Por que a noiva se casa de branco?
- k. Que inovações culturais trazem esses convites?
- l. Quais pronomes de tratamento evidenciamos nesses convites de casamento?

- m. A linguagem nesses convites de casamento é formal ou informal?
- n. Esses convites de casamento são modelos comprados ou elaborados artesanalmente?
- o. Que espaço social circulou esses convites de casamento?

Nessas questões norteadoras, destacamos a caracterização do gênero discursivo convite de casamento, via dimensões bakhtinianas, conteúdo temático único, estrutura composicional definida e marcas linguístico-enunciativas peculiares. Desse modo, o professor deve focalizar nessas dimensões para a apropriação do gênero pelos alunos, por meio da análise linguística de base dialógica, mediado pelo trabalho com o gênero discursivo convite de casamento.

Sugerimos ao professor que, além das questões norteadoras citadas, é possível oferecer outras atividades a seguir, como exemplos para a apropriação do gênero discursivo convite de casamento. No caso de Foz do Iguaçu, cidade onde moro e atuo como professora de Língua Inglesa e Língua Portuguesa, localizada na tríplice fronteira (Brasil, Paraguai e Argentina), consideramos a grande diversidade étnica, religiosa e cultural. O professor poderia resgatar os convites de casamento das famílias dos alunos e lhes fazer questionamentos sobre as dimensões culturais, sociais e históricas de um contexto real, vivenciado na cidade.

Desse modo, possibilitará que possa ser trabalhado o gênero discursivo, juntamente com o estudo e a análise das crenças dos povos, suas narrativas através de seus interlocutores, na esfera da ideologia do cotidiano. Por exemplo, por meio de outros convites de casamento trazidos pelos alunos, eles poderiam pesquisar: Como a “minha” família produziu esse convite de casamento? Como são produzidos na “minha” região (de fronteira) os convites de casamento?

Além disso, o professor pode chamar à atenção para o multilinguismo presente na região de fronteira, com o estudo dos convites em outras línguas. Um exemplo de pesquisa a ser solicitada seria o casamento em outras culturas: casamentos dos árabes, argentinos, paraguaios, chineses, haitianos.

Etapa 5 – Escrita e reescrita de convites de casamento

A quinta etapa trata da escrita e reescrita dos convites de casamento. É o momento de explorar a criatividade dos alunos e o seu posicionamento social de uma realidade concreta, por meio da produção de um convite de casamento, considerando a situação comunicativa e os elementos constitutivos de um convite.

Nessa etapa, não se trata do aluno produzir “seu” próprio convite de casamento, a atividade não se caracteriza como real, mas um texto para dar vazão à criatividade e ao estudo

de personagens da literatura, sobretudo aqueles estudados no EM e do contexto social dos alunos.

Após as atividades relacionadas à leitura, discussões e à análise linguística dos convites de casamento nas etapas anteriores, chega o momento de estimular a criatividade dos alunos, por meio da produção de um convite de casamento, para verificar se o texto de suas produções é capaz de cumprir com sua função social do ato de convidar de um convite e seus elementos constitutivos. O professor, em conjunto com os alunos, pode explorar dois casais da Literatura Brasileira e propor a eles de criarem os convites de casamento desses personagens. Eis alguns exemplos:

- Capitu e Bentinho (*Dom Casmurro*, Machado de Assis);
- Aurélia e Seixas (*Senhora*, José de Alencar);
- Bibiana Terra e Capitão Rodrigo Cambará (*O tempo e o vento*, Érico Veríssimo);
- Riobaldo e Diadorim (*Grande Sertão Veredas*, Guimarães Rosa);
- Peri e Ceci (*O guarani*, José de Alencar);
- Marília e Dirceu (*Marília de Dirceu*, Tomás Antônio Gonzaga).

Além dos exemplos citados, o professor pode explorar outras obras mundiais, personagens do cinema e das mídias no contexto geral que faz parte do cotidiano dos alunos. Eis alguns exemplos:

- Romeu e Julieta (*Romeu e Julieta*, William Shakespeare);
- Elizabeth e Darcy (*Orgulho e preconceito*, Jane Austen);
- August e Hazel (*A culpa é das estrelas*, John Green);
- Zeus e Hera (*Mitologia Grega*);
- Mulher Maravilha e Steve Trevor (*Mulher Maravilha*, Warner Bros. Pictures);
- Eduardo e Mônica (*Legião Urbana*);
- Isabella Swan e Edward Cullen (*Crepúsculo*, Stephenie Meyer);
- Harry Potter e Gina Weasley (*Harry Potter e as Relíquias da Morte*, J. K. Rowling);
- Arizona e Callie (*Grey's Anatomy*).

Após a escolha dos personagens, os alunos criarão os convites explorando a sua criatividade, atentando-se a: tipo de papel, cores, caricaturas; se será digital ou não. Nesse momento, ganha destaque, além da criatividade, o estudo das obras pelos alunos, a fim de identificarem o estilo dos casais, seu tempo-espço, suas famílias, seus convidados,

considerando a situação comunicativa, as características do convite, compreendendo as dimensões extraverbal e verbovisual desses enunciados.

Em relação à reescrita textual, sugerimos ao professor o trabalho realizado por Onofre (2021, p.151): “pensar no ensino da língua portuguesa a partir da concepção de texto-enunciado faz-nos perceber que as práticas de revisão e reescrita textuais não podem ser uma tarefa isolada.” Esse momento da reescrita dos convites configura-se em uma mediação individual do professor e aluno, na qual o aluno retoma e revisa sua produção escrita, conduzindo-o a superar as limitações que existem em seu texto, para uma reescrita que ajude os alunos a compreenderem os elementos constitutivos em seu texto-enunciado. Conforme pontua Onofre (2021, p.151), “a concepção de escrita como trabalho, como processo que não acaba na sua primeira versão, necessita ser orientada por alguém que conheça os limites do texto e que possa dizer até que ponto está suficientemente adequado quanto aos seus aspectos enunciativos e discursivos”.

Etapa 6 – Publicização das atividades

A sexta etapa trata da publicização do gênero convite de casamento, acerca dos trabalhos realizados na etapa anterior. Como já mencionamos, cabe ao professor e aos alunos quererem divulgar ou não essas atividades. Uma forma de valorizar a criatividade dos alunos e socializar o gênero é a divulgação, que pode ser por meio de eventos da escola, projetos interdisciplinares, jornal escolar, feiras culturais, redes sociais do colégio etc. No caso dos convites produzidos na etapa anterior, uma sugestão seria imprimi-los e os alunos distribuírem pelo colégio.

Como essa etapa é opcional, a previsão da quantia de aulas a serem trabalhadas irá depender de como o docente e os alunos vão escolher divulgar esses trabalhos. A intenção é a transformação do conhecimento adquirido pelos alunos em intervenções sociais e reais e ações com as práticas cotidianas.

Elencamos possíveis atividades a serem feitas em práticas sociais dentro da escola, por exemplo: i) divulgação em eventos da escola; ii) projetos interdisciplinares; iii) feiras culturais; iv) divulgação de talentos em artes; v) leitura de outros textos do gênero; vi) pesquisa, na mídia impressa e eletrônica, sobre sites de convites de casamento; e vii) debate de ideias. Essas ações recuperam culturas e contextos os quais não são discutidos e valorizados no contexto escolar, sobretudo em relação ao gênero discursivo convite de casamento, ainda pouco (ou não) trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa do EM.

Em síntese, a proposta didática procura demonstrar a relação de uma teoria da linguagem a uma teoria de ensino por meio de atividades sobre o gênero, considerando o contexto de

produção, o conteúdo temático, a estrutura composicional e as marcas de linguagem, por meio dos eixos teóricos aqui discutidos.

Como explicamos anteriormente, a elaboração didática considera os convites de casamento analisados no capítulo 4 desta dissertação. A nossa proposta pode ser disposta de modo interdisciplinar como, por exemplo, com as disciplinas de História, Geografia e Artes. O professor de História pode trabalhar a história da instituição do casamento. O professor de Geografia pode mobilizar pesquisas e discussões sobre questões político-sociais, leis do casamento no Brasil, entre outros países. O professor de Artes pode aproveitar o momento da criatividade na elaboração de convites e na elaboração de portfólios sobre o resgate dos convites de casamento das famílias dos alunos.

Assim, encerramos a nossa proposta didática para aulas de Língua Portuguesa do ensino médio, em resposta à seguinte pergunta da pesquisa: **De que modo os estudos dialógicos da linguagem brasileiros, alinhados à Pedagogia Histórico-Crítica, podem propor caminhos didáticos para o ensino do gênero discursivo convite de casamento para as aulas de Língua Portuguesa do ensino médio?** Respondemos que o trabalho com o gênero discursivo convite de casamento nas aulas de Língua Portuguesa do ensino médio, ancorado nas teorias elencadas, é possível e plausível. Por meio da nossa proposta didática, dividida em 6 etapas, consideramos o ser histórico-social e buscamos contribuir para que o professor trabalhe em sala de aula com os seus alunos, em cada etapa teórico-prática, o reconhecimento do gênero convite como forma de comunicação específica para diversos contextos sociais, a discussão sobre a esfera em que o gênero se encontra, a reflexão sobre o casamento como evento cercado de tradições que se formaram ao longo da história, a caracterização do gênero discursivo convite de casamento, via dimensões bakhtinianas, a exploração da criatividade dos alunos e o seu posicionamento social de uma realidade concreta, por meio da escrita e reescrita dos convites de casamento, sendo professor e alunos vistos como agentes sociais, e a publicização do gênero convite de casamento, acerca dos trabalhos realizados na etapa anterior, como são pensadas a sociedade e a escola situadas historicamente.

UM CONVITE DA PESQUISA: “À ESPERA DO GRANDE DIA”

Ao longo desta pesquisa, estudamos e refletimos sobre o contexto sócio-histórico do casamento e do convite de casamento. Analisamos textos empíricos a partir da teoria bakhtiniana e, dessa forma, configuramos o gênero discursivo convite de casamento, por meio de 10 convites cedidos por 4 famílias dentro de uma sequência cronológica estabelecida. Desse modo, a partir de sua configuração, foi possível a elaboração da nossa proposta didática para aulas de Língua Portuguesa do ensino médio.

Procuramos destacar a importância de trabalhar, nas aulas de Língua Portuguesa, com os gêneros discursivos, de ancoragem bakhtiniana, conjuntamente aos estudos dialógicos da linguagem brasileiros. A pesquisa sobre os gêneros discursivos, em termos de configuração e proposta didática, procura demonstrar a relação de uma teoria da linguagem a uma teoria de ensino.

Em face aos estudos iniciados na graduação (iniciação científica e TCC), vimos a necessidade de uma configuração e proposta didática, para aulas de Língua Portuguesa do ensino médio, referente ao gênero discursivo convite de casamento. Para tal empresa, as perguntas que balizaram esta pesquisa foram: **i) Como seriam as dimensões extraverbal e verbovisual do convite de casamento, à luz da perspectiva bakhtiniana dos gêneros do discurso?** E, em relação ao seu ensino, questionamos: **ii) De que modo os estudos dialógicos da linguagem brasileiros, alinhados à Pedagogia Histórico-Crítica, podem propor caminhos didáticos para o ensino do gênero discursivo convite de casamento para as aulas de Língua Portuguesa do ensino médio?**

Para responder a tais questionamentos, estabelecemos como **objetivo geral**: Investigar a configuração do gênero discursivo convite de casamento pela perspectiva do Círculo de Bakhtin e propor encaminhamentos didático-metodológicos para o ensino do gênero.

Com o intuito de alcançar tal objetivo, trilhamos um caminho de reflexão, desenvolvendo uma analogia com o convite de casamento, por meio de cinco capítulos. No primeiro capítulo, “estabelecemos alianças”: focalizamos os aspectos metodológicos: a caracterização da pesquisa, das famílias e dos convites de casamento – os contatos, a geração de dados, os critérios usados na seleção dos convites, os fios condutores de análise.

O segundo capítulo abordou “os convidados da família”, tratando do primeiro capítulo teórico, acerca dos estudos de língua/linguagem e ensino. Abordamos os gêneros do discurso, as dimensões extraverbal e verbovisual dos enunciados, considerando como fontes indiretas de

estudo Bakhtin e o seu Círculo e os estudos dialógicos da linguagem brasileiros, nos quais se estuda a linguagem na concepção dialógica dos autores russos. Além disso, apresentamos a didatização dos gêneros do discurso, em especial na escola brasileira, alinhando à prática de análise linguística de base dialógica e à opção pelos fundamentos didáticos da Pedagogia Histórico-Crítica. Esse capítulo atendeu ao **primeiro objetivo específico** da pesquisa: discutiu os conceitos relacionados ao escopo do gênero do discurso pela perspectiva do Círculo de Bakhtin e dos estudos dialógicos da linguagem brasileiros.

O terceiro capítulo, por sua vez, discorreu sobre o segundo caminho teórico, “os convidados de outras casas”, referindo-se aos fundamentos teóricos ancorados na história e na sociologia. Estudamos o casamento – a história do casamento, em nível mundial e, especificamente, no escopo brasileiro, o casamento do séc. XXI: os novos casais e o “evento social”; e o próprio convite – o ato de convidar e as dimensões do convite, a configuração dos convites de casamento, em suas primeiras proposições. No decorrer do estudo, evidenciamos sobre como o casamento assumiu diversas concepções a depender do seu posicionamento social e cultural em diferentes sociedades, na trajetória dos seres humanos e suas relações de poder mediante o casamento. Com o capítulo, atendemos ao **segundo objetivo específico**: contextualizamos histórica e socialmente o casamento como cerimônia/evento e seus convites.

O quarto capítulo apresentou “os nubentes”: a análise de dez convites de casamento que pertencem a quatro famílias, em épocas/gerações distintas, seguindo os pressupostos bakhtinianos, no intuito de configurar o gênero a partir dos elementos analisados, em resposta à primeira pergunta da pesquisa e em atendimento ao **terceiro objetivo específico**: identificamos as dimensões extraverbal e verbovisual de enunciados do gênero discursivo convite de casamento. A partir do que foi analisado/discutido nos convites de casamento, em resposta à **primeira pergunta**, apresentamos uma contribuição teórica por meio da configuração do gênero discursivo.

A análise dos dez convites de casamento nos levou à consideração de que houve mudanças significativas de relacionamento afetivo na sociedade, que tem passado por transformações e processos de construção familiar: de uma sociedade com valores mais conservadores para uma sociedade mais criativa e aberta para novos amores. No entanto, o grande tema que é a união de duas pessoas que se amam permanece, cada indivíduo tem a sua linguagem do que é o amor e esse sentimento passa a ter mais direitos de escolhas. O rito do casamento para novos casais que vêm surgindo é uma passagem para formarem novas famílias.

O quinto e último capítulo apresentou possibilidades didáticas para o gênero discursivo convite de casamento, fundamentadas na Pedagogia Histórico-Crítica e na proposta didática de

Lunardelli (2021), em resposta à segunda pergunta da pesquisa. Tratou-se do que denominamos “a cerimônia”, em que reunimos todos os convidados e os nubentes.

A partir da ancoragem dos eixos teóricos, propostas e modelos discutidos no decorrer dessa dissertação, propomos caminhos didáticos para o ensino do gênero discursivo convite de casamento nas aulas de Língua Portuguesa do ensino médio, proposta esta dividida em 6 etapas que revisitam o convite, reconhecem o gênero convite de casamento, estudam a dimensão histórico-social do convite de casamento, estudam as dimensões extraverbal e verbovisual do convite de casamento, promovem a escrita e reescrita dos convites de casamento e uma possível publicização dessas atividades.

A partir da proposta didática, embasada nos dez convites de casamento, respondemos à **segunda pergunta** da pesquisa: apresentamos uma contribuição teórico-metodológica, por meio da didatização do gênero discursivo convite de casamento. E, desse modo, atendemos ao **quarto objetivo específico**: propusemos caminhos didáticos para o ensino do gênero discursivo convite de casamento nas aulas de Língua Portuguesa no ensino médio. A partir de todas as investigações realizadas no desenvolvimento dos cinco capítulos, foi possível alcançar com êxito os objetivos específicos, do mesmo modo respondendo às perguntas desta pesquisa.

Neste momento de término da dissertação, a pesquisa convida, “à espera do grande dia”: esse grande dia seria para a concretização da proposta didática nas aulas de Língua Portuguesa e para a ampliação teórica, por outras pesquisas na área, a fim de enriquecer novos caminhos a serem trilhados e ressignificados nos avanços das pesquisas no que concerne à análise linguística de base dialógica e nos estudos dialógicos da linguagem brasileiros.

Atualmente vivemos em um tempo-espço pandêmico e precisamos preparar nossos alunos para esse mundo em constante mutação. Sendo professores-pesquisadores, precisamos desenvolver atividades para compreender melhor esse alunado e saber estimulá-los a questionarem e buscarem por respostas.

Como professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, acredito que, se o professor não busca conhecer a sua turma e a dificuldade individual de cada um, realmente fica mais difícil preparar aulas que façam sentido e conseguir sanar dificuldades e bloqueios desses jovens. É a relação do papel do docente em ensinar-aprender com o seu alunado, é essencial saber aproveitar essas dificuldades em sala de aula para desenvolver o potencial desse aluno e emponderá-lo, gerar uma relação de confiança com esses jovens para que eles se interessem pela construção de seu conhecimento.

Desse modo, a nossa proposta didática visa relacionar os conteúdos com a vida cotidiana, o enunciado concreto das relações sociais e históricas. Assim, possibilitar aos

professores ampliem o repertório de práticas de ensino de Língua Portuguesa e promover a reflexão por meio de diferentes atividades que façam sentido não apenas na sala de aula, mas na vida desses jovens.

No decorrer das discussões desta pesquisa, refletimos sobre o casamento, o papel da mulher na sociedade e suas relações de poder. Nesse quesito, temos a reflexão acerca do “sentimento de Cinderela”: a sociedade ainda espera que a “maioria” das mulheres deva se casar e viver feliz para sempre com o seu príncipe encantado, como narram os contos de fadas, muito similar às primícias da história da instituição do casamento, a qual nos mostra que a mulher era vista como propriedade de relações de poder e submissa ao homem. No entanto, com o caminhar e a transformação da sociedade, hoje temos mulheres empoderadas ocupando outros lugares na sociedade e em sua vida profissional. Por fim, percebe-se uma sociedade em que homens e mulheres caminham por direitos iguais. A modernização dos costumes supõe condições de igualdade para uma transformação nos conceitos de casamento e dos novos enlances familiares na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria da Penha Casado. O enunciado concreto como unidade de análise: a perspectiva metodológica bakhtiniana. *In: RODRIGUES, Rosângela Hammes; PEREIRA, Rodrigo Acosta (Org.). Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em linguística aplicada.* São Carlos: Pedro & João, 2016. p. 163-177.
- ARRUDA, Fabiana dos S. A Dimensão Pastoral do IV Concílio de Latrão. *In: V CIH- Congresso internacional de História, 2011, Maringá-PR. Anais do V Congresso Internacional de História.* Maringá-PR, UEM, p. 2369-2376, 2011. Disponível em: < <http://www.cih.uem.br/anais/2011/index.php?l=trabalhos&id=158>>. Acesso em: set. 2021.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal.** 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- _____. **Estética da criação verbal.** 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. **Questões de estilística no ensino da língua.** São Paulo: 34, 2013.
- _____. Os gêneros do discurso. *In: BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso.* São Paulo: 34, [1952-1953] 2016.
- BATISTEL, Silmara Siqueira et al. O trabalho pedagógico na disciplina de língua portuguesa na perspectiva da pedagogia histórico-crítica. *In: PAGNONCELLI, Cláudia; MALANCHEN, Júlia; MATOS, Neide da S. Duarte. O trabalho pedagógico nas disciplinas escolares: contribuições a partir dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica.* Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2016. p. 297-334.
- BELOTI, Adriana; HILA, Cláudia Valéria Doná; RITTER, Lilian Cristina Buzato; FERRAGINI, Nelvana Leuz de Oliveira. Conceito de valoração em perspectiva enunciativo-discursiva; proposta teórico-metodológica para a prática de leitura. *In: FRANCO, Neil; PEREIRA, Rodrigo Acosta; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Org.). Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas.* Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 109-135.
- BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. (Org.). **Bakhtin e o Círculo.** São Paulo: Contexto, 2009.
- BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. *In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: conceitos-chave.* 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007. P. 61-78.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC/ Secretaria da Educação Básica, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro/Brasília: DP&A, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2021.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes curriculares nacionais: ensino médio. *In: Brasil. SEMTEC. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio.* Brasília: MEC/SEMTEC, 2000. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2021.

BRASIL. **Lei nº 1.829, de 9 de setembro de 1870.** Sanciona o Decreto da Assembléa Geral que manda proceder ao recenseamento da população do Imperio. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/543582/publicacao/15631205>. Acesso em: 03 nov. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 5.604, de 25 de março de 1874.** Manda observar o Regulamento desta data para execução do art. 2º da Lei nº 1829 de 9 de setembro de 1870, na parte em que estabelece o registro civil dos nascimentos, casamentos e obitos. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/566340/publicacao/15778226>. Acesso em: 03 nov. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 9.886, de 7 de março de 1888.** Manda observar o novo Regulamento para a execução do art. 2º da Lei n. 1829 de 9 de setembro de 1870 na parte que estabelece o Registro civil dos nascimentos, casamentos e obitos, do accôrdo com a autorização do art. 2º do Decreto n. 3316 de 11 de junho do 1887. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/417686/publicacao/15628510>. Acesso em: 03 nov. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890a.** Prohibe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em materia religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providencias. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm. Acesso em: 03 nov. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 181, de 24 de janeiro de 1890b.** Promulga a lei sobre o casamento civil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d181.htm. Acesso em: 03 nov. 2021.

BRASIL. **Lei nº 3.071, de 1 de janeiro de 1916.** Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/13071.htm >. Acesso em: 03 nov. 2021.

BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 1937.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm. Acesso em: 03 nov. 2021.

BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 1946.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm. Acesso em: 03 nov. 2021.

BRASIL. **Lei nº 1.110, de 23 de maio de 1950.** Regula o reconhecimento dos efeitos civis ao casamento religioso. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/11110.htm. Acesso em: 03 nov. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Emendas Constitucionais de Revisão. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 03 nov. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.278, de 10 de maio de 1996.** Regula o § 3º do art. 226 da Constituição Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19278.htm. Acesso em: 03 nov. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002.** Institui o Código Civil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406compilada.htm. Acesso em: 03 nov. 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. **Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013.** Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas do mesmo sexo. Disponível em:

<https://atos.cnj.jus.br/files/resolucao_175_14052013_16052013105518.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2021.

BRASIL. Município de Foz do Iguaçu. **Decreto nº 28.055, de 20 de abril de 2020**. Consolida as medidas estabelecidas no Município de Foz do Iguaçu de controle e prevenção para o enfrentamento da emergência em saúde pública de importância internacional decorrente da Pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19, e dá outras providências. Disponível em: <<https://www5.pmf.pr.gov.br/pdf-4603&diario>>. Acesso em: 06 dez. 2021.

CLERISI, Gabriela Debas dos Santos. A prática de análise linguística na BNCC: uma análise dialógica das habilidades. *In*: PEREIRA, Rodrigo Acosta; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Org.) **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 247-280.

CORAZZA, Bruna Ximenes; ANDREATTA, Elaine Pereira. Formação de professores e tecnologias: angústias, limites e possibilidades no exercício da docência em ensino emergencial remoto. *In*: MENDONÇA, Márcia; ANDREATTA, Elaine; SCHLUDE, Victor (Org.). **Docência pandêmica: práticas de professores de língua(s) no ensino emergencial remoto**. São Carlos: Pedro & João, 2021. p. 227-257.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. A pesquisa em ciências humanas sob um viés bakhtiniano. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 552-568, dez. 2017.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 9ª. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

DUBY, George. **Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios**. Tradução: Jonatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

EDUCA MAIS BRASIL. **Transexualidade: entenda o que é identidade de gênero**, 2020. Disponível em:< <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/transexualidade-entenda-o-que-e-identidade-de-genero>>. Acesso em 28 nov. 2021.

EDUCA MAIS BRASIL. **Qual o significado da sigla LGBTQIA+?**, 2020. Disponível em:< <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/qual-o-significado-da-sigla-lgbtqia>>. Acesso em 28 nov. 2021.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução de Leandro Konder. 3ª.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARIA E SILVA, Adriana Pucci Penteado de. Bakhtin. *In*: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 45-69.

FENILLI, Lays Maynara Favero. **Trilhando caminhos para uma prática de análise linguística de base dialógica: uma proposta de elaboração didática a partir do gênero discursivo tira**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2020.

FERRAGINI, Neluana Leuz de Oliveira. Gêneros Discursivos e Plano de Trabalho Docente: uma proposta de estudo com o gênero ensaio. *In*: PERFEITO, Alba; HITTER, Lilian Cristina B.; e KRAEMER, Márcia Adriana D. (Org.) **Gêneros discursivos: possibilidades e reflexões de abordagens pedagógicas em práticas languageiras**. São Carlos: Pedro & João, 2016. p. 203-236.

- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed/ Bookman, 2009.
- FONTOURA, Luciane de Deos. **Do consumo de luxo à demonstração do laço afetivo: a nova face do casamento**. Monografia (Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- FRANCO, Neil; PEREIRA, Rodrigo Acosta; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição Apresentação: da pesquisa à produção científica. *In*: FRANCO, Neil; PEREIRA, Rodrigo Acosta; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Org.). **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas**. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 7-15.
- GAGLIARDI, Eliana; AMARAL, Heloisa. **Trabalhando com os gêneros do discurso: narrar: conto de fadas**. São Paulo: FTD, 2001.
- GALVÃO, Ana Carolina; LAVOURA, Tiago Nicola; MARTINS, Lígia Márcia. **Fundamentos da didática histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2019.
- GANDRA JUNIOR, Domingos da Silva. **Casamento e sociedade em transformação**. Belo Horizonte: Fase, 1983.
- GUIA DE CASAMENTO. **A História do Convite de Casamento - Parte 1**, 2021. Disponível em: <<https://www.guiadecasamento.com.br/planejamento/convites/historia-do-convite-parte1>>. Acesso em 20 dez. 2021.
- GUIA DE CASAMENTO. **A História do Convite de Casamento - Parte 2**, 2021. Disponível em: <<https://www.guiadecasamento.com.br/planejamento/convites/historia-do-convite-parte2>>. Acesso em 20 dez. 2021.
- GUIA DE CASAMENTO. **Lista de Bodas: Os Aniversários de Casamento**, 2021. Disponível em: <<https://www.guiadecasamento.com.br/recem-casados/bodas/bodas-de-casamento>>. Acesso em 03 nov. 2021.
- GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GUIA DO MINI WEDDING. **Casamentos durante e pós-pandemia**. 2021. Disponível em:<<http://www.guiadominiwedding.com.br/noticias/casamentos-durante-e-pos-pandemia>>. Acesso em 03 nov. 2021.
- JARDIM, Rejane Barreto. Sistemas rituais do processo matrimonial no medievo europeu ou sistemas genericados de controle social. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.11, n. 14, 1º sem. 2010.
- KRAEMER, Márcia Adriana Dias; LUNARDELLI, Mariangela Garcia; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. A linguagem e sua natureza ideológica. *In*: FRANCO, Neil; PEREIRA, Rodrigo Acosta; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Org.). **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas**. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 63-87.
- LAÇOS E RENDAS. **Laços e Rendas conta a história do Convite de Casamento**, 2021. Disponível em: <<https://www.casareumbarato.com.br/lacos-e-rendas-counta-a-historia-do-convite-de-casamento/>>. Acesso em 20 dez. 2021.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. *In*: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê, 2005. p. 79-93.

_____. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. *In*: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006a. p. 73-84.

_____. Procedimentos para estudos de gêneros discursivos da escrita. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, LAEL/PUC-SP, v.15, 2006b.

_____. Aspectos teóricos e sequências didáticas para a produção escrita de gêneros discursivos. **Letras & Letras**, v. 31, n.3, p. 132-157, jul./dez. 2015.

LUCCHESI, Dante. A estrutura da língua e a criação do gênero neutro do português brasileiro e as suas implicações gramaticais. **Revista Roseta**. v. 4, n. 1, 2021. Disponível em: <<http://www.roseta.org.br/2021/02/22/a-estrutura-da-lingua-e-a-criacao-de-genero-neutro/>>. Acesso em 28 jan. 2022.

LUNARDELLI, Mariangela Garcia. **Um haicai para o estágio, um estágio para o haicai: diálogos sobre o gênero discursivo e a formação docente inicial**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

_____. **Um haicai para o estágio, um estágio para o haicai**. Curitiba: Appris, 2020.

_____. Três gotas de poesia: a prática de análise linguística em uma proposta didática com o gênero haicai brasileiro infantil. *In*: PEREIRA, Rodrigo Acosta; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Org.) **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 483-519.

MENDES, Paula Marina. **O convite de casamento como gênero discursivo: um estudo de sua configuração**. Monografia (Licenciatura em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu. 2017.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2021. Disponível em:<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em 19 ago. 2021.

MICHELIN, Rita Lourdes; TEIXEIRA, Paulo Roberto. Cultura gaúcha: a percepção dos frequentadores da XXIX Semana Farroupilha do CTG Nova Querência - Boa Vista – Roraima. **Revista de Cultura e Turismo**, v. 11 n. 3 (2017): CULTUR, ano 11 - nº 03 – out/2017. Disponível em:< <https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/issue/view/142> >. Acesso em 05 fev. 2022.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtores que têm orientado a pesquisa. *In*: MOITA-LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p.85-107.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. A Linguística Aplicada, o Círculo de Bakhtin e o ato de conhecer: afinidades eletivas são possíveis? *In*: RODRIGUES, Rosângela Hammes; PEREIRA, Rodrigo Acosta (Org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em linguística aplicada**. São Carlos: Pedro & João, 2016. p. 47-65.

- ONOFRE, Jaqueline de Freitas. **Revisão e Reescrita textual no ensino de Língua Portuguesa nos anos iniciais**: um olhar para os documentos educacionais. 2021. 175 p. Dissertação (Mestrado em Ensino) Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu.
- PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo da Rede Estadual Paranaense – CREP – Língua Portuguesa, EF**. Curitiba: SEED, 2019. Disponível em: <https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-05/crep_lingua_portuguesa_anos finais.pdf>. Acesso em: jan. 2022.
- PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. **Referencial Curricular do Paraná**: princípios, direitos, orientações. Curitiba: SEED/PR, 2018. Disponível em: <www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/bncc/2018/referencial_curricular_parana_ce e.pdf>. Acesso em: nov. 2019.
- PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. **Referencial Curricular do Paraná**: em ação. Curitiba: SEED/PR, 2019. Disponível em: <www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/bncc/2019/lingua_portuguesa_bimestral.pdf>. Acesso em: nov. 2019.
- PEREIRA, Rodrigo Acosta; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Práticas de linguagem em aulas de língua portuguesa na educação básica: leitura e análise linguística. *In*: PEREIRA, Rodrigo Acosta; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Org.) **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João, 2021. p. 385-418.
- POLATO, Adriana Delmira Mendes. **Análise Linguística**: do estado da arte ao estatuto dialógico. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.
- PRESTES, Zoia. **Quando não é a mesma coisa**: traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. **História da vida privada**. Vol. 5: da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 415-440, jan./jun. 2004.
- ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. *In*: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.
- ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.
- RUSSELL, Bertrand. **Casamento e moral**. Tradução Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- SANTOS, Gabriela Debas dos. **A prática de análise linguística nas aulas de língua portuguesa**: por uma abordagem enunciativo-discursiva de base dialógica. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- SARAIVA, Mônica de Araújo. **Ações de mediação na apropriação da linguagem escrita**: análise da prática docente. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, PR, 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 43. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2018.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11 ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

_____. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2019.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. *In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (Org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas***. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 99-110.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Elementos sobre as propostas de Voloshinov no âmbito da concepção dialógica de linguagem. *In: RODRIGUES, Rosângela Hammes; PEREIRA, Rodrigo Acosta (Org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em linguística aplicada***. São Carlos: Pedro & João, 2016. p. 141-162.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. A prática de análise linguística em uma concepção de educação dialógica alteritária. *In: PEREIRA, Rodrigo Acosta; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Org.) **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa***. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 133-156.

SOBRAL, Adail. PAULA, Luciane de. FRANCO, NEIL. Entrevista com Adail Sobral, uma conversa inacabada. *In: FRANCO, Neil. PEREIRA, Rodrigo A. COSTA-HÜBES, Terezinha da C. (Org) **Estudos Dialógicos da Linguagem: reflexões teórico-metodológicas***. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 243-286.

SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

TUMA, Raquel Lage; MAIA, Carlos Eduardo Santos. Casamento homossexual: legalização e ritual. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 38, p. 159-180, jul./dez. 2015.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Editora Ática S. A., 1986.

VERBETE AMBRÓSIO, Aurélio. *In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre***. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ambr%C3%B3sio&oldid=61677269>>. Acesso em 03 set. 2021.

VERBETE INCMARO DE REIMS. *In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre***. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Incmaro_de_Reims>. Acesso em 03 set. 2021.

VERBETE LAVARDIN, Hildebert de. *In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre***. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hildeberto_de_Lavardin&oldid=61801949>. Acesso em: 03 set. 2021.

VERBETE LOMBARDO, Pedro. *In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre***. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pedro_Lombardo&oldid=57524150>. Acesso: em 03 set. 2021.

VERBETE PADROADO. *In*: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Padroado_portugu%C3%AAs>. Acesso em 28 nov. 2021.

VERBETE VIACHESLAV, Ivanov. *In*: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Viacheslav_Ivanov&oldid=61471603>. Acesso em: 13 abr. 2021.

VOLOCHÍNOV, Valentin N. A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. *In*: VOLOCHÍNOV, Valentin N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, [1926] 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 2^a.ed. São Paulo: 34, [1929] 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin N. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma nova poética sociológica. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin N. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Tradução e organização de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: 34, [1926] 2019.

APÊNDICE 1

PARECER DE APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO COMITÊ DE ÉTICA

| UNIOESTE - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ | | Plataforma Brasil |
|---|--|-------------------|
| PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP | | |
| DADOS DO PROJETO DE PESQUISA | | |
| Título da Pesquisa: O GÊNERO DISCURSIVO CONVITE DE CASAMENTO: CONFIGURAÇÃO E PROPOSTA DIDÁTICA PARA AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO | | |
| Pesquisador: MARIANGELA GARCIA LUNARDELLI | | |
| Área Temática: | | |
| Versão: 2 | | |
| CAAE: 51655221.0.0000.0107 | | |
| Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ | | |
| Patrocinador Principal: Financiamento Próprio | | |
| DADOS DO PARECER | | |
| Número do Parecer: 5.021.275 | | |
| Apresentação do Projeto: | | |
| Sanearmento de pendências da pesquisa: | | |
| Título da Pesquisa: O GÊNERO DISCURSIVO CONVITE DE CASAMENTO: CONFIGURAÇÃO E PROPOSTA DIDÁTICA PARA AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO | | |
| Pesquisador Responsável: MARIANGELA GARCIA LUNARDELLI | | |
| Área Temática: | | |
| Versão: 2 | | |
| CAAE: 51655221.0.0000.0107 | | |
| Submetido em: 04/10/2021 | | |
| Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ | | |
| Situação da Versão do Projeto: Em relatório | | |
| Objetivo da Pesquisa: | | |
| Vide descrição anteriormente apresentada. | | |
| Avaliação dos Riscos e Benefícios: | | |
| Vide descrição anteriormente apresentada. | | |
| Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: | | |
| Vide descrição anteriormente apresentada. | | |
| <p>Endereço: RUA UNIVERSITÁRIA 2069 Bairro: UNIVERSITÁRIO CEP: 85.815-110 UF: PR Município: CASCAVEL Telefone: (41)3220-3302 E-mail: cep.prrp@unioeste.br</p> | | |

Página 01 de 02

| UNIOESTE - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ | | Plataforma Brasil |
|---|--|-------------------|
| Continuação do Parecer 5.021.275 | | |

Continuação do Parecer 5.021.275

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide descrição anteriormente apresentada.

Condições ou Pendências e Lista de Inadequações:

Agora, os riscos da pesquisa estão devidamente informados

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|--|---|---------------------|------------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1788285.pdf | 04/10/2021 15:31:37 | | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura | Projeto_pesquisa_Paula_Marina_Mendes_Mariangela_Lunardelli_2021_Plataforma_Brasil.pdf | 04/10/2021 15:30:47 | MARIANGELA GARCIA LUNARDELLI | Aceito |
| TITLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TITLE_Pesquisa_Paula_Mendes_Mariangela_Lunardelli_2021_CEP_fina.docx | 09/09/2021 15:06:45 | MARIANGELA GARCIA LUNARDELLI | Aceito |
| Solicitação registrada pelo CEP | Anejos_Pesquisa_CEP.pdf | 20/08/2021 18:49:43 | MARIANGELA GARCIA LUNARDELLI | Aceito |
| Folha de Rosto | Folha_rosto_CEP_Mariangela_Lunardelli_Paula_Mendes.pdf | 14/07/2021 15:30:29 | MARIANGELA GARCIA LUNARDELLI | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Neocessita Apreciação da CONEP:

Não

CASCAVEL, 06 de Outubro de 2021

Assinado por:
 Darlei Ferrari de Lima
 (Coordenador(a))

Endereço: RUA UNIVERSITÁRIA 2069
Bairro: UNIVERSITÁRIO **CEP:** 85.815-110
UF: PR **Município:** CASCAVEL
Telefone: (41)3220-3302 **E-mail:** cep.prrp@unioeste.br

Página 02 de 02

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP



Aprovado na
CONEP em 04/08/2000

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título do Projeto: *O gênero discursivo convite de casamento: configuração e proposta didática para aulas de Língua Portuguesa do ensino médio*

Certificado de Apresentação para apreciação Ética – “CAAE” N°

Docente responsável: Profa. Dra. Mariangela Garcia Lunardelli
(contato: 45 9125-4477; mglunardelli@gmail.com)

Discente assistente/colaboradora: Paula Marina Mendes
(contato: 45 9930-3079; paula-mmendes@hotmail.com)

Endereço de contato (Institucional): UNIOESTE: Av. Tarquínio J. dos Santos, 1300. Jardim Universitário, Foz do Iguaçu-PR

Modalidade da pesquisa: Dissertação – Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ensino (PPGEn) – Nível Mestrado

Convidamos o senhor/ a senhora a participar de uma pesquisa sobre a configuração de convites de casamento como gênero discursivo. Os objetivos estabelecidos são: i) caracterizar os textos do convite de casamento pela perspectiva dos gêneros do discurso; e ii) produzir uma proposta didática para as aulas de Língua Portuguesa do ensino médio. Tais objetivos têm o propósito de contribuir para a inclusão desse gênero, o convite de casamento, nas aulas de Língua Portuguesa, promovendo a reflexão da linguagem, sobre a relação de homens e mulheres com o casamento.

Para tanto, há a necessidade de analisarmos os textos concretos do gênero, ou seja, os convites de casamento reais. Por isso, pedimos a cessão de seu convite de casamento como um desses textos. Comprometemo-nos a preservar os nomes de todas as pessoas escritas nos convites, utilizando tarjas em cada nome, bem como a divulgar os resultados do estudo a todos os envolvidos/cedentes. Nós, pesquisadoras, garantimos a privacidade e o sigilo de sua participação nesta pesquisa e na futura publicação dos resultados.

Os convites de casamento que o senhor/ a senhora cederá serão utilizados exclusivamente nesta pesquisa. Caso as informações fornecidas e obtidas com este consentimento sejam consideradas úteis para outros estudos, será procurado para autorizar novamente o uso.

O senhor/ a senhora não receberá e não pagará nenhum valor para ceder seu convite de casamento, assim como não terá nenhuma despesa decorrente dessa cessão do documento. Além disso, poderá, a qualquer momento, retirar seu consentimento de cessão, sem prejuízo algum. Para que isso ocorra, basta informar, por qualquer modo que lhe seja possível, que deseja retirar seu consentimento e, assim, seu convite será removido do conjunto dos dados utilizados nesta pesquisa.

Este documento que o senhor/ a senhora vai assinar contém 2 páginas. O senhor/ a senhora deve vistar (rubricar) a página 1; a página 2 deverá conter a mesma assinatura registrada no cartório (caso tenha). Este documento está sendo apresentado em duas vias, sendo que uma via é sua. Sugerimos que guarde a sua via de modo seguro.

Caso o senhor/ a senhora precise informar algum fato ou decorrente da cessão de seu convite de casamento e se sentir desconfortável em procurar as pesquisadoras, poderá endereçar-se pessoalmente ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNIOESTE (CEP), de segunda a sexta-feira, no horário de 08h às 15h30min, na Reitoria da UNIOESTE, sala do Comitê de Ética, PRPPG, situado na rua Universitária, 1619 – Bairro Universitário, Cascavel – PR. Caso prefira, poderá entrar em contato via Internet pelo e-mail: cep.prppg@unioeste.br; ou pelo telefone do CEP: (45) 3220-3092.

Declaro estar ciente e suficientemente esclarecido sobre os fatos informados neste documento.

Nome do sujeito de pesquisa ou responsável (cedente do convite de casamento):

Assinatura:

Eu, Profa. Dra. Mariangela Garcia Lunardelli, declaro que forneci todas as informações sobre este projeto de pesquisa ao participante (cedente).

Assinatura da pesquisadora:

Foz do Iguaçu, 09 de setembro de 2021.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP



Aprovado na

CONEP em 04/08/2000

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título do Projeto: *O gênero discursivo convite de casamento*: configuração e proposta didática para aulas de Língua Portuguesa do ensino médio

Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – “CAAE” N°

Docente responsável: Profa. Dra. Mariangela Garcia Lunardelli
(contato: 45 9125-4477; mglunardelli@gmail.com)

Discente assistente/colaboradora: Paula Marina Mendes
(contato: 45 9930-3079; paula-mmendes@hotmail.com)

Endereço de contato (Institucional): UNIOESTE: Av. Tarquínio J. dos Santos, 1300.
Jardim Universitário, Foz do Iguaçu-PR

Modalidade da pesquisa: Dissertação – Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ensino (PPGen) – Nível Mestrado

Convidamos o senhor/ a senhora a participar de uma pesquisa sobre a configuração de convites de casamento como gênero discursivo. Os objetivos estabelecidos são: i) caracterizar os textos do convite de casamento pela perspectiva dos gêneros do discurso; e ii) produzir uma proposta didática para as aulas de Língua Portuguesa do ensino médio. Tais objetivos têm o propósito de contribuir para a inclusão desse gênero, o convite de casamento, nas aulas de Língua Portuguesa, promovendo a reflexão da linguagem, sobre a relação de homens e mulheres com o casamento.

Para tanto, há a necessidade de analisarmos os textos concretos do gênero, ou seja, os convites de casamento reais. Por isso, pedimos a cessão de seu convite de casamento como um desses textos. Comprometemo-nos a preservar os nomes de todas as pessoas escritas nos convites, utilizando tarjas em cada nome, bem como a divulgar os resultados do estudo a todos os envolvidos/cedentes. Nós, pesquisadoras, garantimos a privacidade e o sigilo de sua participação nesta pesquisa e na futura publicação dos resultados.

Os convites de casamento que o senhor/ a senhora cederá serão utilizados exclusivamente nesta pesquisa. Caso as informações fornecidas e obtidas com este consentimento sejam consideradas úteis para outros estudos, será procurado para

autorizar novamente o uso.

O senhor/ a senhora não receberá e não pagará nenhum valor para ceder seu convite de casamento, assim como não terá nenhuma despesa decorrente dessa cessão do documento. Além disso, poderá, a qualquer momento, retirar seu consentimento de cessão, sem prejuízo algum. Para que isso ocorra, basta informar, por qualquer modo que lhe seja possível, que deseja retirar seu consentimento e, assim, seu convite será removido do conjunto dos dados utilizados nesta pesquisa.


Este documento que o senhor/ a senhora vai assinar contém 2 páginas. O senhor/ a senhora deve vistar (rubricar) a página 1; a página 2 deverá conter a mesma assinatura registrada no cartório (caso tenha). Este documento está sendo apresentado em duas vias, sendo que uma via é sua. Sugerimos que guarde a sua via de modo seguro.

Caso o senhor/ a senhora precise informar algum fato ou decorrente da cessão de seu convite de casamento e se sentir desconfortável em procurar as pesquisadoras, poderá endereçar-se pessoalmente ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNIOESTE (CEP), de segunda a sexta-feira, no horário de 08h às 15h30min, na Reitoria da UNIOESTE, sala do Comitê de Ética, PRPPG, situado na rua Universitária, 1619 – Bairro Universitário, Cascavel – PR. Caso prefira, poderá entrar em contato via Internet pelo e-mail: cep.prppg@unioeste.br; ou pelo telefone do CEP: (45) 3220-3092.

Declaro estar ciente e suficientemente esclarecido sobre os fatos informados neste documento.

Nome do sujeito de pesquisa ou responsável (cedente do convite de casamento):

Maridelma Laperuta Martins



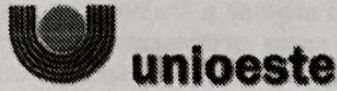
Assinatura:

Eu, Profa. Dra. Mariangela Garcia Lunardelli, declaro que forneci todas as informações sobre este projeto de pesquisa ao participante (cedente).

Assinatura da pesquisadora:



Foz do Iguaçu, 09 de setembro de 2021.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP



Aprovado na
CONEP em 04/08/2000

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título do Projeto: *O gênero discursivo convite de casamento: configuração e proposta didática para aulas de Língua Portuguesa do ensino médio*

Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – “CAAE” N°

Docente responsável: Profa. Dra. Mariangela Garcia Lunardelli
(contato: 45 9125-4477; mglunardelli@gmail.com)

Discente assistente/colaboradora: Paula Marina Mendes
(contato: 45 9930-3079; paula-mmendes@hotmail.com)

Endereço de contato (Institucional): UNIOESTE: Av. Tarquínio J. dos Santos, 1300.
Jardim Universitário, Foz do Iguaçu-PR

Modalidade da pesquisa: Dissertação – Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ensino (PPGEEn) – Nível Mestrado

Convidamos o senhor/ a senhora a participar de uma pesquisa sobre configuração de convites de casamento como gênero discursivo. Os objetivos estabelecidos são: i) caracterizar os textos do convite de casamento pela perspectiva dos gêneros do discurso; e ii) produzir uma proposta didática para as aulas de Língua Portuguesa do ensino médio. Tais objetivos têm o propósito de contribuir para a inclusão desse gênero, o convite de casamento, nas aulas de Língua Portuguesa, promovendo a reflexão da linguagem, sobre a relação de homens e mulheres com o casamento.

Para tanto, há a necessidade de analisarmos os textos concretos do gênero, ou seja, os convites de casamento reais. Por isso, pedimos a cessão de seu convite de casamento como um desses textos. Comprometemo-nos a preservar os nomes de todas as pessoas escritas nos convites, utilizando tarjas em cada nome, bem como a divulgar os resultados do estudo a todos os envolvidos/cedentes. Nós, pesquisadoras, garantimos a privacidade e o sigilo de sua participação nesta pesquisa e na futura publicação dos resultados.

Os convites de casamento que o senhor/ a senhora cederá serão utilizados exclusivamente nesta pesquisa. Caso as informações fornecidas e obtidas com este consentimento sejam consideradas úteis para outros estudos, será procurado para autorizar novamente o uso.

PM

O senhor/ a senhora não receberá e não pagará nenhum valor para ceder seu convite de casamento, assim como não terá nenhuma despesa decorrente dessa cessão do documento. Além disso, poderá, a qualquer momento, retirar seu consentimento de cessão, sem prejuízo algum. Para que isso ocorra, basta informar, por qualquer modo que lhe seja possível, que deseja retirar seu consentimento e, assim, seu convite será removido do conjunto dos dados utilizados nesta pesquisa.

Este documento que o senhor/ a senhora vai assinar contém 2 páginas. O senhor/ a senhora deve vistar (rubricar) a página 1; a página 2 deverá conter a mesma assinatura registrada no cartório (casotenha). Este documento está sendo apresentado em duas vias, sendo que uma via é sua. Sugerimos que guarde a sua via de modo seguro.

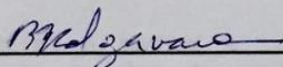
Caso o senhor/ a senhora precise informar algum fato ou decorrente da cessão de seu convite de casamento e se sentir desconfortável em procurar as pesquisadoras, poderá endereçar-se pessoalmente ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNIOESTE (CEP), de segunda a sexta-feira, no horário de 08h às 15h30min, na Reitoria da UNIOESTE, sala do Comitê de Ética, PRPPG, situado na rua Universitária, 1619 –Bairro Universitário, Cascavel – PR. Caso prefira, poderá entrar em contato via Internet pelo e-mail: cep.prppg@unioeste.br; ou pelo telefone do CEP: (45) 3220-3092.

Declaro estar ciente e suficientemente esclarecido sobre os fatos informados neste documento.

Nome do sujeito de pesquisa ou responsável (cedente do convite de casamento):

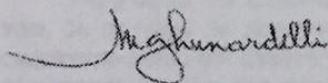
ROSEMARI BENDLIN CALZAVARA

Assinatura:



Eu, Profa. Dra. Mariangela Garcia Lunardelli, declaro que forneci todas as informações sobre este projeto de pesquisa ao participante (cedente).

Assinatura da pesquisadora:



Foz do Iguaçu, 09 de setembro de 2021.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP



Aprovado na
CONEP em 04/08/2000

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título do Projeto: *O gênero discursivo convite de casamento: configuração e proposta didática para aulas de Língua Portuguesa do ensino médio*

Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – “CAAE” N°

Docente responsável: Profa. Dra. Mariangela Garcia Lunardelli
(contato: 45 9125-4477; mglunardelli@gmail.com)

Discente assistente/colaboradora: Paula Marina Mendes
(contato: 45 9930-3079; paula-mmendes@hotmail.com)

Endereço de contato (Institucional): UNIOESTE: Av. Tarquínio J. dos Santos, 1300.
Jardim Universitário, Foz do Iguaçu-PR

Modalidade da pesquisa: Dissertação – Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ensino (PPGEn) – Nível Mestrado

Convidamos o senhor/ a senhora a participar de uma pesquisa sobre a configuração de convites de casamento como gênero discursivo. Os objetivos estabelecidos são: i) caracterizar os textos do convite de casamento pela perspectiva dos gêneros do discurso; e ii) produzir uma proposta didática para as aulas de Língua Portuguesa do ensino médio. Tais objetivos têm o propósito de contribuir para a inclusão desse gênero, o convite de casamento, nas aulas de Língua Portuguesa, promovendo a reflexão da linguagem, sobre a relação de homens e mulheres com o casamento.

Para tanto, há a necessidade de analisarmos os textos concretos do gênero, ou seja, os convites de casamento reais. Por isso, pedimos a cessão de seu convite de casamento como um desses textos. Comprometemo-nos a preservar os nomes de todas as pessoas escritas nos convites, utilizando tarjas em cada nome, bem como a divulgar os resultados do estudo a todos os envolvidos/cedentes. Nós, pesquisadoras, garantimos a privacidade e o sigilo de sua participação nesta pesquisa e na futura publicação dos resultados.

Os convites de casamento que o senhor/ a senhora cederá serão utilizados exclusivamente nesta pesquisa. Caso as informações fornecidas e obtidas com este consentimento sejam consideradas úteis para outros estudos, será procurado para autorizar novamente o uso.

O senhor/ a senhora não receberá e não pagará nenhum valor para ceder seu convite de casamento, assim como não terá nenhuma despesa decorrente dessa cessão do documento. Além disso, poderá, a qualquer momento, retirar seu consentimento de cessão, sem prejuízo algum. Para que isso ocorra, basta informar, por qualquer modo que lhe seja possível, que deseja retirar seu consentimento e, assim, seu convite será removido do conjunto dos dados utilizados nesta pesquisa.

Este documento que o senhor/ a senhora vai assinar contém 2 páginas. O senhor/ a senhora deve vistar (rubricar) a página 1; a página 2 deverá conter a mesma assinatura registrada no cartório (caso tenha). Este documento está sendo apresentado em duas vias, sendo que uma via é sua. Sugerimos que guarde a sua via de modo seguro.

Caso o senhor/ a senhora precise informar algum fato ou decorrente da cessão de seu convite de casamento e se sentir desconfortável em procurar as pesquisadoras, poderá endereçar-se pessoalmente ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNIOESTE (CEP), de segunda a sexta-feira, no horário de 08h às 15h30min, na Reitoria da UNIOESTE, sala do Comitê de Ética, PRPPG, situado na rua Universitária, 1619 – Bairro Universitário, Cascavel – PR. Caso prefira, poderá entrar em contato via Internet pelo e-mail: cep.prppg@unioeste.br; ou pelo telefone do CEP: (45) 3220-3092.

Declaro estar ciente e suficientemente esclarecido sobre os fatos informados neste documento.

Nome do sujeito de pesquisa ou responsável (cedente do convite de casamento):

Lidiane de Carvalho Alves

Assinatura:



Eu, Profa. Dra. Mariangela Garcia Lunardelli, declaro que forneci todas as informações sobre este projeto de pesquisa ao participante (cedente).

Assinatura da pesquisadora:



Foz do Iguaçu, 09 de setembro de 2021.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título do Projeto: *O gênero discursivo convite de casamento*: configuração e proposta didática para aulas de Língua Portuguesa do ensino médio

Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – “CAAE” N°

Docente responsável: Profa. Dra. Mariangela Garcia Lunardelli
(contato: 45 9125-4477; mglunardelli@gmail.com)

Discente assistente/colaboradora: Paula Marina Mendes
(contato: 45 9930-3079; paula-mmendes@hotmail.com)

Endereço de contato (Institucional): UNIOESTE: Av. Tarquínio J. dos Santos, 1300.
Jardim Universitário, Foz do Iguaçu-PR

Modalidade da pesquisa: Dissertação – Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ensino (PPGE) – Nível Mestrado

Convidamos o senhor/ a senhora a participar de uma pesquisa sobre a configuração de convites de casamento como gênero discursivo. Os objetivos estabelecidos são: i) caracterizar os textos do convite de casamento pela perspectiva dos gêneros do discurso; e ii) produzir uma proposta didática para as aulas de Língua Portuguesa do ensino médio. Tais objetivos têm o propósito de contribuir para a inclusão desse gênero, o convite de casamento, nas aulas de Língua Portuguesa, promovendo a reflexão da linguagem, sobre a relação de homens e mulheres com o casamento.

Para tanto, há a necessidade de analisarmos os textos concretos do gênero, ou seja, os convites de casamento reais. Por isso, pedimos a cessão de seu convite de casamento como um desses textos. Comprometemo-nos a preservar os nomes de todas as pessoas escritas nos convites, utilizando tarjas em cada nome, bem como a divulgar os resultados do estudo a todos os envolvidos/cedentes. Nós, pesquisadoras, garantimos a privacidade e o sigilo de sua participação nesta pesquisa e na futura publicação dos resultados.

Os convites de casamento que o senhor/ a senhora cederá serão utilizados exclusivamente nesta pesquisa. Caso as informações fornecidas e obtidas com este consentimento sejam consideradas úteis para outros estudos, será procurado para autorizar novamente o uso.

Adriana A. A. da Silva

O senhor/ a senhora não receberá e não pagará nenhum valor para ceder seu convite de casamento, assim como não terá nenhuma despesa decorrente dessa cessão do documento. Além disso, poderá, a qualquer momento, retirar seu consentimento de cessão, sem prejuízo algum. Para que isso ocorra, basta informar, por qualquer modo que lhe seja possível, que deseja retirar seu consentimento e, assim, seu convite será removido do conjunto dos dados utilizados nesta pesquisa.

Este documento que o senhor/ a senhora vai assinar contém 2 páginas. O senhor/ a senhora deve vistar (rubricar) a página 1; a página 2 deverá conter a mesma assinatura registrada no cartório (caso tenha). Este documento está sendo apresentado em duas vias, sendo que uma via é sua. Sugerimos que guarde a sua via de modo seguro.

Caso o senhor/ a senhora precise informar algum fato ou decorrente da cessão de seu convite de casamento e se sentir desconfortável em procurar as pesquisadoras, poderá endereçar-se pessoalmente ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNIOESTE (CEP), de segunda a sexta-feira, no horário de 08h às 15h30min, na Reitoria da UNIOESTE, sala do Comitê de Ética, PRPPG, situado na rua Universitária, 1619 – Bairro Universitário, Cascavel – PR. Caso prefira, poderá entrar em contato via Internet pelo e-mail: cep.prppg@unioeste.br; ou pelo telefone do CEP: (45) 3220-3092.

Declaro estar ciente e suficientemente esclarecido sobre os fatos informados neste documento.

Nome do sujeito de pesquisa ou responsável (cedente do convite de casamento):

Adriana Aparecida Anghewiche da Silva

Assinatura:



Eu, Profa. Dra. Mariangela Garcia Lunardelli, declaro que forneci todas as informações sobre este projeto de pesquisa ao participante (cedente).

Assinatura da pesquisadora:



Foz do Iguaçu, 09 de setembro de 2021.